

3. Análise dos diferentes períodos de imitação

3.1. Introdução

Que são as imitações? São moedas de curso irregular, uma vez que não foram emitidas por um centro emissor oficial e, deste modo, não contam com o controle directo de uma autoridade estatal. Estas moedas seguem sempre, com maior ou menor fidelidade, os padrões tipológicos e metrológicos das moedas oficiais nas quais se inspiram, apresentando em determinados casos alterações importantes do conteúdo metálico.

A imitação, que é um fenómeno inerente à moeda, pode ser: a) obra de privados que visam essencialmente o lucro, sendo as moedas fabricadas para enganar – moedas falsas; b) emissão local e autónoma que surge em momentos em que o numerário escasseia, de certo modo tolerada por uma autoridade estatal ou local, tratando-se, pois, de moeda de necessidade, e que não deve ser considerada propriamente falsificação.

Este diferente carácter da imitação, aceite unanimemente ou, pelo menos, de forma tácita pelos investigadores, cria um problema terminológico, já que não existe uma unidade para definir exactamente o fenómeno. Este evidencia-se nos vocábulos utilizados: Boon (1988², p. 102-188; 1978, p. 99-105) utiliza genericamente o termo “counterfeit” e “fausses”; Bastien (1985, p. 143-177) recorre indistintamente às palavras “imitations” e “counterfeit”; Depeyrot (1992, p. 95-99) prefere “fausse” e “imitation”; Gara (1978, p. 229-252), por seu lado, serve-se da palavra “falsificazione”.

A bibliografia sobre imitações do século IV é muito abundante. Praticamente desde o princípio deste século, as escolas numismáticas inglesa e alemã, primeiro, e a francesa, depois, produziram uma literatura prolífera sobre este tema. Sobressaem nomes como Cohen, Le Gentilhomme, Sutherland, Mattingly, Pearce, Hill, Kent, Alföldi e Callu. No que diz respeito à Península Ibérica, esta ficou praticamente à margem da investigação daquele fenómeno, que não é exclusivo da época tardia. Apenas contamos com pequenas análises na publicação das moedas de Conimbriga e nas mais recentes monografias de Belo e da villa de La Olmeda. Deste modo, a incorporação da Península nas investigações realizadas até ao momento no âmbito global do Império Romano tem-se visto limitada às referências a Conimbriga. Existem também pequenos artigos sobre achados avulsos da zona valenciana publicados por Arroyo Ilera nos anos 80, uma pequena síntese de Cepeda a respeito das imitações da moeda de *Magnentius* e um exíguo artigo de Abad Varela sobre a imitação *Reparatio Reipub*.

Duas circunstâncias contribuíram essencialmente para esta pobreza bibliográfica: em primeiro lugar, a escassa atenção tradicionalmente prestada às moedas baixo-imperiais; em segundo lugar, o facto de este tipo de material ter passado despercebido aos olhos de muitos dos que realizaram estudos numismáticos. As dificuldades na identificação e a escassa familiaridade com o problema deram origem a que este tipo específico de moedas fosse publicado sem ser distinguido das moedas procedentes de um centro emissor oficial.

3.1.1. Traços que definem uma imitação

Dois traços essenciais evidenciam especificamente que estamos perante uma moeda de imitação. Por um lado, o desconhecimento, em maior ou menor grau, da língua latina leva os gravadores de cunhos a cometer na transcrição das legendas erros de cariz muito diverso. Muitas vezes estas chegam a tal ponto de esquematização que as letras se convertem em simples traços irreconhecíveis. Por outro lado, geralmente, o estilo, a qualidade artística e a técnica utilizados na gravação das legendas e dos tipos são bastante deficientes. Assim, erros nas legendas aliados a uma tosca interpretação dos tipos são nitidamente indicativos de uma moeda de imitação, mas ambos os critérios, dissociados, perdem o seu poder de definição, tornando-se necessário grande cuidado na sua identificação.

Do mesmo modo, um terceiro critério de ordem metrológica pode também ser tido em consideração: quando o peso e o módulo da moeda se situam muito abaixo do peso oficial, é provável que estejamos perante uma imitação, mas de novo neste ponto torna-se necessário ser prudente, porque, dentro de uma mesma série, o peso quer da moeda oficial quer da moeda de imitação pode oscilar consideravelmente¹.

Na generalidade, a associação destes critérios permite reconhecer a maior parte das imitações, mas quando os mesmos se diluem e nos encontramos perante o que poderíamos denominar como uma moeda de “imitação de boa qualidade” ou uma moeda “oficial de má qualidade”, surgem dúvidas, e colocamo-nos face a um problema intrínseco à própria existência das imitações, que não é fácil de resolver. Estabelecer a fronteira a partir da qual deixamos de estar perante uma moeda produto de um centro emissor oficial para podermos começar a falar de uma moeda de imitação depende, infelizmente, de um critério muito subjectivo, pelo que é praticamente impossível contar com uma linha unitária que permita definir essa fronteira. Para uns, determinada peça seria claramente uma imitação enquanto, para outros, essa mesma peça poderia ser considerada oficial.

Assim, as cópias inspiradas em protótipos de “grande módulo”, como é o caso dos *nummi* tetrárquicos e dos *nummi* posteriores a 318 e do Ae2, pelas suas características físicas e pelo atractivo que tiveram para o entesouramento – com um peso e módulo próximos do seu protótipo e o bom estado de conservação em que se encontram na maioria das vezes – reconhecem-se facilmente.

No entanto, a identificação torna-se muito mais complicada quando se trata de emissões de “pequeno módulo”, como é o caso dos *Gloria Exercitus* e afins e dos Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”, com uma intensa circulação, sobretudo quando as próprias moedas oficiais acusam diferenças importantes de peso, módulo e estilo, dificuldades que se agravam nos casos em que o processo da cunhagem deixou as legendas fora do *flan*.

Se as pequenas cópias, *minimi* e *minimissimi*, de estilo “bárbaro” não deixam lugar a dúvidas, não acontece o mesmo com as cópias de módulo semelhante ao dos seus protótipos e de uma qualidade que se poderia confundir com uma moeda de um centro emissor oficial. Perante esta circunstância, a identificação de tais moedas, como já referimos, baseia-se num critério muito subjectivo, sendo a este respeito muito significativas as palavras de Bost (no prelo, p. 115): “Si certaines copies se révèlent immédiatement à l’examen, par leur caractère frustré associé à un module réduit et à un poids faible (mais ce n’est pas là un critère absolu), beaucoup, em revanche, sont d’une qualité parfois remarquable et il nous est souvent arrivé d’hésiter – surtout dans les séries de 330-348 – au moment de déterminer leur classement, car ces pièces d’assez bonne facture ne se distinguent guère des fabrications peu soignées des ateliers officiels. Nous avons décidé que lorsque le diamètre du flan

tombe au-dessous de 14 mm, lorsque l'épaisseur de celui-ci est inférieure à 1,5 mm et que de nettes maladdresses dans le dessin déclenchent le doute, il s'agissait d'imitations. Sans être certains cependant que nous avons su faire dans tous les cas (notamment dans les séries au cavalier d'après 353) le départ entre frappes officielles affectées de faiblesses d'ateliers et produits clandestins”.

A dificuldade em separar as imitações das moedas oficiais acentua-se ainda mais quando se trata de emissões de Ae4 de finais do século IV (*Victoria Aug[gg]* e *Salus Reipublicae*), já que o seu pequeno módulo, o seu peso e o seu estilo quase não se distinguem dos das imitações; as *Salus* do centro emissor de Roma constituem um claro exemplo desta situação, sendo, neste caso, o seu pequeno módulo o factor que impõe mais limitações².

Boon publicou em 1974 um excelente artigo, intitulado “*Counterfeit coins in Roman Britain*”, no qual, tendo como âmbito a área britânica, sintetizou e expôs claramente o fenómeno da falsificação-imitação de moeda ao longo do Império Romano, recorrendo aos termos, “endémico” e “epidémico”, a fim de distinguir a diferente base estrutural que define as fases de imitação de moeda. De acordo com palavras de Bastien (1985a, p. 143), a *falsificação endémica* corresponde a “the constant imitation in small quantities of the regular coinage”, enquanto a *falsificação epidémica* corresponde à colocação de “a larger number of copies into circulation”. Dois vocábulos que, uma vez mais, fazendo nossas as palavras de Bastien (1985b, p. 143), traduzem o significado do fenómeno e “merecem ser de uso generalizado”.

Em conformidade com o nosso objectivo de tentar dar uma visão global do fenómeno da moeda de imitação na Península durante o século IV, e desde que os dados que reunimos o permitam, dividimos a presente análise em duas partes que correspondem às duas fases estruturais definidas por Boon. O nosso propósito é o de comprovar a sua repercussão no contexto peninsular segundo as pautas marcadas para a Britânia e a Gália. À imagem do supracitado artigo de Bastien, analisamos o material de que dispomos conforme a arrumação estabelecida por este autor, com pequenas modificações, correspondente às divisões do sistema monetário.

Antes de iniciar a análise, é necessário fazer uma ressalva. Embora estas imitações de moeda de bronze do século IV estejam hoje muito mais bem documentadas do que há vinte anos, não deixam de existir grandes lacunas. Tal como expusemos na apresentação da nossa investigação, o desenvolvimento da mesma está sujeito a condicionalismos importantes.

As publicações de material numismático surgidas nos últimos vinte anos não contêm muitas vezes referências explícitas a imitações, podendo estas, em certas ocasiões, observar-se nas fotografias. Inclusivamente, nas publicações em que foram identificadas, mantém-se a dúvida sobre a autenticidade das percentagens, devido não só à grande dificuldade que existe na atribuição de determinados exemplares ao grupo de moeda oficial ou ao grupo de moeda de imitação, mas também à diferença de critérios na sua identificação; deste modo, podem existir disparidades importantes no estudo estatístico.

Pelo que anteriormente foi referido, a nossa informação a este respeito continua a ser muito limitada e fragmentada, de tal forma que o panorama oferecido pelos sítios em que as imitações estão documentadas apenas pode ser considerado como aproximado, não deixando de ser, ao mesmo tempo, expressão de uma realidade. Também não podemos esquecer que esta mesma realidade sofreria modificações importantes no caso de as numerosas moedas inclassificáveis que se encontram dentro das séries numismáticas do século IV esconderem um número importante de imitações. Deste modo, movimentamo-nos dentro de um campo muito vasto e hipotético.

3. 2. Períodos de imitação

Hoje é um facto indesmentível que, paralelamente à emissão oficial de moeda de bronze, existia durante todo o século IV no Império Romano uma fabricação contínua de moeda irregular, entroncada com a anterior numa circulação conjunta, de tal forma que praticamente cada grande inflexão no sistema monetário teria a sua réplica numa fase epidémica ou endémica de moedas de imitação que copiaria os tipos mais característicos da reforma introduzida. A intensidade do fenómeno será diferente segundo o período e os seus condicionalismos e segundo a área geográfica e as suas circunstâncias.

Devido à diferente incidência que este tipo de estudo teve sobre as distintas partes do Império, a informação actual, sobretudo no que diz respeito à sua distribuição geográfica, está muito fragmentada: a maior parte da informação procede da parte ocidental do Império, nomeadamente da Gália e da Britânia, graças à especial atenção prestada desde princípios deste século pelos numismatas das escolas alemã, inglesa e francesa. Outras áreas, como a Península Ibérica, a Península Itálica e o Norte de África, têm dado um contributo mais marginal. Na parte oriental do Império, há um importante vazio, dado que o nosso conhecimento de achados procedentes da Grécia e do Oriente é praticamente nulo.

Os períodos de imitação são estabelecidos conforme os ciclos que marcam as mudanças no sistema monetário: 1) 318-330; 2) 330-348; 3) 348-353; 4) 350-353, *Magnentius*; 5) 353-358; 6) 358-378; 7) 381-387, o Aez *Reparatio Reipub*; 8) 381-395/403³.

3.2.1. Fases epidémicas:

3.2.1.1. 318-330

A reforma de 318 marca uma autêntica linha divisória na história monetária romana tardia⁴. Acompanha a reforma uma regular actividade falsificadora que introduz, juntamente com os seus protótipos, cópias que imitam principalmente o tipo das *Victoriae Laetae Princ Perp*, do *Virtus Exerciti*, da *Beata Tranquilitas*, da *Sarmatia Devicta* e da *Providentiae Augg/Caess*. A sua distribuição geográfica está bem localizada na Gália (Bastien, 1985a, p. 164), nas Províncias Danubianas (Vasic, 1975, p. 79-83, 1978a, p. 115-132) e na Britânia (Boon 1988², p. 137; Kent, 1981, p. 79 e 90).

A ocorrência destas imitações é frequente nos tesouros ocultos depois de 318, mas esta presença assenta em débeis percentagens. A interpretação dada por Bastien (1985a, p. 164) para estas baixas percentagens, baseada, por um lado, na selecção inerente ao entesouramento que tendeu a discriminar as cópias de pior estilo e menor peso, e por outro, na possibilidade de que tenham sido incluídas imitações de qualidade entre as moedas oficiais quando se fizeram os inventários, é perfeitamente plausível.

Dos cinco sítios arqueológicos peninsulares que foram objecto de uma publicação científica mais exaustiva – La Olmeda, Clunia, Conimbriga, São Cucufate e Belo –, apenas se conhece uma imitação *Victoriae Laetae* em Belo, levando esta circunstância a acreditar numa importância nula do fenómeno para a área ibérica durante este período. Mas também é necessário considerar que tal exiguidade corresponde perfeitamente ao escasso numerário oficial de 318-330 que se encontra nos sítios arqueológicos, em relação ao total de moedas do século IV⁵.

Se considerarmos os tesouros do século IV conhecidos na Península, apenas dois tesouros, Monte Mozinho II⁶ e Zona del Bierzo, se inscrevem num horizonte cronológico entre 318 e 330. No primeiro tesouro, as imitações ocorrem juntamente com os seus protótipos numa percentagem importante (11,45%) sobre o total de exemplares do conjunto⁷, que se eleva a 15,62%, se apenas atendermos aos exemplares (oficiais e de imitação) que cor-

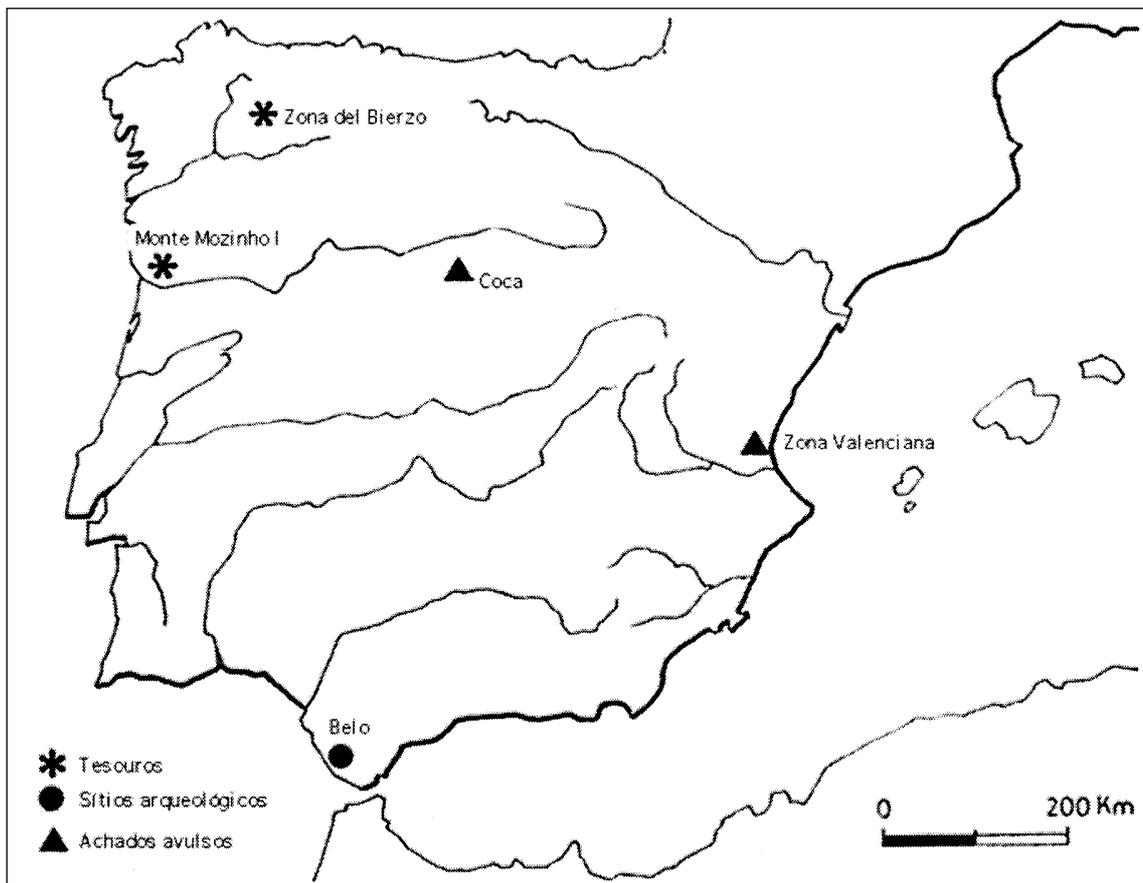
respondem aos tipos imitados (Quadro 1). Entre estes, é o reverso *Victoriae Laetae* o mais abundante, facto que entra perfeitamente dentro da tónica constatada fora da Península. Do segundo tesouro⁸, conhece-se um pequeno lote de 20 exemplares entre os que se encontra uma imitação com o tipo *Providentiae Augg.*

Quadro 1

Distribuição de moeda oficial e imitações segundo os tipos de reverso que as imitações copiam

Monte Mozinho II	Oficial	Imitação	Total	% ⁹
<i>Victoriae Laetae</i>	15	5	20	25,00
<i>Caesarum Nostrorum</i>	20	3	23	13,04
<i>Virtus Exerciti</i>	6	1	6	14,28
<i>Beata Tranquilitas</i>	17	2	19	7,41
<i>Providentiae</i>	23	4	27	14,81
Total	81	15	96	
%	84,38	15,62	100	

Os outros pontos da Península em que se localizam estas imitações são a Zona Valenciana, onde, entre o conjunto de 39 imitações de várias séries de moedas procedentes de achados avulsos da área valenciana, se encontram quatro *Victoriae Laetae* e um *Virtus Exerciti* (catálogo de imitações, p. 85, n.ºs 1-5) e Coca, onde existe uma imitação *Victoriae Laetae* (catálogo de imitações, p. 84, n.º 1).



MAPA 1 – Localização das imitações do período 318-330.

Perante este pequeno grupo de exemplares, é difícil pronunciarmo-nos sobre se estas imitações teriam sido, ou não, fabricadas numa oficina local situada nalgum ponto da Península próximo do castro de Monte Mozinho(?), mas as marcas de centro emissor (Quadro 1a) que levam as imitações de Monte Mozinho II (seis levam a marca de Treveri, uma, a de Lugdunum, duas, a de Roma, uma, a de Arelate e cinco são de centro emissor indeterminado) apontam para uma procedência extrapeninsular, designadamente gálica e itálica.

Dos exemplares da área valenciana, o *Virtus Exerciti* leva a marca de Treveri, enquanto as duas marcas legíveis das *Victoriae Laetae* se inspiram no centro emissor de Siscia, tendo assim uma possível procedência oriental. O mesmo acontece com o exemplar do tesouro da Zona de El Bierzo, que apresenta a marca de Siscia. O exemplar de Belo tem também a marca de Treveri e o de Coca é de centro emissor indeterminado.

Quadro 1a

Distribuição das emissões de 318-330 e respectivas imitações segundo a marca de centro emissor

M. Mozinho	II	Lo	Tr	Lu	Ar	Ti	Ro	Aq	Si	He	Co	Ni	Cy	An	?	Total
<i>Victoriae</i>	Of.	3	3	3	2	1			2						1	15
	Im.		4												1	5
<i>Caesarum</i>	Of.		3	1	7		2	1	5	1						20
	Im.			1			2									3
<i>Virtus</i>	Of.		1		4		1									6
	Im.														1	1
<i>Beata</i>	Of.	5	8	2											2	17
	Im.		2													2
<i>Providentiae</i>	Of.	1	6		2		4			3	1	2	2	2		23
	Im.				1										3	4
Total	Of.	9	21	6	10	1	7	1	7	4	1	2	2	2	3	81
	Im.		6	1	1		2								5	15

A afinidade com os seus protótipos quanto ao estilo, ao peso e ao módulo, aliada aos dados que oferecem os tesouros ocultos antes e depois da redução ponderal de 330, situa a emissão destas imitações numa data relativamente próxima dos anos em que os seus protótipos foram batidos¹⁰. Não dispomos dos pesos das imitações de Monte Mozinho II, mas somente do seu módulo: 17,78 mm (módulo médio). O exemplar do tesouro da Zona de El Bierzo tem 2,07 g e 16 mm. As cinco imitações da Zona Valenciana têm um peso médio de 2,55 g e um módulo médio de 17,30 mm. O exemplar de Belo tem 1,87 g e 16 mm e o exemplar de Coca tem 2,23 g e 17 mm (o peso teórico destas emissões oficiais, correspondente a 1/96 da libra, é de 3,40 g).

As imitações do tesouro de Bikic-Do têm um peso médio de 3 g, observando-se, nalguns casos, traços de prata; no entanto, a liga que apresentam é inferior à oficial¹¹, de tal forma que a única característica reveladora da sua origem fraudulenta é o estilo dos tipos e das legendas. Deste modo, para Brenot (1978, p. 16-17) trata-se de uma amoedação de falsários e não de uma amoedação de apoio ou de necessidade. O carácter desta moedagem irregular, que, com um bom peso, um bom módulo e uma cobertura metálica inferior, procura enganar o utente, é o de falsificação. A sua profusão explica-se facilmente por um aumento do valor nominal do *nummus* relativamente ao período precedente, quer de 25 denários a 100 como preconiza Depeyrot (1992, p. 57), quer, de novo, a 25 denários, supondo que existiu uma descida para 12,5 denários num momento anterior, como em tempos defendeu Callu (1976, p. 232; 1978b, p. 212),

considerando este autor que se trataria dum tráfico manejado por falsificadores alertados pela retarificação do *nummus*. Mas se, desde o ano 308, o valor nominal se mantém constante a 25 denários, como mais recentemente sustentou Callu (1986, p. 179-180, n. 45; Callu e Barrandon, 1986, p. 565, n. 43, onde rejeitam definitivamente a descida do *nummus* a 12,5 denários nos anos anteriores à fractura de 318), a desmonetização das espécies anteriores e uma emissão moderada seguindo uma linha deflacionista, depois da consolidação do novo *nummus* com uma cobertura metálica melhorada, deixa margem de manobra suficiente para a actividade dos falsificadores.

3.2.1.2. 330-348

A segunda fase epidémica de moedas de imitação é constituída pelas cópias que reproduzem os tipos dos *nummi* da reforma de 330, e tem continuidade nas emissões posteriores à redução ponderal de 335/6¹². As imitações recriam neste momento os tipos tão comuns que marcam os picos inflacionistas da produção monetária do século IV: copiam essencialmente os reversos *Gloria Exercitus* – “um estandarte”, o *Gloria Exercitus* – “dois estandartes” e as “séries urbanas” de *Urbs Roma* e *Constantinopolis*. As emissões em honra das imperatrizes Helena (com o reverso *Pax Publica*) e Theodora (com o reverso *Pietas Romana*), assim como as imitações das emissões do período 347-348 (com o reverso *Victoriae dd auggq nn*), foram fabricadas em menor escala.

As imitações dos protótipos de 330-348 são uma autêntica “epidemia”, especialmente na Gália e Britânia, tal como ficou amplamente demonstrado a partir do *corpus* de imitações – tesouros e achados avulsos – elaborado por Callu e Garnier (1977, p. 281-315), ao qual continuamente se somam novos achados.

As percentagens que representam estas emissões irregulares são variáveis: por exemplo, o tesouro de Appleford apresenta 162 imitações do período 330-348 (3,89%) sobre 4160 exemplares regulares (num total de 5752), tesouro que encerra com quatro exemplares de 348-350 e, portanto, oculto cerca de 350 d.C. (King, 1977, p. 41-106); o tesouro de Maidenhatch é formado quase exclusivamente por imitações do período 330-341 (5809 exemplares), não inclui emissões de 341-348 e foi oculto por volta de 347 (Butcher, 1992, p. 160-174). Na Gália, o tesouro de Poitiers inclui 34 imitações (66,67%) sobre 51 exemplares do período 330-348, tendo sido oculto entre 341-348 (Depeyrot, 1990, p. 865-869).

Quando, em 1977, Callu e Garnier publicaram o *corpus* de imitações, somente localizaram achados na Península Ibérica (as únicas referências que constam no dito *corpus* reportam-se às moedas de Conimbriga e ao tesouro de Monte Mozinho III), Itália, Jugoslávia, Grécia e Norte de África¹³.

Nesta ocasião, localizámos tais emissões em 13 sítios hispânicos e em 13 tesouros do século IV (Quadro 2).

Sítios	Oficial	Imitação	Total	%
La Olmeda	185	0	185	–
Clunia	54	0	54	–
Huesca	96	2	98	2,04
Maresme	65	2	67	2,99
Barcino	66	11	77	14,29
Tarraco	42	0	42	–
Complutum	50	1	51	1,96
Menorca	21	0	21	–
Pollentia	35	1	36	2,78
Conimbriga	1852	12	1864	0,64

Sítios	Oficial	Imitação	Total	%
São Cucufate	56	2	58	3,45
Grau Vell	50	5	55	9,09
Portus Illicitanus	46	0	46	–
Itálica	52	0	52	–
La Lantejuela	40	2	42	4,76
Belo	333	20	353	5,67
Z. Valenciana	–	9	9	–
Sevilha	–	3	3	–
Casabermeja	6	1	7	14,29
Total	3024	71	3095	2,29

Quadro 2.

Repartição das emissões do período 330-348 e suas imitações¹⁵

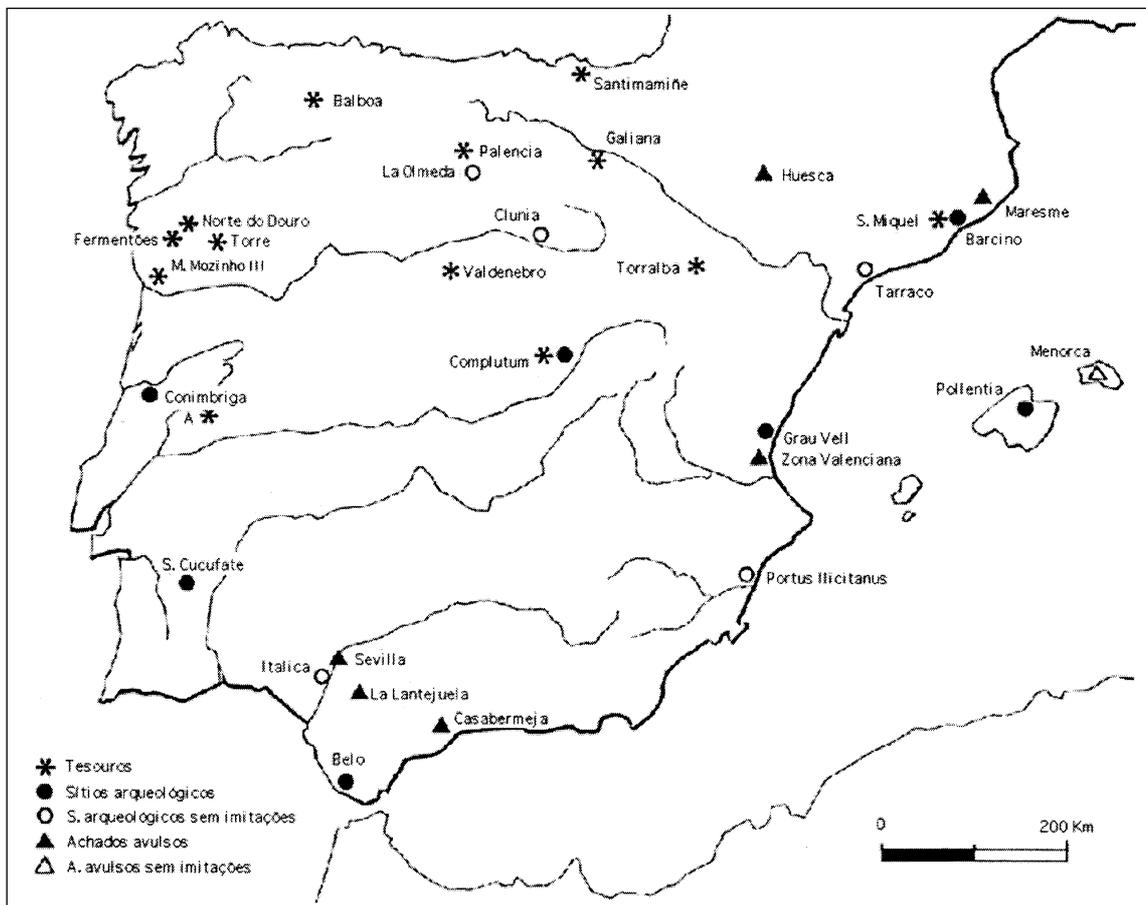
Tesouros	Oficial	Imitação	Total	%
Santimamiñe	17	1	18	5,56
Balboa	12	1	13	7,69
Palencia	115	1	116	0,86
Galiana	234	6	240	2,50
Torralba de Ribota	8	2	10	20
Sant Miquel	38	11	49	22,45
Valdenebro	2	1	3	33,33
Norte do Douro	2148	26	2174	1,20
Monte Mozinho III	58	1	59	1,69
Fermentões	154	6	160	3,75
Torre	973	77	1050	7,33
Complutum	107	6	113	5,31
Conimbriga A	86	4	90	4,44
Total	3952	143	4095	3,49

NOTAS AO QUADRO:

A percentagem de imitações é calculada sobre o total de moedas do período 330-348.

SÍTIOS:

- La Olmeda: achados de circulação (Campo, 1990, cálculo a partir do Quadro 8, p. 24).
- Clunia: achados de circulação e depósito monetário (Gurt, 1985, p. 330-334).
- Huesca: achados avulsos da província de Huesca (Dominguez et al., 1996, p. 146-158).
- Maresme: achados avulsos de área rural (Gurt, 1979, Quadros 7 e 8, p. 77-78).
- Barcino: achados de circulação (Marot, 1987, p. 222; 1991, p. 421, gráfico).
- Tarraco: achados da necrópole (Avellá, 1979, p. 66).
- Complutum: achados de circulação (Fernández-Galiano, 1984, p. 403-429).
- Menorca: achados avulsos da ilha de Menorca (Campo, 1979, p. 107).
- Pollentia: achados de circulação (Mattingly, 1983, p. 244-230).
- Conimbriga: achados de circulação (Pereira et al., 1974, cálculo a partir do Quadro, p. 250-251).
- São Cucufate: achados de circulação (Bost, 1990, cálculo a partir do Quadro 10, p. 221).
- Grau Vell: achados de circulação (Arroyo Ilera, 1985a, p. 231-241; Aranegui Gascó, 1980, p. 71-77).
- Portus Illicitanus: achados de circulação (Arroyo Ilera, 1986, p. 262-263; Abascal, 1989, p. 117-119).
- Itálica: achados de circulação (Chaves, 1979, cálculo a partir do Quadro 8, p. 85).
- La Lantejuela: achados avulsos (Arroyo Ilera, 1982, p. 172-173).
- Belo: achados de circulação (Depeyrot, 1987, cálculo a partir do Quadro 41, p. 80).
- Zona Valenciana: achados avulsos, unicamente imitações, da área valenciana (Arroyo Ilera, 1980, p. 88-90).
- Sevilha: achados avulsos, unicamente imitações, da zona sevillhana (Arroyo Ilera, 1981, p. 271-272).
- Casabermeja: achados avulsos da área malacitana (Mora Serrano, 1993, p. 186-190).



MAPA 2 – Localização das imitações do período 330-348.

Os dados constantes do Quadro 2 e do mapa 2 reflectem o estado incipiente da nossa informação. É também notória a distribuição destas emissões irregulares nalguns pontos da costa mediterrânea (Barcino, zona do Maresme, Pollentia, Saguntum, Grau Vell e Casabermeja – Málaga, embora estejam ausentes em Tarraco¹⁶, na ilha de Menorca, no Portus Illicitanus e em Itálica), no estreito (Belo), ao longo da faixa atlântica (nos tesouros de Fermentões, Monte Mozinho III, Torre¹⁷, Conimbriga A, entre o material do Norte do Douro, nos sítios arqueológicos de Conimbriga e São Cucufate) e num pequeno depósito da costa basca (Santimamiñe).

Por outro lado, a não-representação destas imitações na *villa* de la Olmeda ou na cidade de Clunia pode fazer pensar num fenómeno que apenas abrange as linhas costeiras e as suas áreas próximas, zonas com uma vida comercial mais activa e com maior necessidade de numerário que obriga as gentes a aceitar estas emissões irregulares (Campo, 1990, p. 32). No entanto, os tesouros mostram-nos como estas cópias circulavam também em zonas mais remotas da Península: encontramos-las igualmente nos tesouros de Balboa, Palência, Galiana, Torralba de Ribota e Complutum; inclusivamente, a mais recente publicação de achados monetários de Huesca revela a sua existência nesta zona. Desta forma, a circulação não se restringe às referidas áreas litorais, mas passa a ser um fenómeno de carácter mais geral, embora o seu peso real apenas se possa estabelecer quando contarmos com um maior volume de informação para toda a Península¹⁹.

As percentagens correspondentes a estas imitações são sempre relativas, variando entre 0,64% de Conimbriga²⁰ e 14,29% de Barcino. Sem dúvida, as áreas litorais, mais abertas aos intercâmbios, receberam mais facilmente este numerário irregular, tal como manifesta a circulação de Barcino e o seu tesouro da Praça de Sant Miquel (22,45% de imitações) ou de Belo, já no início da costa atlântica, com 5,8%. À excepção do tesouro de Torre (7,33%), os tesouros do interior apresentam percentagens inferiores, que oscilam entre 0,86% de Palência e 5,31% de Complutum²¹.

Em linhas gerais, e prescindindo das variantes regionais, podemos dizer que as emissões oficiais que neste período abastecem a Península de numerário têm a sua origem principalmente na Gália, sendo primordial o papel de Arelate, ao mesmo tempo que a sua produção se complementa com a dos outros dois centros emissores gálicos, Treveri e Lugdunum. Estes três centros emissores, juntamente com as cunhagens de Roma, no quadro de uma importância crescente, configuram um circuito tipicamente ocidental em que as produções orientais têm também já um lugar relevante (Quadro 2a).

Quadro 2a.

Distribuição das emissões oficiais do período 330-348 por centros emissores²³

	Torre	%	Galiana	%	Conimbriga	%	Belo	%
Treveri	95	11,71	24	13,00	123	11,18	11	7,05
Lugdunum	90	11,10	19	10,30	134	12,18	7	4,49
Arelate	233	28,73	62	33,50	314	28,55	44	28,21
Roma	159	19,61	33	17,80	272	24,73	54	34,62
Restantes ²²	234	28,85	47	25,40	257	23,36	40	25,64
Total	811	100	185	100	1100	100	156	100

Procedência das imitações

Tal como se observa nos Quadros 2b e 2c, a maior parte das imitações são de exergo ilegível ou inatribuível (98 exemplares sobre um total de 175=56%), mas, nos casos em que estas são atribuíveis a um ou outro centro emissor (77 exemplares ao todo), apresentam, quase na sua totalidade, marca de centro emissor gálico: 45,45% copiam a marca de Treveri (35 exemplares), 36,36% a de Lugdunum (28 exemplares) e 11,68% a de Arelate (nove exemplares). Só dois exemplares copiam a marca de Roma, um a de Siscia, um a de Nicomedia e outro a de Constantinopolis.

Quadro 2b.

Repartição das imitações do período 330-348 por marcas de centro emissor nos diferentes sítios, segundo os tipos de reverso²⁵

Sítios	Tr	Lu	Ar	Ro	Ni	?	Total	
Huesca	1		1					<i>Gloria Exercitus</i> ,
Z. Valenciana		1						2 estandartes
Grau Vell						1		
Belo						1	5	
Complutum						1		<i>Gloria Exercitus</i> ,
Conimbriga		2				4		1 estandarte
Grau Vell						2		
Z. Valenciana	2		1		1			
La Lantejuela ²⁴						1		

Sítios	Tr	Lu	Ar	Ro	Ni	?	Total	
Casabermeja						1		
Belo		1	2	1		4	23	
Pollentia						1		Constantinopolis
Z. Valenciana						2		
Conimbriga	2							
S. Cucufate	1							
La Lantejuela						1		
Sevilha						1		
Belo						3	11	
Conimbriga	1							Vrbs Roma
Grau Vell						1		
Sevilha						2		
Belo						4	8	
Conimbriga	1	1				1		Victoriae dd auggq nn
Grau Vell						1		
Z. Valenciana	1					1		
S. Cucufate						1		
Belo						4	11	
Total	9	5	2	1	1	40	58	

Quadro 2c

Repartição das imitações do período 330-348 por marcas de centro emissor nos diferentes tesouros, segundo os tipos de reverso²⁶

Tesouros	Tr	Lu	Ar	Ro	Si	Cp	?	Total	
Fermentões	1								Gloria Exercitus,
Torre	1	3				1	4		2 estandartes
Conimbriga A	1							11	
Balboa		1							Gloria Exercitus,
Galiana	1		1						1 estandarte
Torralba de Ribota							1		
Sant Miquel							4		
Fermentões	1						1		
Monte Mozinho III		1							
Torre	9	6	2		1		11		
Complutum		1					3	44	
Palencia							1		Constantinopolis
Galiana	1								
Sant Miquel		1					4		
Torre	1	2					4		
Conimbriga A		1						15	
Sant Miquel							1		Vrbs Roma
Torre		3					1	5	
Complutum							1		Pax Publica
Sant Miquel							1	2	
Fermentões							1	1	Quadriga

Tesouros	Tr	Lu	Ar	Ro	Si	Cp	?	Total
Santimamiñe							1	<i>Victoriae dd auggq nn</i>
Galiana		1	2					
Valdenebro							1	
Fermentões				1			1	
Torre	10	3	1				13	
Complutum							1	
Conimbriga A			1				1	38
Torre							1	1 <i>Vota xx mult xxx</i>
Total	26	23	7	1	1	1	58	117

Por um lado, a distribuição das marcas de centro emissor gálico entre as imitações coincide, muito parcialmente, com a distribuição que se observa entre o numerário oficial (Quadro 2a), em que Arelate é o centro emissor mais bem representado, logo seguido de Roma. Por outro lado, o predomínio das marcas de Treveri e de Lugdunum entre as imitações corresponde perfeitamente à situação que se observa nas regiões do Norte da Gália, onde muitas das imitações trazem o pseudo exergo destes dois centros emissores (Delmaire, 1983a, p. 340). Assim, as imitações que aparecem na Península aparentam ter, na sua maioria, uma origem gálica.

Cronologia e origem destas emissões

É opinião generalizada que a parte essencial da produção gálica e britânica deste numerário irregular está relacionada com a escassez de numerário que sofrem estas áreas. As causas desta escassez e o período concreto em que se situa a sua produção, aspectos intimamente ligados, variam segundo os investigadores.

A cronologia destas emissões, já desde princípios deste século, constitui um motivo de discordância. Esta deu lugar a um importante debate entre os estudiosos que ainda hoje se mantém em aberto. A discussão sobre a sua cronologia está associada aos dois tipos de imitações, com base nas diferenças metrológicas e estilísticas que ambos acusam.

Um tipo de imitações segue de perto as características de peso e módulo dos seus protótipos, geralmente mais próximas aos de 1/192 da libra (1,70 g), apesar de copiarem também protótipos com um talhe de 1/132 (2,47 g) – os *Gloria Exercitus* – dois estandartes e as séries urbanas –, com um estilo iconográfico mais ou menos cuidado. Entretanto, outras imitações vêm-se reduzidas à mínima expressão metrológica e estilística, pelo que são denominadas *minimi* e *minimissimi*, chegando inclusivamente a atingir os 0,20 g e 7 mm.

Cohen (1955², p. 379) atribuiu estas imitações constantinianas ao reinado de Anastásio: “Il existe encore une foule de très petites médailles de Constantin II, plus ou moins barbares, avec les revers *Gloria Exercitus* qui, de même que celles de Constantinople et de Rome, paraissent avoir été frappées du temps d’Anastase?”; Sutherland (1937, p. 79-85), Mattingly (1934, p. 255-268) e Hill (1950, p. 235-237)²⁷ colocaram-nas com carácter ressurgente nos inícios do século V; Le Gentilhomme (1943, p. 64, 78-79, n. 22 bis) situou os *minimi* constantinianos durante a usurpação de *Magnentius*: “...ces minimi constantiniens, celles surtout du type du cavalier perse...exclut..., une fabrication de ces monnaies propre aux peuples barbares, Francs, Alamans ou Burgondes et oblige à reporter la plupart de ces pièces à une date sensiblement contemporaine de celle des types imités. L’émission d’une grande partie de ces minimi doit appartenir à la période troublée du règne de Constance II, contemporaine de l’usurpation de Mayence (sic)”.

Actualmente as opiniões agrupam-se à volta de duas tendências: há quem defenda uma relativa contemporaneidade entre protótipos e cópias e há quem advogue uma cronologia mais ampla.

A escola inglesa, representada por Kent (1957, p. 61-68, 1981, p. 90), Boon (1988², p. 138-139) e Reece (1972, p. 274, 1973, p. 243), aglutina-se em torno da primeira tendência: estas emissões irregulares têm o seu início pouco depois da introdução dos protótipos constantinianos. Gradualmente perdem peso e módulo, continuando a ser fabricadas aproximadamente em 340, sem que ultrapassem a data de 346, momento em que todos os centros emissores do Império cunham as *Victoriae dd auggq nn*, passando as imitações a copiar o novo protótipo. Estas cópias preenchem o vazio monetário deixado na circulação pela completa interrupção da cunhagem de moeda de bronze em todo o Império entre 341 e 346²⁸.

Entre os representantes da escola alemã, M. R. Alföldi (1960-1961, p. 80-84), ao estudar um pequeno tesouro de uma fonte de Colónia que inclui uma imitação *Urbs Roma* e três imitações *Fel Temp Reparatio* de pequeno módulo, situa-o, segundo o contexto histórico e arqueológico, em 360, considerando este tesouro como uma amostra da circulação destas emissões depois de 350. Binsfeld (1973, p. 119-125), com base noutro tesouro, Traben-Trarbach, composto por numerosas imitações, *minimi* constantinianos e Ae2 de *Magnentius* e *Constantius II*, emissões que encerram o tesouro, situa o fabrico das imitações constantinianas durante a usurpação de *Magnentius*.

A escola francesa mantém-se dividida entre as duas tendências:

Callu e Garnier (1977, p. 289-294) aceitam o começo destas emissões ao mesmo tempo que os seus protótipos, mas advogam a continuidade e uma maior intensidade no fabrico das cópias constantinianas para além do ano 346, embora agora limitada a ocidente, e defendem uma datação posterior para as pequeníssimas imitações. Colocam a execução dos *minimi* depois da queda do usurpador, numa actividade paralela à imitação da série dos Ae3 *Fel Temp Reparatio*, momento em que os imitadores seguiram os tipos constantinianos, já que estes constituíam uma parte importante do stock em circulação uma vez que as espécies dos anos 348-354 foram retiradas.

Estes autores acrescentam argumentos estilísticos e de hibridismo. Servem-se, por um lado, de um *Gloria Exercitus* – “dois estandartes”, cuja iconografia de anverso apresenta características muito próximas das cópias de *Magnentius* e, por outro, do tesouro de Fontaines Salées, onde as quatro imitações que o integram reproduzem no anverso o busto e a titulação de *Constantius II* e no reverso associam à legenda *Victoriae dd auggq nn* o tipo das duas vitórias de *Magnentius* com a marca de centro emissor - - // [?]CON²⁹. Da mesma forma, inserem a fabricação destes *minimi*, primeiro, no contexto conflituoso que atravessa a Gália entre 352-359, em contínua luta contra os bárbaros que assolam o território; segundo, na escassa actividade, durante estes anos, do centro emissor de Treveri, que apenas cunha uma única emissão de Ae3 *Fel Temp Reparatio*, sendo o principal fornecedor da Gália do Norte, da Germânia e também da Britânia, desde o encerramento da oficina de Londinium e, terceiro, na incidência das medidas tomadas em 354.

Cabarrot e Nony (1980, p. 55) subscrevem igualmente esta datação. Quando os pesos das imitações estão próximos dos seus protótipos, são contemporâneas destes, mas quando os pesos são muito inferiores e comparáveis aos da série posterior, a do Ae3 *Fel Temp Reparatio* imitação, são contemporâneas desta série, tal como propõem Callu e Garnier. Sustentam também que nada permite colocar o termo destas duas séries de imitações entre 358 e 364, que, para eles, podem ter sido realizadas para além desta data.

Neste mesmo sentido também se manifesta Delmaire (1983a, p. 342-343), para quem as imitações de bom peso e módulo seriam cunhadas pouco depois das emissões originais,

enquanto as imitações – *minimi* são certamente muito posteriores, subscrevendo, neste ponto, totalmente as conclusões de Callu e Garnier. Por outro lado, baseia a confirmação desta hipótese na paridade de estilo entre alguns exemplares de *minimi* constantinianos e de *minimi Fel Temp Reparatio*, com o reverso do “cavaleiro derrubado”, sobretudo no que diz respeito aos bustos com diadema no anverso, geralmente de pérolas, quando as emissões oficiais constantinianas levam diadema de louros ou de rosetas; o diadema de pérolas só aparece no Ocidente com a emissão das *Victoriae dd auggq nn*, depois de 341. Um dos *minimi* de Hénin-Beaumont associa um anverso com a cabeça com capacete, próprio das séries urbanas, com um reverso do tipo *Fel Temp Reparatio*.

A diminuição que se constata na produção depois de 341 é insuficiente para justificar a abundância das imitações – *minimi*; pelo contrário, estas encontram melhor justificação na maior escassez da produção entre 346 e 365. Perante o encerramento do centro emissor de Treveri, as regiões do Noroeste da Gália superam o seu deficiente aprovisionamento em numerário pequeno com os *minimi*, imitando os principais tipos em circulação que são as moedas constantinianas juntamente com raros *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” oficiais (as suas imitações são mais numerosas nestas regiões).

A simultaneidade entre protótipos e as suas imitações tem defensores em Bastien, Depeyrot e Lallemand e também, mais recentemente, em Wigg.

Bastien (1985a, p. 167-168, 1985b, p. 135-136) não considera definitivos os argumentos destes investigadores. Nada prova que as imitações constantinianas tenham sido cunhadas depois do reinado de *Magnentius*, uma vez que a escassez de moeda no período 354-364 poderia muito bem ter sido colmatada por imitações Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” e por imitações fabricadas com anterioridade que se manteriam ainda em circulação. A presença destas imitações em tesouros ocultos depois de 353 pouco pode significar, pois são muitos os tesouros que incluem na sua composição moedas muito anteriores à data da sua ocultação.

A relação defendida por Callu e Garnier entre acontecimentos militares, penúria monetária e o fabrico de imitações que inundam a Gália do Norte e a Britânia serve, de acordo com Bastien, para o período 354-361, mas não para o período 337-350, durante o qual a Gália viveu em paz. É nestas datas que se difundiram primeiro as imitações constantinianas, depois as magnencianas, seguidas dos Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”. Na opinião de Bastien, os casos de associação de anversos e reversos diacrónicos são exemplos isolados, não sendo legítimo concluir a partir dos mesmos por uma continuidade no fabrico destas imitações depois de *Magnentius*.

Apesar da sedução que a teoria inglesa exerce neste investigador, o interregno entre 341 e 346 está ainda por demonstrar. As baixas percentagens de imitações de *Gloria exercitus* e afins que apresentam os tesouros de Heslington e Oldcroft – ocultos nas proximidades de 358 – em comparação com a proporção que atingem as imitações de *Magnentius* e dos Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” seriam a prova de que as emissões do período 330-341 foram rejeitadas em favor dos tipos introduzidos na circulação durante os anos seguintes. Assim, Bastien defende a contemporaneidade entre protótipos e imitações e a continuidade destas emissões irregulares apenas até 348.

Lallemand (1984, p. 55, 1987, p. 241-250) vê na raridade dos híbridos que unem anversos ou reversos dos protótipos do período 330-340 com peças posteriores a necessidade de proceder com cautela ao atribuir a estas peças uma grande importância cronológica. Ao analisar as imitações procedentes de Dourbes (Bélgica), defende também, salvo raras exceções, a contemporaneidade, ou quase, entre as imitações constantinianas e os seus protótipos, baseando-se para tal nas relações de hibridismo que existem entre elas e, também, nos pesos

e diâmetros médios dos diferentes tipos de imitações, que os denunciam como contemporâneos de cada um dos seus protótipos.

O conjunto de imitações do período 330-340 do sítio belga de Brunenaut-Liberchies (463 sobre 606 = 76,40%), apresenta uma importante quantidade de híbridos (62 sobre 463 = 13%); todos unem anversos e reversos de protótipos de 330-340; as misturas com emissões posteriores são muito raras (Lallemand, 1984, p. 55), como também demonstra o segundo sítio belga, Dourbes. Aqui, o conjunto de imitações do período 330-348 atinge os 73,21% (1205 imitações sobre um total de 1646 exemplares). As imitações do período 340-348 são menos numerosas, 35,93% (60 sobre um total de 167), mas o conjunto inclui igualmente imitações do período 354-358, Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”, 97,44% (114 sobre 117). Os híbridos de cada um destes três grupos, sendo muito mais numerosos os do primeiro, quase não se misturam entre eles. Os Ae3 *Fel Temp Reparatio* só têm dois híbridos com o busto de capacete das séries urbanas e, tal como a autora sustenta, nestas condições, é pelo menos pouco verosímil que os três grupos de imitações sejam contemporâneos (Lallemand, 1987, p. 241-250).

Depeyrot (1982a, p. 172-175, 1982b, p. 255-256), por seu turno, mostrou como, não só na Gália do Norte mas também na Gália do Sul, as quantidades de imitações dos anos 330-341 e as dos anos 354-357 definem duas fases diferentes: a primeira, entre 330-341, afecta sobretudo o norte da Gália enquanto a segunda fase é muito mais marcada em ambas as zonas, embora o seja menos na Gália do Sul que do Norte; em consequência, trata-se de dois fenómenos de imitação que se sucedem e não de um único e vasto movimento que se estende desde 330 até aproximadamente 357.

Wigg (1991, p. 126-134) rejeita a teoria de Callu e Garnier, que situa os *minimi Gloria exercitus* e afins posteriormente a 353, tal como as cópias de Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”. Por um lado, os achados avulsos demonstram que, na Bélgica, as aí escassas cunhagens oficiais de *Fel Temp Reparatio* foram copiadas em quantidade; mas, noutras regiões, como o norte do Reno, onde também eram raras, isto não aconteceu. Por outro, as imitações *Victoriae dd auggq nn* de 341-348 (habituais nos tesouros de 348-354) são pouco numerosas. Desta forma, considera que as imitações *Gloria exercitus* devem ter atingido o seu ponto áureo antes da circulação das *Victoriae* porque então estas seriam mais frequentes como cópias.

As mesmas considerações servem para os *minimi* de *Gloria exercitus* e afins. Se os *minimi* fossem cunhados depois de 353, esperar-se-ia que os *minimi* das *Victoriae* fossem mais numerosos que os de *Gloria exercitus* e afins, mas não é o caso. Se, tal como propõem Callu e Garnier, os dois grupos de imitações (*Gloria exercitus* e afins e Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”) tivessem surgido juntos, seria de esperar que circulassem conjuntamente e aparecessem nos tesouros na mesma proporção, mas tal não acontece; este facto torna impossível uma origem contemporânea. Também as cópias de “cavaleiro derrubado” estão frequentemente recunhadas, de tal forma que o tipo antigo é reconhecível sob a imitação, e, se os *Gloria exercitus* e *Fel Temp Reparatio* procedessem da mesma época, deveria haver igualmente recunhagens de *Gloria exercitus*.

Apesar de todos os argumentos contra a datação tardia de *minimi* e *Gloria exercitus*, Wigg considera que não se pode rejeitar totalmente o facto de algumas pequenas cópias poderem ser cunhadas depois de 348 e, mesmo, depois de 353. A associação de anversos e reversos diacrónicos, como a apresentada por Delmaire (moeda híbrida com o anverso das séries Urbanas e o reverso “cavaleiro derrubado”) é excepção pouco comum. No conjunto, o material mostra que a maior parte dos *Gloria exercitus* e *minimi* foram cunhados antes de 348.

Mais recentemente, Marot (1994, p. 388), ao analisar o tesouro de Sant Miquel (Barcino), composto quase exclusivamente por emissões regulares e irregulares do período 330-348, crê ser provável que estas imitações tenham sido fabricadas muito depois da redução ponderal

do ano 336, já que os seus pesos (média de 0,62 g) se afastam dos padrões metrológicos dos seus protótipos. Sugere mesmo, implicitamente, uma continuidade de fabrico destas emissões irregulares durante a época valentiniana, uma vez que estas peças se adaptariam perfeitamente ao Ae4 do período valentiniano e teodosiano.

Este tesouro é composto pelas emissões do período 330-348, mas também por um único exemplar de Ae2 *Reparatio Reipub* de 381-387 pelo que a sua cronologia, neste caso, seria aproximadamente de finais do século IV, como aponta Marot (1994, p. 387). O tesouro apresenta, deste modo, um importante lapso cronológico entre os dois conjuntos de emissões que o compõem, ao deixar de fora a moeda Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”. Nos vários casos que se conhecem de tesouros com estrutura similar, a moeda “alheia” considerou-se antes como elemento intruso que como elemento do conjunto. Mas Marot preferiu considerar o Ae2 como parte integrante do tesouro, dado que em vários conjuntos estratigráficos procedentes da cidade de Barcino, com um horizonte cronológico de finais do século IV d.C. ou inícios do V ou mesmo de finais do século V d.C., estas emissões do período 330-348 convivem com emissões posteriores estando também ausente a moeda posterior a 348 (Marot, 1991, p. 413-422). Pela nossa parte, achamos que a ausência do contexto estratigráfico do tesouro não permite rejeitar a hipótese de uma provável intrusão do Ae2 e, portanto, de um horizonte cronológico mais baixo, próximo de 348.

Podemos dizer que o único ponto em que estas duas tendências se encontram é na contemporaneidade entre emissões irregulares do período 330-348 e os seus protótipos, quando o módulo e o peso das primeiras está relativamente próximo dos seus originais; por outro lado comprovada por tesouros ocultos nas proximidades de 350, como o tesouro de Appleford ou o tesouro de Woodeaton, onde muito provavelmente as cópias de peso e módulo mais baixo foram afastadas destes tesouros por causa da seleção (King, 1977, p. 47-48; 1978, p. 44-47). Tesouros como o de Maidenhatch, que inclui cópias “ortodoxas” juntamente com *minimi* e que encerra cerca de 347, sem incluir as emissões de 347-348, teriam uma ocultação mais tardia segundo as teses defendidas por Callu e Garnier (1977, p. 281-296) para o tesouro de Reims (composto por 37 *minimi* do período 330-341 e uma cópia radiada). A produção dos *minimi* no período posterior a 353, segundo defendem estes autores, levaria a ocultação do tesouro de Reims e similares até 359. Esta tese tem sido recentemente rejeitada com veemência por Wigg (cfr. *supra*, p. 103). Já Boon (1988², p. 139) situou, contrariamente a Callu e Garnier, o achado de Reims até 348 perante a ausência de imitações com o reverso *Victoriae dd auggq nn*.

Quanto aos argumentos de paridade de estilo e hibridismo entre estas emissões irregulares de 330-348 e as emissões posteriores, que estão na base da sua datação tardia, não pensamos, com Bastien, Lallemand e Wigg, que sejam definitivos para levar a uma data posterior a 348 o essencial do fabrico destas cópias, tanto regulares como *minimi*³⁰. Por outro lado, Depeyrot demonstrou que ambos os grupos de imitações, as do período 330-341 e as do período 354-358, não configuram um único movimento mas dois movimentos diferentes. A necessidade de numerário provocada pela interrupção da cunhagem de moeda de bronze entre 341 e 346 explicaria a intensidade destas imitações, tal como defende a escola inglesa³¹.

Este argumento está em perfeita consonância com a tese de Depeyrot, que liga esta fase de produção de imitações ao envio das produções do centro emissor de Treveri para a Britânia e à diminuição das emissões deste centro desde o ano 336, duas circunstâncias que criarem falta de numerário nas zonas que antes alimentava este centro emissor (Depeyrot, 1982a, p. 174, 1982b, p. 256; embora para Depeyrot, que não aceita a tese inglesa, “ces frappes eurent lieu dès 330 et ne durent guère dépasser les années 340”).

Na ausência de uma série maior de achados, e perante a falta de provas irrefutáveis – como seria a descoberta de uma oficina irregular na Península – que demonstrem o fabrico local de emissões irregulares, os dados com que, no momento, contamos para a Península indiciam a pensar que estas imitações, perfeitamente incorporadas no circuito gálico, onde são necessárias, chegam à Península com o numerário oficial. A sua presença, distribuição e aceitação necessitam de ser relacionadas com os mecanismos inerentes à circulação mais do que com a própria necessidade que possam ter os sítios peninsulares de um numerário de complemento; por outro lado, estão sujeitos a um abastecimento de moeda fluido, não só de origem ocidental mas também oriental.

A longa vida das emissões oficiais do século IV e também das suas imitações está perfeitamente testemunhada pelos tesouros cuja data de ocultação se situa no século V d.C. (cfr., por exemplo, o tesouro de El-Djem, Tunísia; Kent, 1988, p. 185-194) e mesmo no século VI d.C. (cfr., por exemplo, o depósito da Illa de Cullera, Valencia; Marot e Llorens, 1996, p. 159-160), onde estão entesouradas com o material numismático destas épocas, e igualmente porque se encontram em contextos arqueológicos datados do século V d.C. e inclusive VI d.C., como é o caso de Barcino (Marot, 1987, p. 214-221, 1991, p. 413-422, 1995, p. 203-206) e Pollentia (Marot, 1990, p. 29-33; Gurt e Marot, 1994, p. 223-233). O desconhecimento, na maior parte das vezes, dos contextos arqueológicos em que o material numismático aparece impede a definição da imagem real da circulação das moedas do século IV.

Os contextos tardios em que se encontram as imitações dos protótipos do período 330-348 e outras de tipologia posterior são o testemunho de uma sobrevivência no circuito monetário em momentos muito posteriores à sua data de fabrico, tal como acontece com as moedas oficiais que copiam. E, de facto, pelas características metrológicas, ambos os grupos se inserem perfeitamente na circulação de época valentiniana ou posterior como muito bem referiram Marot (1994, p. 388) e Delmaire (1983b, p. 139) e como evidenciam, por exemplo, os tesouros “teodosianos” de estrutura Ae3-Ae4.

Marot (1997, p. 162), muito recentemente, ao tratar da circulação monetária na Península Ibérica nos séculos V e VI, ocupa-se também, embora de forma sumária, da moeda de imitação dos protótipos de 330-348 e 348-361. Sobre o conjunto destas imitações, e atendendo, por um lado, à proximidade das mesmas com o Ae4 ou *nummi* e, por outro, ao seu aparecimento em contextos arqueológicos datados do século V e inclusivamente mais tardios, quando conhecidos, sugere “que quizás se trataria de emisiones de cronología algo más avanzada que sus prototipos, sin duda relacionadas con la interrupción del suministro monetario en la península ibérica desde finales del siglo IV”.

A possível continuidade de fabrico de cópias inspiradas nos protótipos do período 330-341 ou do período 354-358, as duas tipologias mais abundantes, depois de terem deixado de ser emitidas, e uma vez que continuam a constituir um importante stock em circulação, só pode ser considerada como hipótese, tão difícil de corroborar como de refutar³².

Aspectos metrológicos

Estas imitações distribuem-se por uma multiplicidade de pesos e módulos que vai desde os *minimi* até as cópias metrologicamente correctas. É preciso considerar as cópias deste período segundo os diferentes tipos de reversos, uma vez que pertencem a momentos cronológicos distintos.

O primeiro protótipo a ser emitido foi o *Gloria exercitus* – “dois estandartes” (entre 330 e 335), com um peso teórico de 2,47 g. Os 16 exemplares de que temos o peso dão uma média de 1,34 g, sendo o tesouro de Torre o que inclui os exemplares de peso e módulo mais regu-

lar: seis imitações situam-se entre 1,09 g e 2,32 g e entre 13 e 16 mm. Este tesouro inclui também imitações de peso mais baixo, entre 0,84 g e 0,95 g, mas mantém um módulo de 13 mm (catálogo imitações, p. 63-64, n.º 1-9). Entre os achados avulsos destacam-se as duas imitações de Huesca com 1,53 g e 2,52 g e módulo de 17 e 16 mm, respectivamente (catálogo de imitações, p. 84, n.º 1-2).

Em 335 ou 336, o reverso *Gloria exercitus* – “dois estandartes” é substituído pelo reverso “um estandarte”. É este protótipo o mais copiado na Gália e na Britânia e as suas imitações são também as mais abundantes na Península (67 exemplares). O peso teórico desta emissão é de 1,72 g. Os exemplares peninsulares apresentam um peso médio de 1,16 g; com um peso mínimo de 0,10 g (Grau Vell, catálogo de imitações, p. 81, n.º 2), e um peso máximo de 1,95 g (Zona Valenciana, catálogo de imitações, p. 85, n.º 8). O módulo varia entre os 7 mm de um exemplar de Grau Vell (catálogo de imitações, p. 81, n.º 6) e os 16 mm de um exemplar de Torre (catálogo de imitações, p. 64, n.º 28).

Os exemplares destas duas séries, com o peso e o módulo mais regular, seriam produzidos contemporaneamente aos seus protótipos. Os exemplares de módulo inferior da primeira série, seriam cunhados em paralelo com os da segunda série.

As imitações das Séries Urbanas, *Urbs Roma* e *Constantinopolis*, estas cunhadas entre 330-341, apresentam médias bastante inferiores às das séries precedentes: 0,95 g (26 exemplares) e 0,65 g (oito exemplares), respectivamente.

Por último, é de destacar a importância da última série cunhada neste período (entre 347 e 348), a da *Victoriae dd augq nn*, que é composta por 49 exemplares. O peso médio destas imitações é de 1,24 g, tendo um peso máximo de 2,14 g (Galiana, catálogo de imitações, p. 62, n.º 4) e um peso mínimo de 0,40 g (Conimbriga A, catálogo de imitações, p. 67, n.º 4), apresentando um módulo entre 6 e 16 mm.

Quadro 2d.

Distribuição das imitações do período 330-348, segundo os tipos de reverso

Tipo de reverso	N.º Imitações	%
<i>Gloria exercitus</i> , 2 estandartes	16	9,14
<i>Gloria exercitus</i> , 1 estandarte	67	38,29
<i>Constantinopolis</i>	26	14,86
<i>Vrbs Roma</i>	13	7,43
<i>Pax Publica</i>	2	1,14
<i>Quadriga</i>	1	0,57
<i>Victoriae dd augq nn</i>	49	28,00
<i>Vot/xx/Mult/xxx</i>	1	0,57
Total	175	100

3.2.1.3. 348-350/353

A terceira “epidemia” de imitações está ligada à modificação do sistema monetário que *Constantius II* e *Constans* realizam em 348³³. Ambos os imperadores procuram o fortalecimento da moeda de bronze com a criação de um sistema do Aes articulado de novo em torno a três denominações: “grande Ae2”, “pequeno Ae2” e Ae3. Todas têm no reverso a legenda FEL TEMP REPARATIO embora os tipos sejam diferenciados: o “grande Ae2” apresenta os reversos da “galera” e do “cavaleiro derrubado”, o “pequeno Ae2” os reversos da “cabana” e dos “dois cativos” e o Ae3 os da “fénix” e da “galera”. Este fortalecimento da moeda de

bronze provoca uma nova onda de imitações, mas sem dúvida de carácter diferente e de menor volume que a série precedente.

A circulação destas imitações de Ae2 conhece-se, sobretudo, na Gália (Bastien, 1985a, p. 152), Britânia (Kent, 1981, p. 90; Boon, 1988², p. 139-140), Províncias Danubianas (Vasic, 1978a, p. 127-130; 1978b, p. 143) e Egipto (Bastien, 1982, p. 257-259).

A sua circulação na Península é muito limitada (Quadro 3 e mapa 3). Apesar de estarem ausentes em Clunia, na zona de Huesca, em Tarraco, na zona do Maresme, na área levantina, nas ilhas Baleares e no Sul da Bética, não são completamente desconhecidas: a *villa* de La Olmeda tem uma imitação “galera” de imperador e centro emissor indeterminado; Barcino, duas imitações com o tipo da “galera” e dos “dois cativos” e São Cucufate, uma imitação³⁴.

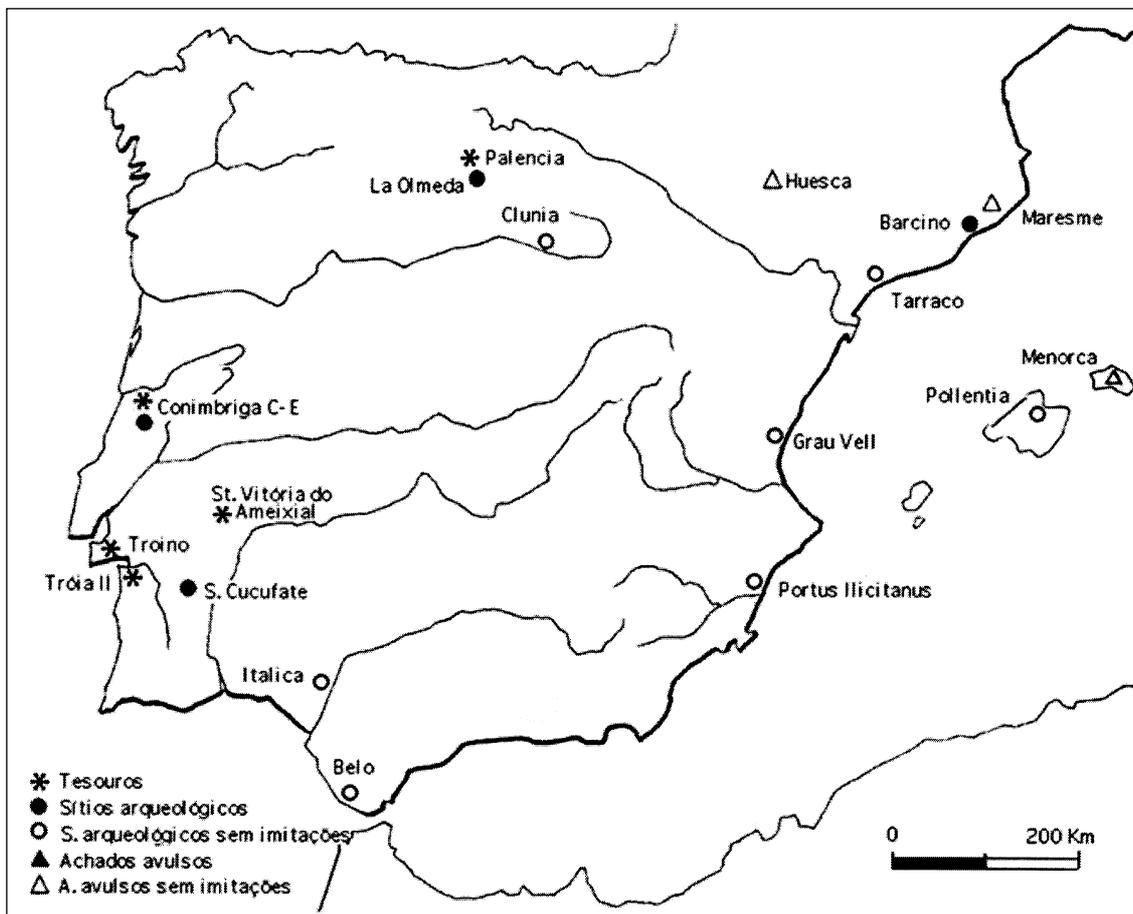
Quadro 3

Distribuição das emissões do período 348-353 e as suas imitações nos diferentes sítios arqueológicos, segundo a sua denominação e tipos de reverso.

Sítios	Ae2		348-350				Ae3		Ae2 350-53	
	Of.	Tipos	Im.	Tipos imit.	Total	%				
La Olmeda	0		1	galera	1	100	1 galera		–	
Clunia	0		–		–		–		6 FH	
Huesca	3	Cabana	–		3		–		8 FH	
Maresme	1	?	–		1		–		4 FH	
Barcino	2	galera/cativo	2	galera/cativo	4	50	–		–	
Tarraco	9	?	–		9		–		–	
Menorca	2	?	–		2		–		1 FH	
Pollentia	0		–		–		–		–	
Conimbriga	8	6 galera	–		9		10:7 galera		53: 52 FH	
		2 cabana	1	cabana			3 fénix	1 Concordia		
S. Cucufate	0		1	galera	2	50	2 galera		3 FH	
Grau Vell	1	galera	–		1		–		5 FH	
P. Ilicitanus	2	FH4/cabana	–		2		–		2 FH	
Itálica	10	?	–		10		–		–	
Belo	6	2 galera	–		6		11:		24 FH	
		1 FH2		5 galera						
		1 cativos		6 fénix						
		2 cabana								

NOTAS AO QUADRO:

- La Olmeda: achados de circulação (Campo, 1990, p. 78).
- Clunia: achados de circulação e depósito monetário (Gurt, 1985, p. 335-337).
- Huesca: achados avulsos da província (Domínguez et al., 1996, p. 157-165).
- Para o Maresme, Barcino, Menorca, Pollentia, Itálica, vejam-se as notas ao Quadro 2, *supra*, p. 96. À excepção de Barcino, as restantes publicações não permitem a diferenciação completa das espécies monetárias deste período, o mesmo acontece com Tarraco.
- Tarraco: achados de circulação (Carreté i Nadal, 1994, Quadro 1, p. 237).
- Conimbriga: achados de circulação (Pereira et al., 1974, p. 80, 83-125). No presente quadro só temos considerado os exemplares das “novas escavações” que constam no catálogo da publicação e permitem a diferenciação completa das diferentes denominações. Estes (19 exemplares), juntamente com os exemplares das “escavações antigas” (12 exemplares) fazem um total de 31 para o período 348-350 (Pereira et al., 1974, Quadro, p. 186).
- São Cucufate: achados de circulação (Bost, 1990, p. 205).
- Grau Vell: achados de circulação (Aranegui Gascó, 1980, p. 72-75; Arroyo Ilera, 1985a, p. 233-234).
- Portus Ilicitanus: achados de circulação (Arroyo Ilera, 1986, p. 263; Abascal, 1989, p. 122-123).
- Belo: achados de circulação (Depeyrot, 1987, p. 164-167).



MAPA 3 – Localização das imitações do período 348-350.

Estas imitações são raras nos sítios arqueológicos peninsulares (cinco exemplares), mas ao mesmo tempo abundantes, se tivermos em consideração a rarefacção dos seus protótipos: em La Olmeda, o único exemplar de Ae2 deste período é uma imitação, o mesmo acontecendo em São Cucufate. É que as emissões deste período estão mal representadas no conjunto das moedas do século IV³⁵ e, como se verifica no Quadro 3a, entre estas, as emissões de 352-353 que acompanham a reconquista de *Constantius II* contra *Magnentius* são mais numerosas do que as emissões de 348-350, anteriores à usurpação de *Magnentius*, e cujos protótipos as imitações copiam. Circunstância que não é estranha, dada a desmonetização que sofreram em 354, a refundição, não só oficial mas também privada, a que foram submetidas e o atractivo que estes Ae2 tiveram para o entesouramento (Depeyrot, 1987, p. 88 e a Lei do *C. Th.*, IX. 21. 6, sobre a refundição das espécies). Pensamos que a sua presença pode ser considerada uma prova da relativa importância que estas imitações tiveram na circulação, importância que encontra a sua confirmação nos tesouros peninsulares.

Entre estes, nove apresentam uma coluna numismática nos meados do século IV: três deles, Arouca (Silva, 1989-1990, p. 29-38) e os dois tesouros de São Cucufate (Bost, 1990, p. 213-214), estão formados quase integralmente por *nummi* do período 330-348 e Ae3 do período 353-358; os outros seis, Cabriana (catálogo de tesouros, *supra*, p. 28), Tarragona (Balil, 1971, p. 27-34)³⁶, Conimbriga C, (catálogo de tesouros, *supra*, p. 28-29), Tróia I (catálogo de tesouros, *supra*, p. 29), Tróia II (catálogo tesouros, *supra*, p. 29-30), e Troino (catálogo de tesouros, *supra*, p. 30-31), incluem os Ae2 deste período. Entre estes, o depósito de Conimbriga C

contém para este período um único Ae2 “galera”, de imitação; os dois últimos, apesar de se situar a sua formação nas proximidades de 360 e 364, respectivamente, contam ainda na sua composição com uma quantidade considerável de Ae2³⁷ e algumas imitações³⁸ (Quadro 3a).

Estas imitações persistem, todavia, na circulação de finais do século IV, e inclusive muito depois, como mostram o tesouro de Santa Vitória do Ameixial e o depósito de Conimbriga E³⁹. No primeiro, entre os 37 Ae2 deste período que a título marginal (1,9%) formam parte da sua composição, pela sua semelhança quanto ao peso e ao módulo com as séries de Ae2 de 381-387 e de 393-395 que o compõem, encontra-se também uma imitação de Ae2 “galera” em nome de *Constans*, inspirada na marca de centro emissor de Treveri; o segundo contém outra imitação em nome de *Constantius* com o pseudo exergo de Lugdunum⁴⁰.

Quadro 3a

Emissões de 348-353 e as suas imitações nos tesouros de Tróia II e Troino

Tesouros	Ae2 348-350		Ae3				Ae2 350-53	
	Of.	Tipos	Im.	Tipos imit.	Total	%		
Tróia II	2	galera	3	1 galera 2 FH2	5	60	3 galera	245: 115 FH3 130 FH4
Troino	570	353 galera 27 cabana 9 FHI 131 FH2 15 FH3 34 FH4 1 Imperador	37	33 galera 4 FH2	607	6,10	40 galera 10 fénix	3637: 5 galera 14 FH2 1517 FH3 2057 FH4 16 cativo 18 Concordia 10 Hoc

Os tesouros de Tróia II e Troino, localizados na costa atlântica da Lusitânia, revelam a mesma disposição que os sítios arqueológicos peninsulares nos quais se conhecem estas emissões irregulares: praticamente todas copiam no reverso o tipo da “galera” e o do “cavaleiro derrubado, FH2”, protótipos emitidos entre 348 e 350, antes da usurpação de *Magnentius* (estampas 1 e 2). Apenas uma moeda procedente do sítio de Conimbriga reproduz o tipo da denominação “pequeno Ae2” com o reverso da “cabana” (catálogo de imitações, *supra*, p. 80, n.º 13)⁴¹ e também não se conhecem na península, até o momento, imitações do Ae3 com o reverso da “galera” ou da “fénix”⁴².

O fabrico afectou, sobretudo, o protótipo do “grande Ae2” mais do que o do “pequeno Ae2” ou do Ae3, porque, independentemente do valor exacto que tivessem estas denominações⁴³, sem dúvida, o valor superior do “grande Ae2” converte-o no principal atractivo para os falsificadores ao ser muito mais rentável⁴⁴. O peso destas imitações é muito semelhante ao dos protótipos; deste modo obteriam o seu benefício na preparação de uma liga sem prata; não obstante, algumas análises da composição metálica destas imitações de Ae2 revelaram que uns exemplares tinham ainda uma quantidade importante de prata na sua composição, enquanto noutros, esta é nula. É pouco provável que os falsificadores tenham utilizado prata nas suas ligas e, tal como Bastien (1985b, p. 144), é preciso supor que, numas vezes, se servissem de peças antigas desmonetizadas e, noutras, fundissem lingotes ou objectos de bronze para o fabrico destas imitações.

Estas cópias de Ae2 apresentam um módulo muito próximo do das emissões regulares e um peso em média algo inferior ao padrão (o talhe deste “grande Ae2” é de 1/60 da libra, ou seja, 5,45 g): é o caso do exemplar de La Olmeda – 4,44 g e 21 mm –; do exemplar de Santa

Vitória do Ameixial – 4,96 g e 20-23 mm – e de Palência – 4,51 g e 22 mm; e inclusivamente superior, como acontece com uma das duas imitações de Conimbriga – 5,21 g e 21 mm e 6,28 g e 22 mm – e de São Cucufate – 5,72 g e 20/21 mm. De acordo com Bastien (1985b, p. 169), seriam praticamente contemporâneas dos seus protótipos e deixaram de ser fabricadas por volta de 350 nos territórios ocupados por *Magnentius*, onde foram rapidamente substituídas pelas imitações da nova amoedação do usurpador; entretanto, nos territórios sob controlo de *Constantius II* e *Constans*, as imitações de Ae2, agora com o reverso do “cavaleiro derrubado”, provavelmente continuaram a ser reproduzidas até 354. O tesouro de Appleford, formado por emissões do período 330-348, fecha com cinco exemplares *Fel Temp Reparatio* do período 348-350, entre os quais existe uma imitação. Oculto nas proximidades destes anos, dá um claro testemunho da rapidez com a que as novas moedas e os novos tipos postos em circulação num determinado momento podiam ser imitados (King, 1977, p. 44).

Não se conhecem na Península imitações de módulo Ae2 com o reverso do “cavaleiro derrubado” FH3 e FH4, emitidas entre 351/2 e 353 nos centros emissores itálicos, balcânicos e orientais. Não se encontram nos sítios arqueológicos peninsulares nem nos tesouros. Tróia II e Troino receberam abundantemente os Ae2 oficiais de Roma e Constantinópolis, mas, segundo parece, não as suas imitações⁴⁵.

Tanto as marcas de centro emissor, maioritariamente gálicas, que as imitações do período 348-350 levam na sequência dos seus protótipos como a inexistência de imitações do período 351-353⁴⁶ militam uma vez mais a favor de uma origem gálica para as falsificações destes anos aparecidas na Península (Quadro 3b).

Quadro 3b

Distribuição das emissões oficiais do período 348-350 por centros emissores e das suas imitações, segundo as marcas em que se inspiram⁴⁸.

Tipo Ae2 Fel Temp Reparatio - "galera"											
	Tr	Lu	Ar	Ro	Aq	Si	Th	Ni	Cy	?	Total
Palência											
Oficial									–		
Imitação					1					1	1
Troino											
Oficial	70	66	127	36	14	7	9	2		22	353
Imitação	21			1	3					8	33
Tróia II											
Oficial			1	1							2
Imitação										1	1
Sta. Vitória											
Oficial			2			1	1		1		5
Imitação	1										1
Conimbriga⁴⁷											
Oficial	1		3							2	6
Imitação		2									
S. Cucufate											
Oficial											–
Imitação					1						1
Troino											
Oficial		15	101		10	2			1	2	132
Imitação		2	2								4

Tipo Ae2 Fel Temp Reparatio, FH2											
	Tr	Lu	Ar	Ro	Aq	Si	Th	Ni	Cy	?	Total
Tróia II											
Oficial											–
Imitação			I							I	2
Tipo "pequeno Ae2" Fel Temp Reparatio - "cabana"											
	Tr	Lu	Ar	Ro	Aq	Si	Th	Ni	Cy	?	Total
Conimbriga											
Oficial		I	I								2
Imitação				I							I

3.2.1.4. *Magnentius*. 350-353

Entre 350 e 353, os territórios dominados por *Magnentius*, principalmente a Gália (Bastien, 1962, p. 49-65; Fabre e Mainjonet, 1965, p. 79-85) e a Britânia (Carson e Kent, 1971, p. 207-225), mas também a Península Ibérica, conhecem uma quarta onda de imitações. Estas copiam agora as novas moedas emitidas pelo usurpador⁴⁹. A sua presença no resto do Império só está esporadicamente atestada (Bastien, 1985a, p. 169).

Na Península Ibérica, as imitações da moeda de *Magnentius* até há pouco só eram conhecidas em Conimbriga: 13 sobre um total de 91 (Pereira et al., 1974, p. 106-111 e 186)⁵⁰; em Barcino: duas em quatro (Campo e Granados, 1979, p. 66) e no tesouro do “Norte do Douro”: nove oficiais e imitação (sic) (Pereira e Bost, 1979, p. 91)⁵¹; contudo, mais recentemente, Cepeda (1991, p. 371-379), numa pequena síntese sobre a circulação da moedagem do usurpador na Hispânia veio fornecer novos elementos sobre as imitações de *Magnentius*.

Além dos sítios mencionados, Cepeda (1991, p. 377-378) regista imitações em Astorga (quatro sobre 12)⁵²; zona valenciana⁵³(2), Complutum (Fernández-Galiano, 1984, p. 403-429: uma sobre quatro), no depósito funerário de Cabriana (duas sobre 11) e nos tesouros de Torre (sete sobre dez), Tróia I (uma sobre três) e Cástulo I (um exemplar).

A este reduzido mas significativo conjunto de imitações somam-se outros exemplares divulgados em novos estudos: Penadominga, Lugo: três sobre quatro exemplares (Cepeda, 1993, p. 96-98); La Olmeda: três sobre seis (Campo, 1990, p. 78); Huesca: seis sobre 19 (Domínguez et al., 1996, p. 163-165); Barcino: seis sobre nove (Marot, 1987, p. 222); Porta Decumana, Barcino: dois sobre cinco (Marot, 1995, p. 209-210); Tarraco: três sobre 92 (Avellá Delgado, 1991, p. 59-61; Carreté i Nadal, 1994, p. 237, Quadro); Grau Vell: um sobre quatro (Aranegui Gascó, 1980, p. 74-75; Arroyo Ilera, 1985a, p. 234-235); Portus Illicitanus: um sobre dois (Arroyo Ilera, 1986, p. 263; Abascal, 1989, p. 121); Sevilha⁵⁴ (um exemplar); Belo: dois sobre 14 (Depeyrot, 1987, p. 164-167).

A eles há que acrescentar ainda os exemplares de nove tesouros: Viladonga I (um único exemplar); Balboa (um único exemplar); Galiana (um sobre três); Conimbriga A (um sobre dois); Conimbriga E (um sobre 11)⁵⁵; Santa Vitória do Ameixial (três sobre 18); Tróia II (23 sobre 33), Tróia IV (um único exemplar) e Troino (42 sobre 2044).

Todos estes dados foram sistematizados num Quadro em que foram distribuídos não só os exemplares oficiais mas também as imitações de cada sítio arqueológico, quer procedam de achados de escavação ou de achados avulsos (Quadro 4a), quer procedam de tesouros (Quadro 4b), seguindo as sete fases em que se divide a moeda de *Magnentius* segundo Bastien. Em cada fase foram distribuídos ambos os grupos de emissões por centros emissores. Ao mesmo tempo, calculou-se a percentagem de moeda oficial e de moeda de imitação sobre o total de exemplares do período.

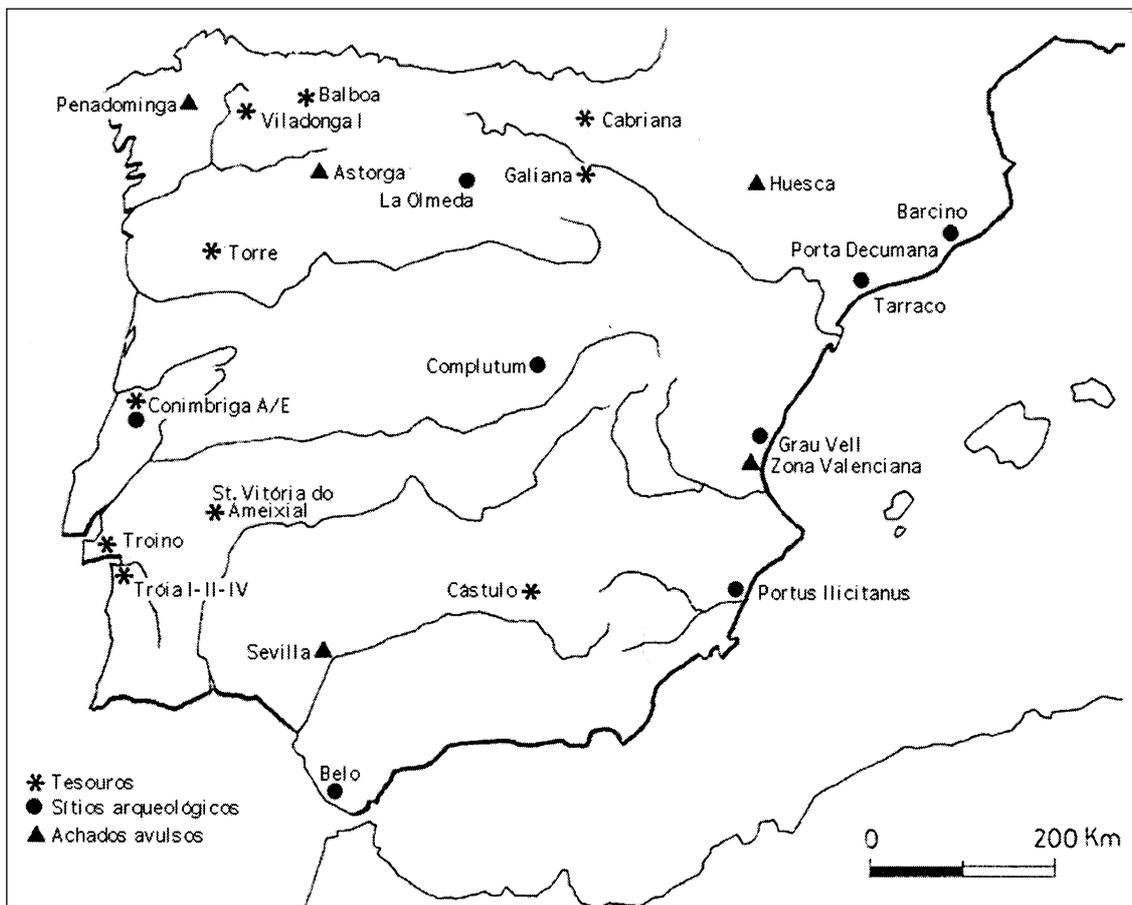
Quadro 4a

Distribuição das emissões de *Magnentius* (350-353) e suas imitações nos diferentes sítios

Sítios	1.ª Fase		2.ª Fase		3.ª Fase			4.ª Fase		5.ª Fase		6.ª Fase		7.ª Fase		Total	%			
	F. T. Reparatio	Felicitas Republice	Felicitas Republice	Gloria Republice	Gloria Romanorum	Victoriae dd nn aug et caes, columna	Victoriae dd nn aug et caes	Victoriae dd nn aug et caes	Victoriae dd nn aug et caes, crismón	Salus dd nn aug et caes										
Penadominga	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 2	Lu 2	Ar 2	Aq 2	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	1	25,00
Asonga	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	3	75,00
Olmeda	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	8	66,67
Huesca	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	4	33,33
Barcino	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	3	50,00
Porta decum.	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	3	68,42
Tarraco	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	6	31,58
Complutum	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	3	33,33
Cominbriga	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	6	66,67
Grau Vell	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	6	60,00
Z.Valendana	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	2	40,00
Portus Illicitanus	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	2	66,67
Sevilha	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	6	60,00
Belo	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	3	33,33
Total 1	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	39	76,47
Total 2	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	12	23,53
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	3	75,00
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	1	25,00
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	2	100
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	13	92,86
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	1	100
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	2	14,29
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	95+3+81	
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	40+6+1	
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	98	67,59
	Of. 1	Lu 0	Ro 0	Tr 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Aq 1	Am 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	Tr 1	Lu 1	Ar 1	Ro 1	47	32,41

NOTAS AO QUADRO

- Penadominga: achados avulsos procedentes do castro de Penadominga.
- Astorga: achados avulsos.
- Huesca: achados avulsos da província.
- Barcino: o estudo de que dispomos não permite a sua distribuição por fases (todos os exemplares levam o reverso *Victoriae dd nn aug et caes*, vot/v/mvlt/x, per-terceram assim às fases 4.ª, 5.ª e 6.ª).
- Tarraco: 81 exemplares oficiais e um exemplar de imitação; a informação provém de Carreté i Nadal (1994, p. 237; Quadro 1); a publicação deste material não apresenta catálogo, de forma que não é possível realizar a distribuição por fases. Os nove exemplares que permitem a distribuição por fases foram publicados por Avellá Delgado (1991, p. 59-61).
- Complutum: a imitação procede dos achados de circulaçã, enquanto as moedas oficiais pertencem ao depósito.
- Cominbriga: só foram incluídos os achados de circulação. As moedas de Magnentius dos tesouros Ae E foram consideradas no Quadro dos tesouros. O total inclui 32 exemplares procedentes das "Novas Escavações" e sete das "Antigas Escavações" de que é possível precisar a fase a que correspondem. Os 22 exemplares das fases 4.ª, 5.ª e 6.ª procedem das "Novas Escavações" e o catálogo permite precisar a fase a que pertencem; a eles somam-se 27 exemplares das "Antigas Escavações" com o reverso *Victoriae dd nn aug et caes*, concernentes a estas três fases (Pereira et al., 1974; Quadro p. 186) e dos quais não é possível precisar a sua fase exacta (dez do centro emissor de Lugdunum, quatro de Arelate, três de Roma e dez de centro emissor indeterminado).
- Grau Vell: o exemplar de imitação pode pertencer à fase 4.ª, 5.ª ou 6.ª.
- Zona Valenciana: achados avulsos procedentes da área valenciana, só imitações.
- Sevilha: achados avulsos, unicamente imitações.
- Total 1: total geral de achados de cada fase por centros emissores.
- Total 2: total geral de achados por fase. No total final foram introduzidos os achados de Barcino, não incluídos na distribuição por fases. Foram excluídos os 82 exemplares de Tarraco (Carreté i Nadal, 1994, p. 237; Quadro 1), por considerar que o número de imitações não corresponderia à realidade.



MAPA 4 – Localização das imitações da moeda de *Magnentius*.

Dos índices dos Quadros 4a e 4b salienta-se, sobretudo, a alta representação que atingem as emissões irregulares do período de *Magnentius* face à moeda oficial, sendo, com os dados hoje disponíveis, este o momento em que a Península é sujeita a um fluxo mais abundante de moedas irregulares. As emissões irregulares são abundantes, não só no total geral por sítios (32,41 % são imitações), mas também no total dos tesouros (44,80% são imitações). Todos os sítios arqueológicos que foram objecto de uma publicação mais exaustiva, com as excepções de Clunia e São Cucufate, contam com estas imitações numa percentagem importante: La Olmeda (50%), Barcino (66,67%), a Porta Decumana de Barcino (50%), Complutum (20%), Conimbriga (23,53%), Grau Vell (25%), Portus Illicitanus (50%), Belo (14,29%). Só Tarraco apresenta um índice muito baixo (3,30%) que, perante os dados gerais dos outros sítios, parece suspeito, sendo necessário considerar a possibilidade de que boas imitações estejam incluídas no inventário como moeda oficial⁵⁶.

Os tesouros são ilustrativos desta mesma circunstância. As imitações estão presentes nos conjuntos com um horizonte cronológico relativamente próximo do período de *Magnentius*, no qual as emissões do usurpador continuam a ser relevantes, como o depósito de Cabriana, oculto por volta de 358, onde as imitações representam 18,18%, ou no tesouro de Tróia I, em que correspondem a 33,33%, ou ainda no tesouro de Tróia II, onde a percentagem se eleva até 69,70%⁵⁷, ocultos ambos igualmente por volta destes anos. Outro tesouro, o de Troino, inclui estas imitações, mas a sua percentagem, 2,06% (42 imitações frente a 2002 oficiais) não se coaduna com a realidade revelada pelos tesouros de Tróia, de que o panorama peninsular parece estar mais próximo⁵⁸.

Estas imitações sobrevivem na circulação durante os séculos IV d.C. e V d.C. juntamente com as suas emissões oficiais, tal como revelam os tesouros com um horizonte numismático nos princípios do século V: nos tesouros de Viladonga 1, de Balboa e de Tróia IV, o único exemplar do período é uma imitação; no tesouro de Galiana, dos três exemplares da moeda de *Magnentius*, um é uma imitação (33,33%); no tesouro de Torre, de dez, sete são imitações (70%); em Conimbriga A, de duas, uma imitação; em Conímbriga E, de 11, uma imitação (9,09%); em Santa Vitória do Ameixial, de 18, três são imitações (16,67%).

Cabe referir que, tal como acontece com as emissões dos imperadores legítimos do período 348-353, as emissões do usurpador têm também uma baixa representatividade nas séries numismáticas do século IV: em Conimbriga, as emissões oficiais de *Magnentius* correspondem a 1,75% sobre um total de 4793 exemplares (Pereira et al., 1974, p. 251, excluindo do total as imitações); em Belo, atingem 1,70% sobre 762 exemplares do século IV (Depeyrot, 1987, p. 80, excluindo as imitações e exemplares inclassificáveis); no tesouro de Torre, nos princípios do século V, apenas representam 0,18%. A lei do *C. Th.*, IX. 23.1 que as desmonetiza, incluindo as suas imitações (cfr. *supra*, sistema monetário, p. 18-19) e o atractivo que estes bronzes tiveram para o entesouramento, tal como exemplificam os tesouros de Troino e de Tróia II, apesar da desmonetização, estão na base desta baixa representação. Contudo, são mais abundantes do que as séries precedentes, não só em Belo, mas também em Conimbriga e Tróia. Este facto está em perfeita relação com o esforço levado a cabo pelo usurpador para abastecer com o seu numérico as áreas sob o seu controlo: a Hispânia depende da Prefeitura da Gália (cfr. Pereira et al., 1974, p. 275; também sobre esta dependência financeira de Hispânia, Cepeda, 1991, p. 376). Nos tesouros de Tróia II e de Troino, as emissões do usurpador vêm-se superadas pelos Ae2 de *Constantius II*, posteriores a 350; não obstante, em ambos os casos, a maior parte destes Ae2 são do período 352-353 e acompanham a reconquista do Ocidente peninsular (245 frente a dez de *Magnentius*, 3637 frente a 2002, excluídas as imitações, respectivamente).

As imitações, a maior parte em perfeito estado de conservação e de grande qualidade técnica e estilística, perfeitamente identificadas, distribuem-se de forma exclusiva entre a fase 2 e a fase 6 das sete estabelecidas por Bastien (estampas 2 e 3). Fase 2: de 27 de Fevereiro a inícios de Maio de 350, 19 exemplares com o reverso *Felicitas Reipublice*; a fase 3: de Maio a Agosto de 350, 36 exemplares com o reverso *Gloria Romanorum* – “cavaleiro”; a fase 4: de Agosto de 350 a finais de 350, 28 exemplares com o reverso *Victoriae dd nn aug et caes*, coluna; a fase 5: de inícios de 351 a Agosto de 352, 41 exemplares com o reverso *Victoriae dd nn aug et caes*, sem coluna) e a fase 6: de Agosto de 352 a finais de 352, um único exemplar, com o reverso *Victoriae dd nn aug et caes* – “cristograma”⁵⁹.

A ausência de imitações correspondentes às fases 1, 7 e praticamente também à 6 não é estranha e encontra a sua explicação não só na sequência marcada pelos seus próprios protótipos que quase não alcançaram à Península⁶⁰, mas também na escassez geral das mesmas; apenas se encontram na Gália, ao mesmo tempo que a profusão das fases 3, 4 e 5 corresponde simplesmente à intensa cunhagem irregular que conheceu o numérico destas fases. As imitações da 5.ª fase são as mais abundantes; também os seus protótipos são os mais numerosos devido à longa duração da mesma (Bastien, 1964, p. 106-109).

Procedência e cronologia das imitações

As imitações da *maiorina* e *semimaiorina* de *Magnentius* reproduzem normalmente as marcas dos centros emissores gálicos, enquanto as imitações com os tipos e as marcas dos centros emissores itálicos são raras (Bastien, 1964, p. 110). Os exemplares peninsulares não são excepção. Das 125 imitações registadas de forma precisa⁶¹, 53 exemplares são de exergo ilegível e 72 permitem ler a marca de centro emissor que copiam: Ambianum (três

exemplares); Treveri (20 exemplares); Lugdunum (40 exemplares); Arelate (dois exemplares). Apenas o tesouro de Troino inclui imitações com a marca de Roma (sete exemplares), mas necessitariam de uma confirmação directa. O domínio de Lugdunum como marca inspiradora é evidente e tal como foi manifestado por Cepeda (1991, p. 378), encontra a sua explicação na abundância com que as imitações deste centro emissor foram produzidas nas oficinas clandestinas da Gália (Bastien, 1985b, p. 139-142).

Poderíamos pensar, perante este significativo grupo de imitações, na existência de uma oficina peninsular localizada em algum ponto próximo a um dos lugares com imitações; porque não no centro industrial de Tróia, onde as imitações formam um conjunto importante? Mas se Arelate e Roma estão representados entre as moedas oficiais, não acontece o mesmo com as suas imitações (todas apresentam a marca de Treveri ou de Lugdunum). No conjunto total das imitações, a representação de Arelate é mínima, quando, entre as 146 moedas oficiais registadas, é este centro emissor, juntamente com Lugdunum, o centro emissor dominante⁶². Também individualmente, sempre que contamos com um número importante de exemplares, Arelate é um dos dois centros emissores mais importantes⁶³. Face à dita premissa, as marcas imitadas deveriam ser mais diversificadas e as imitações de Arelate ou Roma deveriam estar igualmente representadas⁶⁴.

Bastien (1964, p. 103, n. 278) relacionou o aparecimento destas imitações na Gália com a necessidade imperiosa de numerário ligada ao aumento dos preços e às dificuldades económicas que atravessa o usurpador, mas considera que “Magnence, pas plus que ses prédécesseurs, ne pouvait laisser à quiconque le profit de ces émissions et qu’il s’agit bien d’imitations frappées em dehors de tout contrôle de l’empereur” (noulras palavras, de falsificações propriamente ditas) mais que de uma moedagem de apoio tolerada pelo Poder.

Pouco ou praticamente nada é o que sabemos das oficinas em que as imitações eram produzidas, mas provinham certamente de oficinas irregulares bem organizadas que obtinham o seu benefício cunhando moeda de peso mais débil e liga de pior qualidade que as moedas oficiais (Bastien, 1964, p. 103). Por outra parte, de acordo com Cepeda (1991, p. 378), pode muito bem ter contribuído para criar escassez de numerário na Gália a necessidade existente neste momento de canalizar para a Hispânia um maior volume de numerário dos centros emissores gálicos, principalmente de Arelate e de Lugdunum, uma vez que se quebrou o aprovisionamento oriental e balcânico; conseqüentemente, teria sido favorecido o surgimento de oficinas clandestinas nestas regiões.

Deste modo, as imitações da moeda de *Magnentius*, originárias da Gália, entrariam no circuito canalizando-se para a Hispânia ao mesmo tempo que as moedas ortodoxas, e pensamos que a maior penetração de numerário irregular que se produz durante este momento na Península tem de ser posta em relação com a não existência do aprovisionamento balcânico e oriental. As imitações vêm a preencher a lacuna deixada no aprovisionamento pela interrupção deste fornecimento. Imitações, de qualidade, na maioria dos casos, perfeitamente aceites na circulação porque facilmente podiam suplantam quanto ao peso e ao módulo a moeda que copiam. Ahamos com Bastien que se trata de falsificações em vez de moeda de necessidade propriamente dita.

A contemporaneidade destas imitações com os seus protótipos é clara, tal como testemunham os diversos tesouros formados no decorrer das diferentes fases da amoedação de *Magnentius*, em que aparecem entesouradas juntamente com as emissões regulares do usurpador⁶⁵.

Aspectos metrológicos

Do ponto de vista metrológico, apesar de as imitações configurarem uma ampla gama de pesos e módulos, dividem-se basicamente em dois grupos: aqueles que seguem de perto o peso e o módulo da *maiorina* e aqueles que se aproximam da *semimaiorina*. Em ocasiões, descem a diâmetros mais pequenos – entre 12 e 14 mm – e peso inferior a um grama, embora raramente atinjam o módulo dos denominados *minimi* (Bastien, 1985a, p. 153-154 e 157).

Dos exemplares procedentes do território hispano, só o exemplar de Sevilha (12 mm e 0,80 g) se aproxima do módulo e do peso do *minimi*, enquanto os restantes têm um módulo e um peso próximo do Ae2⁶⁶ ou do Ae3.

Sobre o Ae2:

- nos tesouros, 69 exemplares apresentam um módulo entre 18 e 26 mm⁶⁷ - média de 21,4 mm. Apenas temos o peso de cinco exemplares: um do tesouro de Conimbriga A, um do de Conimbriga E e três de Santa Vitória do Ameixial, peso médio: 3,24 g. Mas os dois exemplares de Conimbriga têm um módulo de Ae3. À exceção do tesouro de Conimbriga A, todos os outros são tesouros relativamente próximos do período de *Magnentius* ou, como no caso de Santa Vitória do Ameixial, trata-se de um tesouro de estrutura Ae2.

- entre os achados de circulação, 26 exemplares apresentam um peso médio de 3,05 g, embora em tres casos as moedas tenham um módulo de 17 mm, isto é, mais próximo do Ae3 (pesos: 2,32 - Belo; 3,04 - Astorga e 2,90 - Huesca) e em outros dois casos aconteça o mesmo com o peso (1,38 e 18 mm - Conimbriga; 1,83 e 18 mm - Belo). O módulo situa-se entre 17 e 21 mm, média de 19,62 mm.

Sobre o Ae3:

- entre os tesouros, todos os exemplares pertencem aos tesouros denominados de estrutura Ae3-Ae4, à exceção dos de dois tesouros – Cabriana e Tróia II – que têm um horizonte cronológico no período de *Magnentius*. De nove exemplares temos o seu peso, média de 1,79 g⁶⁸. O módulo de 12 exemplares situa-se entre 14-17 mm, média de 15,66 mm.

- entre os achados de circulação, sete exemplares com um peso médio de 1,55 g e um módulo entre 15-17 mm, média 16,28 mm⁶⁹.

À exceção dos exemplares de Sevilha e de La Olmeda, que realmente apresentam pesos muito baixos, todos as outras imitações próximas do Ae3 poderiam ser também, simplesmente, imitações de protótipos de Ae2, uma vez que as séries de Ae3 com estes tipos de reverso ainda não estão bem definidas (cfr. a este respeito, *supra*, sistema monetário, p. 18 e n. 10).

3.2.1.5. 353-358

Em 353 uma nova reforma impõe-se e os centros emissores imperiais cunham massivamente o tipo FEL TEMP REPARATIO – “cavaleiro derrubado” sob uma denominação única, o Ae3. Estas moedas são amplamente imitadas desde o momento em que entram em circulação e as suas cópias são muito difundidas em grande parte da Gália, das Províncias Danubianas, da Britânia (Brickstock, 1987, p. 65-110) e do Egipto (Depeyrot, 1982a, p. 173; Bastien, 1982b, p. 257-259). Na Britânia atingem uma especial relevância sob a forma de pequenos *minimi* e *minimissimi*, e inclusivamente, em numerosas ocasiões, trata-se de recunhagens sobre moedas regulares e de imitação.

A recunhagem afecta, sobretudo, moedas oficiais do período 330-348 e, ocasionalmente, o Ae3 do período 348-350 (cfr. Pearce, 1945, p. 125-133; Kent, 1957, p. 65; Brickstock, 1987, p. 39-61). O fenómeno é quase exclusivo da Britânia, embora exista também algum raro testemunho no Norte e no Nordeste da Gália (Depeyrot, 1982a, p. 174), tendo este sido explicado pela desmonetização a que se viram sujeitas estas emissões com a lei de 354 (C. Th., IX. 23. 1); não obstante, “is certain that a great deal of Constantinian billon in fact survived the axe of 354 and continued for many decades as a significant though little regarded part of the currency” (Kent, 1981, p. 65). Os imitadores reúnem as peças desmonetizadas e recunham-nas com o único tipo que se encontra em circulação, o Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”. A quase exclusividade do fenómeno na Britânia dever-se-ia a que grande número destes *nummi* desmonetizados estariam ainda em circulação nesta área (Bastien, 1985a, p. 163).

No que diz respeito à Península, os tesouros peninsulares de estrutura Ae3-Ae4 com um horizonte numismático dos princípios do século V deixam transparecer a ideia de que as emissões de 330-348, que constituem uma parte muito importante da sua composição (no tesouro de Torre representam 57,81%; em Galiana 31,75%), continuavam a circular na Península depois da sua desmonetização (se é que realmente estas emissões se viram afectadas pela lei de 354; cfr. a interpretação desta lei, *supra*, p. 18-19). É difícil estabelecer se esta suposta desmonetização teve efeito imediato na Península e a sua permanência corresponde a reincorporações posteriores, talvez em época valentiniana, ou se, pelo contrário, estas emissões continuaram a circular apesar da sua desmonetização. Os tesouros de Tróia II e Troino, formados nas proximidades de 360-364, em que as emissões de 330-348 têm um carácter marginal (1,77% e 3,93% respectivamente) face aos Ae3 *Fel Temp Reparatio* (78,31% e 34,57% respectivamente) apontam para uma desmonetização efectiva das emissões de 330-348. Destaca-se entre as imitações de tesouro de Tróia II uma recunhagem de um Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” com a marca de Lugdunum: - - // CSEG, sobre um *Gloria Exercitus* 1 ou 2 estandartes, do centro emissor de Cyzicus (catálogo de imitações, Tróia II, p. 58, n.º 29 e estampa 3), que é uma importação gala.

Perante o impacte que tiveram na circulação do Ocidente juntamente com as suas moedas oficiais, as imitações do Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” encontram-se documentadas em muitos dos sítios hispanos e nalguns dos tesouros de que dispomos de uma informação mais completa, embora de forma muito vaga, sobretudo comparativamente aos sítios gálicos e britânicos⁷⁰.

Assim, aquelas imitações são conhecidas no Noroeste peninsular (tesouros de Viladonga VI, Balboa, “Norte do Douro”, Monte Mozinho III, Fermentões, Torre), na faixa atlântica da Lusitânia (sítios arqueológicos de Conimbriga e São Cucufate; tesouros de Conimbriga A e C, Tróia I, Tróia II, Troino e Santa Vitória do Ameixial), na costa basca (pequena série numismática procedente da gruta de Goikolau), na Meseta Norte (sítio arqueológico de La Olmeda e tesouros de Palencia, Galiana e Valdenebro), na zona de Huesca, na zona de Saragoça (tesouro de Torralba de Ribota), na costa catalã (sítios arqueológicos de Barcino, a Porta Decumana, Tarraco; achados avulsos do Maresme), na costa levantina (sítios arqueológicos do Portus Ilicitanus e Grau Vell; achados avulsos da Zona Valenciana), na área balear (Menorca e Pollentia), na zona malacitana (Casabermeja e Riogordo), na costa Gaditana (Belo) e na área do Guadalquivir (Sevilha e La Lantejuela).

Sítios	Oficial	Imitação	Total	%
Goikolau	2	1	3	33,33
La Olmeda	122	1	123	0,81
Huesca	48	1	49	2,04
Maresme	28	2	30	6,66
Barcino	28	18	46	39,13
Porta Decumana	7	4	11	36,36
Clunia	21	0	21	–
Tarraco	189	32	221	14,48
Menorca	23	1	24	4,16
Complutum	21	0	21	–
Pollentia	19	1	20	5,00
Conimbriga	1213	10	1223	0,82
Grau Vell	35	13	48	27,08
Z. Valenciana	0	2	2	100
S. Cucufate	27	1	28	3,57
Portus Ilicitanus	41	0	41	–
Sevilha	0	1	1	100
Itálica	63	0	63	–
La Lantejuela	25	1	26	3,85
Casabermeja	2	1	3	33,33
Riogordo	0	1	1	100
Belo	220	17	237	7,17
Total	2134	108	2242	4,82

NOTAS AO QUADRO:

- Percentagem de imitações sobre o total do período 353-358.
- Goikolau (Vizcaya): achados de circulação (Cepeda e Unzueta, 1988, p. 142).
- La Olmeda: achados de circulação (Campo, 1990, p. 24, Quadro 8).
- Huesca: achados avulsos da província (Domínguez et al., 1996, p. 158-162 e 165-167).
- Maresme: inclui as emissões do período 346-361; a publicação não permite diferenciar as emissões de 353-358. Excluíram-se do cálculo do Quadro os Ae2 do período 348-353. Achados dispersos de área rural (Gurt, 1979, p. 77-78, Quadros 7 e 8).
- Barcino: achados de circulação (Marot, 1987, p. 222).
- Porta Decumana: achados de circulação (Marot, 1995, p. 209-211).
- Clunia: achados de circulação e depósito monetário (Gurt, 1985, p. 335-337).
- Tarraco: achados de circulação (Carreté i Nadal, 1994, p. 237, Quadro 1, 134 exemplares oficiais e 29 imitações) e achados da necrópole (Avellá Delgado, 1991, p. 59-78, 54 moedas oficiais e três imitações. O primeiro grupo inclui as emissões do período 350-361. A publicação – estudo sumário de circulação – não permite diferenciar as distintas fases dentro do período que o autor considera. A informação do Quadro não se relaciona com a descrição dos valores das moedas: das 165 moedas, 43 são Ae2 (de 350-353), 81 Ae3 (de 353-358) e seis Ae4 (de 358-361, *Spes Reipublice*) e os 35 que restam são imitações, pequenas moedas de 8 a 9 mm (Carreté i Nadal, p. 238-239). Entre os achados da necrópole, as moedas de imitação deste período, mas também de outros períodos, são bastante mais numerosas de que as identificadas pela autora (cf. Marot, 1997, p. 167).
- Menorca: achados avulsos da ilha de Menorca (Campo e Granados, 1979, p. 106-107, Quadro). Inclui as emissões de 350-361. Apenas é possível excluir o Ae2 de 350-353.
- Complutum: achados de circulação, nove exemplares e depósito monetário, 12 exemplares (Fernández-Galiano, 1984, p. 403-429).
- Pollentia: achados de circulação e achados avulsos (Mattingly, 1983, p. 258-288).
- Conimbriga: achados de circulação (Pereira et al., 1974, cálculo a partir do Quadro p. 186, do qual se excluíram os exemplares dos tesouros A, C, E e F).
- Grau Vell: achados de circulação (Arroyo Ilera, 1985a, p. 254-261, 28 exemplares; Aranegui Gascó, 1980, p. 72-76, sete exemplares).
- Zona Valenciana: achados avulsos, unicamente imitações (Arroyo Ilera, 1980, p. 89).
- São Cucufate: achados de circulação (Bost, 1990, p. 205-206).
- Portus Ilicitanus: achados de circulação (Arroyo Ilera, 1986, p. 263, oito exemplares; Abascal, 1989, p. 121-124, 33 exemplares).
- Sevilha: achados avulsos, unicamente imitações (Arroyo Ilera, 1981, p. 272).
- Itálica: achados de circulação. Emissões do período 346-361; excluíram-se os Ae2 (Chaves, 1979, p. 85, Quadro 8).
- La Lantejuela: achados avulsos (Arroyo Ilera, 1982, p. 174).
- Casabermeja: achados avulsos (Mora Serrano, 1993, p. 186-190).
- Riogordo: achados de circulação (Mora Serrano, 1990, p. 114).
- Belo: achados de circulação (Depeyrot, 1987, p. 80, Quadro).

Quadro 5

Distribuição das emissões do período 353-358 e suas imitações. Tipo Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”.

Tesouros	Oficial	Imitação	Total	%
Viladonga VI	13	1	14	7,14
Balboa	9	1	10	10,00
Palencia	73	3	76	3,95
Galiana	154	4	158	2,53
Torralba	4	1	5	20,00
Valdenebro	11	1	12	8,33
Norte do Douro	737	25	762	3,28
M. Mozinho III	32	3	35	8,57
Fermentões	121	6	127	4,72
Torre	312	29	341	8,50
Conimbriga A	51	1	52	1,92
Conimbriga C	6	1	7	14,29
Tróia I	6	1	7	14,29
Tróia II	1148	28	1176	2,38
Troino	3647	7	3654	0,19
Santa Vitória	6	1	7	14,29
La Alcudia	7	1	8	12,50
Total	6337	114	6451	1,77

Considerando o estado incipiente em que se encontra a investigação do fenómeno na Península, a relatividade das percentagens⁷¹ e as grandes lacunas documentais nalgumas áreas territoriais, das quais não temos nenhum tipo de informação, sobretudo da zona do centro e do sul da Península, a primeira impressão que se deduz dos dados sistematizados no Quadro 5 é de disparidade.

O certo é que, dando como válidos os seus índices, mas sem sair do campo das hipóteses, um facto sobressai: as emissões irregulares deste Ae3 com o reverso do “cavaleiro derrubado” atingem, sobretudo, a costa mediterrânea⁷² e gaditana: Maresme - 6,66%; Barcino - 39,13%; Porta Decumana - 36,36%, Tarraco - 14,48%; Menorca - 4,16%; Pollentia - 5%; Grau Vell - 27,08%; Casabermeja - 33,33%; Riogordo - 100%; Belo - 7,17%; tesouro de La Alcudia - 12,50%). A sua representação no Sudoeste hispânico parece mais limitada: em Conimbriga - 0,82% e em São Cucufate - 3,57%.

Os três tesouros, Tróia I, Tróia II e Troino, com um horizonte cronológico de 358-361/364, apresentam percentagens díspares: 14,29%, 2,38% e 0,19%⁷³, respectivamente, susceptíveis de serem extrapoladas para o Sudoeste peninsular; no entanto, uma tal extrapolação seria arriscada, já que poderia falsear o panorama. Também os tesouros A e C de Conimbriga incluem na sua composição uma imitação (1,92% e 14,29%, respectivamente)⁷⁴ e o de Santa Vitória do Ameixial outra (14,29%).

Estas cópias parecem ter encontrado especial dificuldade para penetrar na zona do norte e do centro da Península, tal como testemunham a *villa* de La Olmeda (0,81%), Huesca (2,04%), Clunia (sem imitações), Complutum (sem imitações conhecidas), embora o seu rasto se mantenha significativamente nos tesouros de princípios do século V: Viladonga VI - 7,14%; Balboa - 10%; Palencia - 3,95%; Galiana - 2,53%; Torralba de Ribota - 20%; Valdenebro - 8,33%; Norte do Douro - 3,28%; Monte Mozinho III - 9,38%; Fermentões - 4,69% e Torre - 8,50%.

Procedência das imitações

Uma vez identificadas, estas imitações tornam a colocar o problema quanto à sua possível procedência de uma oficina ou oficinas locais peninsulares. Pode aduzir-se, como para os períodos precedentes, que o material com que contamos até o momento não é suficiente para podermos pronunciar-nos de forma definitiva neste ponto, mas vejamos as marcas de centro emissor em que se inspiram as imitações(Quadros 5a e 5b).

Quadro 5a

Distribuição das emissões do período 353-358 e suas imitações por centros emissores nos direntes sítios⁷⁵.

Sítios		Tr	Lu	Ar	Ro	Aq	Si	Sir	Th	He	Co	Ni	Cy	An	Al	?	Total
Goikolau	Of.															2	2
	Im.															1	1
La Olmeda	Of.			10	11	3	1		1	2	3	2	3	1		85	122
	Im.															1	1
Huesca	Of.		3	12	4		1						2		1	25	48
	Im.		1														1
P. Decumana	Of.			2												5	7
	Im.															4	4
Tarraco	Of.	1		11	4	1			2	1			1			34	55
	Im.				1											2	3
Pollentia	Of.															19	19
	Im.															1	1
Conimbriga	Of.	3	18	123	180	25	13	5	19	2	37	11	45	8	1	723	1213
	Im.			1												9	10
Grua Vell	Of.			1	4						2					28	35
	Im.															13	13
Z. Valenciana	Of.																
	Im.															2	2
S. Cucufate	Of.			6	5		1				2					13	27
	Im.															1	1
Sevilla	Of.																
	Im.															1	1
La Lantejuela	Of.			6	6	7	1					1				4	25
	Im.		1														1
Casabermeja	Of.															2	2
	Im.															1	1
Riogordo	Of.																
	Im.															1	
Belo	Of.			13	14	3	2		1	1		2	1	2	1	180	220
	Im.															17	17
Total	Of.	4	21	184	228	39	19	5	23	6	44	16	52	11	3	1092	1775
	Im.		2	1	3											52	58

Quadro 5b

Distribuição das emissões do período 353-358 e suas imitações por centros emissores nos direntes tesouros⁷⁶.

Tesouros		Tr	Lu	Ar	Ro	Aq	Si	Sir	Th	He	Co	Ni	Cy	An	Al	?	Total
Viladonga VI	Of.															13	13
	Im.															1	1
Balboa	Of.		1		1	2			1				2			2	9
	Im.															1	1
Palencia	Of.			10	16	2	1		2	1	5	1	3	1		31	73
	Im.															3	3
Galiana	Of.		2	38	19	6	2	3	6	1	18	6	11	3		39	154
	Im.		1	1												2	4
Torralba	Of.				1				1							2	4
	Im.			1													1
Valdenebro	Of.	1														10	11
	Im.															1	1
M. Mozinho III	Of.			1	7	1		1			4		2			16	32
	Im.															3	3
Fermentões	Of.		2	3	5	3			1	1	5	6	3	1	1	90	121
	Im.				1											5	6
Torre	Of.		14	51	60	9	4	5	4	10	19	15	28	6	4	83	312
	Im.	1	5	6												17	29
Conimbriga A	Of.		1	2	5	2	3		1		5		3			29	51
	Im.															1	1
Conimbriga C	Of.			1	2						1		1			1	6
	Im.			1													1
S. Vitória	Of.			1	1						2		1		1		6
	Im.															1	1
Tróia I	Of.		1	2	1								2				6
	Im.												1				1
Tróia II	Of.		47	169	440	35	11	8	27	36	101	89	127	35	17	6	1148
	Im.		2	6		1	1			1		1	2	1		13	28
Troino	Of.	2	198	837	1078	202	95	28	129	83	328	113	456	67	29	2	3647
	Im.			7													7
La Alcudia	Of.															7	7
	Im.															1	1
Total	Of.	3	266	1112	1636	262	116	45	172	132	488	230	639	113	55	331	5600
	Im.	1	8	22	1	1	1			1		1	3	1		49	89

Das 147 imitações de que temos dados totais, a maior parte apresenta um exergo ilegível ou inatribuível a um centro emissor determinado (70,06%, 103 exemplares) e 34 copiam marca de centro emissor gálico (Treveri, 0,68%, um exemplar; Lugdunum, 6,80%, 10; 15,64%, 23 exemplares). Só o tesouro de Fermentões inclui uma imitação inspirada no centro emissor de Roma; entre os achados de necrópole de Tarraco encontra-se igualmente uma imitação de Roma, enquanto as dez imitações restantes apresentam marcas inspiradas nos centros emissores de Aquileia (um exemplar), Siscia (um), Heraclea (um), Nicomedia (um), Cyzicus (um) e Antiochia (um) e procedem dos tesouros de Tróia I e II.

Entre os exemplares oficiais, os produtos de Arelate e Roma, em alternância segundo as variantes regionais, dominam a circulação; não obstante, as imitações de Roma estão ausentes ou quase, e, uma vez mais, achamos que uma origem peninsular para estas imitações deveria documentar-se, neste caso, com imitações do centro emissor de Roma. A primazia das marcas gálicas orienta-nos claramente para uma origem gálica, pelo menos para aquelas imitações com estas marcas. As imitações com marcas extra gálicas podem perfeitamente proceder dalguns dos pontos do Mediterrâneo de onde são importadas as suas moedas oficiais⁷⁷.

Aspectos metroológicos

Como acontece com as emissões do período 330-348, estas pequenas cópias *Fel Temp Reparatio* repartem-se numa diversidade de pesos e módulos que se estendem ao longo duma linha descendente, desde as cópias metrologicamente correctas, próximas do Ae3 de talhe teórico de 1/120 da libra (cerca de 2,50 gr) e módulo entre 17 e 19 mm (Kent, 1981, p. 64); mas as oscilações entre uns exemplares e outros podem ser numerosas e muito marcadas, até aos pequenos *minimi* de entre 12 e 6 mm, como os do templo de Brean Down (Boon, 1961, p. 194), e aos pequeníssimos *minimissimi* de 2 mm de diâmetro e 0,06 gr, como os do tesouro de Lydney II (Boon, 1988², p. 141).

Encontramos na Península peças de bom módulo, com 17 mm e até mais: dos exemplares de tesouro de Tróia II, sete têm um módulo de 17 mm, duas superam este módulo (infelizmente não contamos com o seu peso); o exemplar de São Cucufate tem um módulo de 17 mm e 2,2 g de peso; dois exemplares de Conimbriga têm 17 mm e 1,26 e 1,77 g respectivamente.

Igualmente registram-se *minimi* de 12 mm e até de menos: cinco exemplares de Grau Vell apresentam um módulo entre 10 e 6 mm e um peso entre 0,60 e 0,50 g; sete exemplares de Belo têm um módulo entre 12 e 11 mm e pesos que oscilam entre os 0,80 e 0,50 g; o tesouro de Galiana tem um exemplar com 11 mm e 0,6 g...

A maior parte dos exemplares apresentam um módulo intermédio dentro destes dois limites, entre 13 e 16 mm e os pesos dos exemplares com este módulo intermédio oscilam consideravelmente: o exemplar de La Olmeda tem um módulo de 13-14 mm e um peso de 0,87 g, enquanto outro exemplo com o mesmo módulo tem um peso de 2,17 g, apresentando outro exemplar de Conimbriga 15 mm e 0,76 g. Não se conhecem *minimissimi* na Península.

Cronologia e origem

Se o início destas emissões vem marcado pela introdução do seu protótipo, o *terminus ad quem* para o final da sua cunhagem é muito mais difícil de precisar. A causa desta epidemia que afecta sobretudo a Gália e a Britânia, como a dos protótipos de 330-348 (mais especificamente os de 330-341), é também explicável pela falta de aprovisionamento que sofrem estas áreas. Alguns investigadores estabelecem uma ligação directa entre a epidemia dos protótipos de 330-348 e a dos protótipos de 353-358⁷⁸.

Muitos dos primeiros trabalhos da escola inglesa sobre o Ae3 *Fel Temp Reparatio* “cavaleiro derrubado” e as suas cópias, relacionavam estas últimas com a ideia de uma amoeção sub-romana ou “Dark Age coinage” que teve início no século V⁷⁹.

Mattingly (1933, p. 182-202) colocou duas hipóteses para explicar as cópias “cavaleiro derrubado”. Poderia ser um fenómeno contemporâneo devido a condições particulares ou um fenómeno de origem tardia devido à invasão dos Pictos no tempo de *Valentinianus I*.

Sutherland (1937, 1956), subscreveu o segundo argumento de Mattingly, mas uma vez que a escassez de moeda não era suficiente para explicar a profusão e persistência das cópias do tipo *Fel Temp Reparatio*, o fabrico das mesmas prolongar-se-ia no tempo até ao século V d.C.

Pearce (1939, p. 266-283) viu nas recunhagens de cópias *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” sobre moedas regulares a explicação da extensão das imitações. Mattingly (1939, p. 283), em resposta, objecta que se este for o caso, a recunhagem teria afectado todo o Império e não seria um fenómeno confinado à Britânia. Por outro lado, o carácter bárbaro das cópias não parece possível numa província em tempos de paz, mas sim durante o período da grande invasão dos Pictos.

Nos anos 50, Hill (1950, p. 238-247), nos seus trabalhos sobre imitações de moedas romanas do século IV, datava o fabrico dos dois tipos de imitações do Ae3 do “cavaleiro derrubado”, ou seja, cópias de bom módulo e *minimi*, dos meados do século IV, mas também defendia uma continuidade de fabricação dos *minimi* durante o resto do século IV e até durante a primeira metade do século V, de forma ressurgente, nos momentos em que o metal escasseava. Estes convertem-se nos finais do século V e princípios do século VI em *minimissimi*, constituindo a amoedação britânica das chamadas “Dark Ages” (Hill, 1952a, p. 340-343, 1952b, p. 355-358).

Pouco depois, Kent (1957, p. 65) defendeu a contemporaneidade destas cópias com os seus protótipos, defendendo o fim da onda de imitações nas proximidades de 358-361, momento da última emissão de *Constantius II*, o *Spes Reipublice*.

Boon, a partir do achado de Brean Temple – sítio arqueológico de ocupação valentiniana – provou a contemporaneidade entre a circulação de cópias com o módulo mais regular, os *minimi*, os *minimissimi* e o seu protótipo (Boon, 1961, p. 191-197); relaciona o final destas emissões irregulares com o aparecimento das emissões valentinianas e encara o *minimissimus* como “the legitimate and logical terminus of an epidemic episode of counterfeiting...: metal has to be saved if profit is to be made” (Boon, 1988², p. 141).

Callu e Garnier (1977, p. 295) situam o surgimento destas emissões dentro da situação conflituosa que atravessam a Gália e a Britânia entre 352-359 e entre 365-367. Ambas as províncias apresentam percentagens muito díspares – são muito mais numerosas na Britânia – que encontram a sua explicação na diferente incidência da segunda crise que fez que a Britânia se reincorporasse no circuito monetário mais tarde, enquanto a situação no continente se vai regenerando a partir de 359. A amoedação de Treveri, apesar da reabertura do centro emissor em 364, apenas haveria atingido as Ilhas antes da pacificação de *Theodosius* em 369, facto que favoreceu a imitação tardia do último numerário que chegava debilmente, o Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”.

Bastien (1985a, p. 171) divide a fabricação destas cópias em duas fases: numa primeira fase, estas seguem o original, embora com um peso e um módulo algo menor; numa segunda fase, diminuem substancialmente de peso e de módulo até acabarem como *minimi*. Perante a falta de dados concludentes para estabelecer o fim destas cunhagens irregulares, sugere não só uma paragem ou redução considerável depois de 358, mas também uma actividade continuada naquelas regiões onde o aprovisionamento foi muito mais limitado, como é o caso da Britânia. Aceita a causa proposta por Callu e Garnier, a guerra, como a explicação para a grande quantidade de imitações deste período.

Brickstock (1987, p. 42, 52 e 118) vê na escassez de Ae3 *Fel Temp Reparatio* no extremo do Império Ocidental (Britânia e Norte da Gália) a explicação do aparecimento das cópias. A lacuna no aprovisionamento persiste desde aproximadamente 354 até à chegada da moeda valentiniana.

As primeiras cópias, contemporâneas do seu protótipo, são aquelas que apenas diferem em módulo e tipo deste e seriam produzidas como uma moedagem sub-oficial. As imitações que se afastam muito dos protótipos, denunciando de imediato as suas características irregulares, eram provavelmente usadas para favorecer os pequenos intercâmbios e não para suplantam a moeda oficial. O autor considera a data de 364 para o final destas imitações; algumas permanecem em circulação e aparecem nos tesouros a partir de 400 d.C. e até antes, mas em pequenas quantidades.

Para Depeyrot (1987, p. 88), esta nova crise, mais profunda e importante, que toca de novo o Norte da Gália e a Britânia, mas que também tem força no sul da Gália, deve relacionar-se com a penúria de moeda de bronze, causada pela destruição do centro emissor de Treveri pelos bárbaros, quando se procedia às primeiras cunhagens de *Ae3 Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”. O aumento da produção de moeda de ouro, entre 350 e 360, que provoca uma maior procura de pequena moeda, contribuiu para a crise. A hipótese de ver na desmonetização de 354 a causa “n’est guère plausible dans a mesure où l’édit du Code toucha l’ensemble de l’Empire et que les imitations se limitèrent à seulement quelques grandes zones de l’Empire” (Depeyrot, 1992, p. 98). Admite que as últimas cunhagens destas imitações tenham continuado depois de 358.

Mais recentemente, Bost (no prelo, figura 21 e p. 121) estudou as moedas de Saint-Bertrand, das quais, sobre um total de 838 moedas do século IV, 330 (39,38%) são imitações; 61,11% (132 imitações sobre 216) pertencem ao período 353-358. Analisando os índices que mostram a repartição por módulos das imitações dos diferentes períodos, escreve: “de tous ces indices, dont aucun constitue par lui-même une preuve, nous retirons l’impression que les émissions au cavalier et, secondairement, les spes, ont été largement utilisées dans toute la seconde moitié du IVe siècle, mais aussi que nombre de copies ont été fabriquées longtemps après la mise en circulation de leurs prototypes...”.

Uma conjuntura particular, a escassez de numerário, provocada por uma situação conflituosa na Gália e na Britânia, está na origem do grande volume destas imitações. A Península, alheia a esta situação, recebe sem problemas o novo numerário, de tal forma que, bem alimentada pelos centros emissores romanos, balcânicos e orientais, os produtos dos centros emissores gálicos passam a um lugar pseudo-secundário, uma vez que o papel dos três centros emissores gálicos se reduz no conjunto de aprovisionamento; mas Arelate, salvo uma ou outra excepção, é o segundo centro emissor mais bem representado.

Não existem oficinas irregulares na Península, mas tão-pouco temos provas do contrário; as baixas percentagens⁸⁰ e a marca em que se inspiram as imitações aparecidas na Península assim o indicam. Os casos em que as emissões irregulares são minoritárias podem ser interpretados como “importations égarées dans la circulation”, tal como já apontaram Pereira et al. (1974, p. 281), ou quando ocupam um lugar mais relevante, as referidas emissões devem ser vistas como simples aprovisionamentos maioritariamente gálicos, testemunho do seu enraizamento na circulação do Ocidente. O aumento das produções quer do centro emissor de Roma quer dos centros emissores balcânicos e orientais em relação ao período 330-348 supre as deficiências dos centros emissores gálicos; o numerário de Treveri quase desaparece e o de Lugdunum diminui, limitando ao mínimo o alcance desta crise na Península⁸¹.

Quadro 5c

Distribuição das emissões oficiais de 353-358 por centros emissores (percentagem calculada sobre o total de exemplares de exergo legível, excluídas as imitações). Compare-se este Quadro com o Quadro 2a, *supra* p. 98.

	Torre	%	Galiana	%	Tróia II	%	Conimbriga	%	Belo	%
Treveri							3	0,58		
Lugdunum	14	6,11	2	1,74	47	4,12	18	3,47		
Arelate	51	22,27	38	33,04	169	14,80	127	24,52	13	32,50
Roma	60	26,20	19	16,52	440	38,53	188	36,29	14	35,00
Aquileia	9	3,93	6	5,22	35	3,06	27	5,21	3	7,50
Balcãs	13	5,68	11	9,57	46	4,03	41	7,92	3	7,50
Oriente	82	35,81	39	33,91	405	35,46	114	22,01	7	17,50
Total	229	100	115	100	1142	100	518	100	40	100

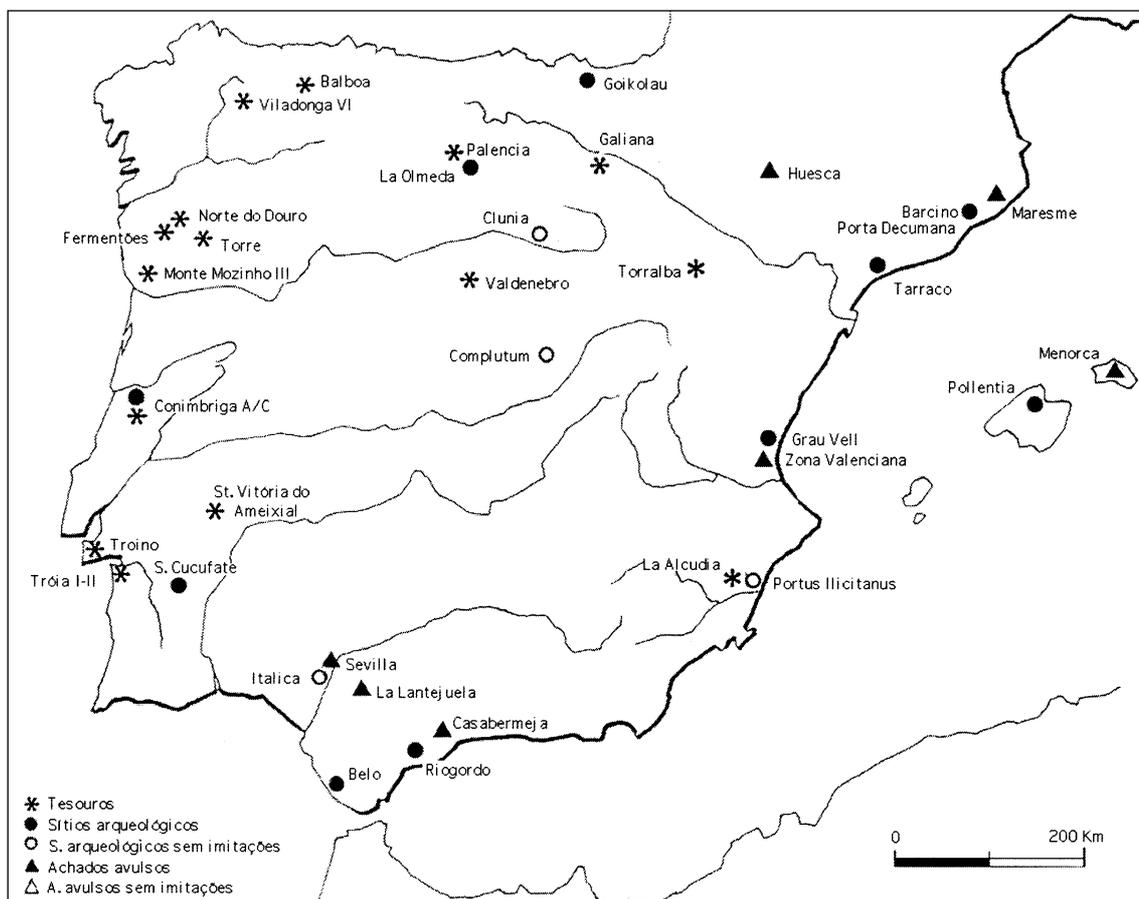
As duas grandes ondas de imitações, a do período 330-348 e a do período 353-358, que afectam significativamente a Gália e a Britânia tiveram pouca repercussão na Península. Comparando as imitações destes dois períodos, não existem na Península diferenças significativas entre ambos; contudo, constata-se no segundo período um ligeiríssimo aumento das imitações:

Percentagem geral de imitações de cada período⁸²

	Oficial	Imitação	Total	%
330-348	6976	214	7190	2,97
353-358	4824	215	5039	4,26

Como demonstrou Depeyrot (1982b, p. 256), esta segunda grande crise de numerário toca mais seriamente que a primeira o sul da Gália e, assim, a Península, dependente no seu abastecimento gálico dos centros emissores de Lugdunum, mas sobretudo de Arelate, vê-se agora também mais afectada pelas imitações. Do mesmo modo, as altas percentagens de imitações que apresentam os sítios litorais do Mediterrâneo, muito provavelmente, deverão ser postas em relação, segundo um critério de proximidade, com a maior incidência da crise sobre o sul da Gália.

Como é impossível estabelecer com exactidão a cronologia final destas imitações e supondo uma possível continuação de fabricação das mesmas, sobretudo para os *minimi*, para além de 358 (quando os Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” deixaram de ser cunhados), aquelas, uma vez que não temos provas do seu fabrico local, puderam chegar à Península depois desta data, mas os tesouros de Tróia II e Troino dão um claro testemunho não só da contemporaneidade na fabricação destas cópias, mas também da sua rápida chegada à Península ao mesmo tempo que o numerário oficial. No tesouro de Tróia II, de cronologia até 360, encontram-se entesourados juntamente com as imitações de módulo regular três *minimi* em perfeito estado⁸³. Por outro lado, a presença destas imitações em contextos tardios do século VI, como é o caso de Tarraco e Barcino, é uma realidade (Marot, 1997, p. 167; cfr. igualmente a este respeito, *supra*, p. 104-105).



MAPA 5 – Localização das imitações do período 353-358.

3.2.2. Fases endémicas

No final da emissão do Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” e o início da cunhagem do Ae4 *Spes Reipublice* em 358, tem lugar uma importante alteração na circulação – a entrada em grandes quantidades de uma nova moeda de prata, a “siliqua”⁸⁴ – que relega o papel da amoeção de bronze para um plano secundário. De forma subsequente, os “falsificadores” dirigirão a sua obra para uma rentável imitação da moeda de prata⁸⁵, sem abandonar uma “endémica” imitação de algumas das emissões de *Aes* que, a partir deste momento e até aos inícios do século V, serão postas em circulação. Entre as hipóteses possíveis para explicar o carácter endémico destas imitações, está o abandono da prata na liga da amoeção subsidiária, que provoca a perda de interesse dos falsificadores (Boon, 1988², p. 144) e a retoma normal dos aprovisionamentos (Callu, 1980b, p. 47, n. 62).

Deste modo, no que diz respeito ao *Aes*, abre-se um novo período de imitação na história da moeda romana que, à luz dos dados disponíveis, é de carácter endémico e parece atingir, como se verá, o seu ponto mais alto na imitação do novo “grande bronze” introduzido com a reforma de 381: o Ae2 com o reverso REPARATIO REIPVB.

As investigações tem vindo a centrar-se sobretudo nas imitações dos protótipos do período 318-363, enquanto as emissões irregulares, inspiradas nas emissões posteriores a 363, se mantêm em maior grau de desconhecimento. Sobre as imitações do período 363-403, a única visão de conjunto é dada, em parte, por Boon (1988², p. 144-145), mas sobretudo por Bastien (1987, p. 145-160, especificamente para o bronze, p. 145-149), que se centra nas imi-

tações com a marca do centro emissor de Lugdunum. Para a amoedação de bronze, este autor constata que em muitas ocasiões estas imitações não eram diferenciadas das suas moedas oficiais nas publicações mais antigas. De facto, as publicações mais recentes, como as dos tesouros de Haarlemmermeer, de Lierre e de Bologne permitem “conclure que malgré la circulation non négligeable de ces monnaies irrégulières le phénomène ne semble pas avoir eu un caractère “épidémique” comme dans la période 335-358” (Bastien, 1987, p. 149).

3.2.2.1. 358-378

Pouco comuns, mas não desconhecidas, mostram-se as imitações com o reverso *Spes Reipublice* e as imitações dos novos tipos introduzidos por *Iulianus*, com os reversos *Vota* e *SECVRITAS REIPVB*; este último, pelo seu carácter de *Aei* e com uma importante percentagem de prata na sua liga, tornar-se-ia mais atractivo para os falsificadores. Segundo Kent (1981, p. 90), este novo tipo atraiu bastantes imitações durante a sua curta vida, mas Bastien (1987, p. 157) não encontrou séries importantes destas imitações, que não parecem ter atingido grande amplitude.

Na Península encontramos imitações de *Spes Reipublice* apenas no tesouro de Galiana: dois exemplares sobre um total de 89, 2,25% (catálogo de imitações, p. 62, n.º 12-13); no tesouro de Conimbriga A: um exemplar sobre um total de 23, 4,34% (catálogo de imitações, p. 67, n.º 7)⁸⁶; entre os achados da necrópole de Tarraco: um exemplar sobre dez (catálogo de imitações, p. 79, n.º 6); em Barcino: dois exemplares sobre um total de 15 (13,33%), mas estes apareceram em estratos do século VI (Marot, 1987, p. 222 e 244) e entre os achados avulsos da área valenciana: um exemplar (catálogo de imitações, p. 85, n.º 19). A área valenciana exhibe também um exemplar de *Aei Securitas Reipub* (catálogo de imitações, p. 85, n.º 20 com 5,90 g e 21,5 mm; o talhe teórico da moeda oficial é de 1/36 da libra: 9 g e 25 mm aproximadamente).

Também não são comuns, quer na Gália quer na Britânia, as imitações das emissões de bronze que caracterizam a primeira amoedação dos Valentinianos, essencialmente o *Ae3* com os reversos *SECVRITAS REIPVBLICAE* e *GLORIA ROMANORVM*. A escassez destas imitações é exemplificada por Bastien (1987, p. 145-146) através do tesouro de Haarlemmermeer (norte da Gália), que apenas inclui 17 imitações sobre 10 969 moedas posteriores a 364; ou entre as moedas de Richborough (Britânia), onde só se encontram seis imitações para 2600 exemplares oficiais. Entre os 41 tesouros de todo o Império recolhidos por Callu (1980b, p. 70-72), com uma cronologia valentiniana até 378, também não se constatam imitações.

Na Península, só estão documentadas em Tarraco – 16 exemplares sobre 76 do período 364-378 (Carreté i Nadal, 1994, p. 237, Quadro 1), o que significa uma percentagem de 21% que parece excessivamente alta, tendo em atenção a raridade destas moedas e no Tesouro de Torre: um exemplar sobre 112 que apresenta um módulo e peso reduzido: 0,89 g e 12 mm; o padrão da moeda oficial é de 1/132 da libra, 2,40 g (catálogo de imitações tesouros, p. 66, n.º 114).

3.2.2.2. 381-387. O *Ae2 Reparatio Reipub*.

Quando, em 1967, Lallemand publicou o tesouro de Hemptinne (Bélgica), composto por 1042 exemplares, na sua maioria *Ae2* posteriores a 378 (1022/98,08%), revelou a existência de abundantes emissões irregulares (155/971; 15,97) de *Ae2 Reparatio Reipub* que até esse momento eram desconhecidas. O proprietário de Hemptinne entesourou 153⁸⁷ imitações deste tipo juntamente com 816 moedas oficiais do mesmo tipo, além de dez imitações e 41 moedas oficiais de *Ae2 Victoria Augg* (10/51; 19,69%), emissão exclusiva de *Maximus* (Lallemand, 1967,

p. 5-59). Assim, em 381 retoma-se a falsificação de uma sólida moeda de bronze na expectativa dos benefícios que esta iria trazer, mas com que intensidade?

Callu (1978c, p. 112-119) realizou um inventário de exemplares de *Reparatio Reipub* e apenas registou imitações numa série muito limitada de lugares:

- tesouro de Hemptinne (Namur, Bélgica)
- tesouro de Pesche (Namur, Bélgica): um exemplar sobre 126
- Dahleim (Luxemburgo): três exemplares sobre 81 do período 378-388
- Spire (Alemanha): um exemplar sobre 20 do período 378-388
- Théroouanne (Pas-de-Calais, França): um exemplar
- Condé S. Aisne (Aisne, França): um exemplar
- Chateaubleu (Seine-et-Marne, França): um exemplar
- Fontaines Salées (Seine-et-Marne, França): três exemplares sobre 25 *Reparatio*
- Entrains (Nièvre, França): cinco exemplares sobre oito *Reparatio*
- Vindonissa (Aargau, Suíça): quatro exemplares sobre 88 *Reparatio*
- tesouro dos Algarbes (Tarifa, Espanha): três exemplares sobre 53 *Reparatio*

Deixando de lado as imitações do tesouro de Hemptinne, 23 exemplares constituem o cômputo das imitações recolhidas por Callu. Depeyrot e Rouquette (1981, p. 13-14) acrescentaram um novo exemplar recunhado sobre um Ae3 de *Gratianus* procedente das escavações de Loupian (sul de França). Mais recentemente, Bastien (1987, p. 148) documentou mais dois exemplares: um no tesouro de Haarlemmermeer (Holanda) e outro em Vireux (Holanda). Também Schmitt (1988, p. 313-314) registou outro exemplar em Bazoches-les-Hautes (França). Delmaire (1983a, p. 343) reuniu oito imitações face a 47 moedas oficiais procedentes da região da Gália do norte. Depeyrot (1981, p. 219) recolhe mais quatro imitações procedentes dos restos dos naufrágios de Gruissan (Noroeste da França).

Perante a observação destes dados (153 imitações *Reparatio* em Hemptinne e 39 procedentes dos diferentes lugares referenciados), e tendo sempre em consideração que alguns exemplares pudessem passar despercebidos entre as moedas oficiais, a percentagem das imitações em relação à moeda oficial, tal como indica Bastien (1987, p. 148), só pode ser modesta. Associar a alta percentagem de Hemptinne a um fenómeno generalizado parece arriscado, uma vez que se trata praticamente não apenas do único tesouro conhecido na Gália com uma estrutura Ae2 para este período, mas também de um tesouro cuja ocultação se situa nas proximidades de 387. Isto significa que estas imitações foram fabricadas e rapidamente introduzidas na circulação e igualmente entesouradas com a mesma rapidez, tal como testemunham as numerosas ligações de cunhos que existem entre estas imitações.

Por outro lado, é preciso assinalar que o Ae2 *Reparatio Reipub* é pouco abundante nas províncias norocidentais do Império, quase desconhecido na Britânia, pouco numeroso na Gália do Norte e do Leste, enquanto no Sul da Gália, na Itália e na Península Ibérica a sua circulação é mais fluida (cfr. Callu, 1978c, p. 107-111).

A Península Ibérica e mais especificamente, a metade sul Peninsular é uma área privilegiada pela circulação deste Ae2, mas o que acontece com as suas imitações?

Na publicação das moedas de Conimbriga não se constata nenhuma imitação entre os 232 exemplares de Ae2 *Reparatio Reipub* (Pereira et al., 1974, Quadro, p. 187). Por outro lado, nos tesouros formados basicamente por este Ae2, publicados nos anos setenta e oitenta, não se referenciam imitações deste tipo; apenas no tesouro de Algarbes se encontram entesouradas três imitações. Praticamente também não se encontram representadas noutras publicações de material numismático; não aparecem nas mais recentes monografias numismáticas de Clunia

e La Olmeda; só a cidade de Belo proporcionou dois exemplares sobre um total de oito moedas oficiais. Estas circunstâncias contribuíram para criar um panorama um tanto enganador no que diz respeito à Península Ibérica: a quase total inexistência destas imitações⁸⁸. Não obstante, a nossa investigação conduziu-nos a uma realidade bastante diferente.

Estudámos directamente onze tesouros inéditos com uma estrutura de Ae2 *Reparatio Reipub* e Ae2 *Gloria Romanorum*, procedentes da parte portuguesa da Lusitânia. Entre estes, sete tesouros que chegaram integralmente até nós ou dos quais conhecemos um número importante de exemplares, Ferrarias, Freiria, Santa Vitória do Ameixial, Tróia III, Tróia IV, Abicada e Boca do Rio contém imitações *Reparatio Reipub*⁸⁹. Apenas quatro pequenos lotes de tesouros, Cerca, Abrantes, Lapa da Galinha e Monte Molião⁹⁰, não apresentam imitações. O tesouro de Abicada constitui a excepção: um pequeno lote de 27 Ae2 inclui três imitações.

Não obstante, nos tesouros que foram publicados com uma estrutura semelhante, procedentes também do território português, as imitações de Ae2 encontram-se ausentes. É o caso do tesouro de Fiães II, que compreende 38 *Reparatio* sobre 103 exemplares = 36,89% (Centeno, 1976, p. 171-183); do tesouro de Idanha-a-Velha: nove *Reparatio* sobre 23 exemplares = 39,13% (Hipólito, 1960-1961, p. 69-70 e 148); do tesouro de Mata Lobinhos, que compreende 365 *Reparatio* sobre 700 exemplares = 52,10% (Teles, 1961, p. 146-148) e de Chão Barroso que compreende 211 *Reparatio* sobre 443 exemplares = 47,6% (Teles, 1974, p. 81-88). Mas, sobre o tesouro de Chão Barroso, Teles (1974, p. 86) afirma: “por vezes os desenhos tanto das figuras como das letras são diferentes, podemos talvez dizer mais populares, místicos, em poucos exemplares principalmente de Graciano, Valentiniano II e Teodósio I, denotando cunhagens acentuadamente diferentes”. Estas palavras podem ser claramente interpretadas como a prova da presença em Chão Barroso de imitações e principalmente das que copiam o tipo do Ae2 *Reparatio Reipub*.

Na cidade de Conimbriga, dois conjuntos incluem os Ae2 *Reparatio*: trata-se de Conimbriga A e de Conimbriga E; ambos os conjuntos não apresentam imitações (Pereira et al., 1974, p. 319-329)⁹¹. Mas, dos seis *Reparatio* do tesouro E, um é sem dúvida uma imitação⁹².

Por outro lado, o referido tesouro de Tróia III foi publicado por Maria Luisa Nunes em 1977 sem referência a imitações; mas a revisão que realizámos deste tesouro, depositado no MNA em Lisboa, permitiu constatar que estas emissões irregulares passaram despercebidas à autora da publicação, que as incluiu entre as emissões oficiais. Esta mesma circunstância pode explicar perfeitamente a não existência de imitações nos tesouros peninsulares conhecidos com uma estrutura de Ae2 *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum*.

Assim, para além dos já mencionados, procedentes do actual território português, é necessário acrescentar os restantes tesouros peninsulares publicados com uma estrutura semelhante, nos quais não se identificaram este tipo de emissões. É o caso de Tarragona: compreende 37 Ae2 do período 381-395 (Hernández Sanahuja e Del Arco Molinero, 1894, p. 325-326); de Garciaz, Cáceres (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 44); de Torrecaños, Badajoz (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 45-46); de Cástulo I, Jaén (o catálogo deste tesouro apresenta enormes deficiências, além de serem numerosos os erros na classificação das moedas. Veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 49); Cástulo II, Jaén: praticamente todos os exemplares são Ae2 *Reparatio*, 46 sobre 47 (Arce, 1979, p. 283-301); La Lantejuela, Sevilla (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 49); Palmar de Troya, Sevilha: compreende 62 *Reparatio* sobre 133 exemplares, 46,62% (Velasco Carrillo de Albornoz, 1991, p. 309-328); zona Accitana, Granada (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 49-50); Sabinillas, Málaga: compreende 18 *Reparatio* sobre 54 exemplares, 33,30% (Rodríguez Oliva, 1971, p. 835-848); Cueto, Santander (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 41); Sant Josep, Castellón (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 43-44) e La Balsa, Valência: compreende 31 *Reparatio* sobre 56 exemplares, 55,36%.

Todos os exemplares foram conferidos através das fotografias, verificando-se que este tesouro não contém imitações (Ripollès, 1985, p. 319-356)⁹³. Existe ainda o depósito de Gavín, Saragoça (Paz Peralta, 1991, p. 24-28), oculto num nível arqueológico de finais do século V ou inícios do VI: compreende 17 Ae2, entre os quais cinco *Reparatio*. De facto, o exame das fotografias que acompanham algumas destas publicações permite verificar a existência de imitações em Cueto, Sant Josep, La Lantejuela e na zona Accitana.

Uma outra prova da frequência destas imitações é a recente publicação do tesouro de Las Quintanas, Salamanca (veja-se *supra*, catálogo tesouros, p. 44-43), que inclui também imitações juntamente com as emissões regulares das duas grandes séries de Ae2 que o integram. Igualmente o tesouro de El Castillo, Ávila (veja-se, *supra*, catálogo de tesouros, p. 42) inclui uma imitação *Reparatio Reipub*.

Por outro lado, a actual revisão dos tesouros de Garciaz e Torrecaños (na parte espanhola da Lusitânia) realizada por García Figuerola (1997b, p. 489-504) revela que os exemplares de imitação não foram considerados nas correspondentes publicações. O autor identifica 36 imitações de Ae2 *Reparatio Reipub* no tesouro de Torrecaños e dez no tesouro de Garciaz⁹⁴.

Verifica-se, sem dúvida, que as cunhagens irregulares de Ae2 *Reparatio Reipub* não foram identificadas nalgumas das publicações, não só antigas mas também mais recentes; aparentemente, só uma revisão destes materiais permitiria estabelecer definitivamente o peso real destas imitações de Ae2 na circulação da Península nos finais do século IV. Em todo o caso, pensamos que os tesouros lusitanos, de que temos a informação mais completa, são suficientemente esclarecedores para tornar extensivos os mesmos dados, pelo menos, à quase totalidade dos tesouros de composição idêntica. Denota-se, assim, uma frequente mistura das emissões irregulares com os protótipos que imitam em percentagens relativamente próximas em todos os casos (Quadro 6).

Quadro 6

Distribuição do Ae2 *Reparatio Reipub* e respectivas imitações nos diferentes tesouros⁹⁵

Tesouros	Oficial	Imitação	Total	%
Cueto	1	1	2	50,00
Balboa*	–	1	1	100
El Castillo	8	1	9	11,11
Las Quintanas	266	20	286	6,99
Conimbriga E	5	1	6	16,67
Sant Josep	19	1	20	5,00
Garciaz	729	10	739	1,35
Ferrarias	49	3	52	5,77
Freiria	37	5	42	11,90
Torrecaños	733	36	769	4,68
Santa Vitória	1628	159	1787	8,90
Tróia III	226	16	242	6,61
Tróia IV	772	43	815	5,28
Boca do Rio	165	6	171	3,51
Abicada	13	3	16	18,75
La Lantejuela*	59	1	60	1,67
Z. Accitana*	97	4	101	3,96
Algarbes	50	3	53	5,66
Total	4857	314	5171	6,07

Se, por um lado, tivermos em consideração o número total de peças que compõem cada tesouro, as percentagens de emissões irregulares sobre emissões oficiais são relativamente baixas, oscilando entre 2,08% de Boca do Rio e 5,01% de Santa Vitória do Ameixial⁹⁶. Por outro, e dada a composição destes tesouros, se considerarmos apenas o grosso das imitações *Reparatio Reipub* sobre o total dos *Reparatio* oficiais, a proporção irregulares/ regulares varia de forma significativa e passa de 1:20 para 1:10, se tomarmos Santa Vitória do Ameixial como o expoente do fenómeno. De qualquer forma, em todos os casos, a percentagem de imitações multiplica-se por dois. Já em Hemptinne, a relação era 1:6, mas este é um tesouro que fecha com a série *Victoria Augg* de *Maximus* e cuja ocultação se situa cerca de 387, ou seja, num momento pouco posterior à cessação da cunhagem do Ae2 “ocidental”.

Quadro 6a

Distribuição do Ae2 *Reparatio Reipub* e as respectivas imitações nos distintos sítios⁹⁷

Sítios	Oficial	Imitação	Total	%
Lugo	–	1	1	100
Coca	3	1	4	25,00
La Olmeda	3	–	3	–
Huesca	8	–	8	–
Clunia	16	–	16	–
Maresme	7 [?]	–	7	–
Barcino	40	2	42	4,76
Tarraco	74 [?]	2	76	2,63
Complutum	6	–	6	–
Menorca	7 [?]	–	7	–
Pollentia	–	–	–	–
Conimbriga	127	10	137	7,30
S. Cucufate	12	–	12	–
Zona Valenciana	–	2	2	100
Grau Vell	12	–	12	–
Portus Illicitanus	13	1	14	7,14
Itálica	27 [?]	–	27	–
La Lantejuela	2	2	4	50,00
Belo	14	2	16	12,50
Total	370	23	393	5,85

NOTAS AO QUADRO:

- Percentagem de imitações sobre o total de Ae2 *Reparatio*.
- Lugo: achado avulso (Abad Varela, 1993, p. 1028).
- Coca: achados avulsos (Sagredo San Eustaquio e Zumel Menocal, 1985-1986, p. 25-27)
- La Olmeda: achados de circulação (Campo, 1990, p. 88).
- Clunia: achados de circulação, 14 exemplares e depósito monetário, dois exemplares (Gurt, 1985, p. 338-342).
- Huesca: achados avulsos da província (Domínguez et al., 1996, p. 168-169).
- Maresme: inclui as emissões de Ae2 do período 378-395. Não é possível diferenciar os Ae2 *Reparatio* pelo carácter sintético da publicação (Gurt, 1979, p. 77-78, Quadros 7 e 8).
- Barcino: achados de circulação (Marot, 1987, p. 222).
- Tarraco: a publicação (Carreté i Nadal, 1994, p. 237, Quadro 1) inclui as emissões de 378-408, 230 exemplares. Partimos da indicação do autor “...amb la reforma del 379 entren als circuits monetaris grande quantitat d’AeII I AeIV. Serà el primer tipus el que s’imposarà sobre els altres. A Tarragona representa o 30,16% do total de monedes d’aquest període...” (Carreté i Nadal, 1994, p. 239-240) para retirar o número de 69 exemplares *Reparatio*, este pode não ser o correcto. Aos 69 exemplares somam-se sete exemplares de um segundo conjunto de material procedente do *Forum* de Tarraco (Carreté i Nadal, 1989, p. 377-384). Entre o material da primeira publicação as imitações estão ausentes, mas esta circunstância não corresponderia à realidade uma vez que o mesmo autor, no segundo conjunto, inclui duas imitações de *Reparatio* como moeda oficial (veja-se, *supra* catálogo de imitações, p. 79, n.º 7-8). Entre as moedas do *Forum*, existe ainda um outro exemplar considerado pelo autor como um *Repa-*

Assim, no que diz respeito à moeda de bronze, observa-se que, depois dos débeis fluxos durante o período precedente caracterizado pela cunhagem de Ae3, com a introdução do Ae2 *Reparatio Reipub*, os “falsificadores” retomaram a sua actividade com intensidade, embora nunca chegasse a atingir a escala atingida pelos *Gloria Exercitus* e afins, nem pelos Ae3 do “cavaleiro derrubado”, porque na origem daquela e destas duas séries de imitações estão motivos muito distintos. Onde o Ae2 *Reparatio* circulou em quantidades não despidiendas, também encontramos, quase sempre, as suas imitações numa percentagem importante¹⁰⁰.

A Península Ibérica, e sobretudo a metade sul, é uma área privilegiada pela circulação deste Ae2 e um claro expoente da frequência das suas imitações.

Cronologia

Nas imitações, a esquematização de que é objecto a legenda do anverso, a má transcrição da mesma, o tamanho inferior ao cunho que apresentam alguns *flans*, e por vezes, o grau de desgaste das moedas, impedem em muitos casos a identificação do imperador que reproduzem no anverso. Apesar disto, nas imitações *Reparatio Reipub* é sempre *Gratianus* o imperador mais bem representado e se só avaliarmos a emissão oficial do *Reparatio Reipub* até 383, ano do assassinato de *Gratianus*, o volume de moeda irregular relativamente à autoridade que imita é proporcional ao da emissão oficial, no sentido de os Ae2 *Reparatio Reipub* do Augusto “sénior” de Ocidente serem também os mais numerosos em circulação; mas os falsificadores não deixaram de copiar as moedas de *Valentinianus* II e *Theodosius* e mesmo as do usurpador *Maximus*.

Quadro 6b

Distribuição das imitações *Reparatio Reipub* segundo o imperador que estas reproduzem¹⁰¹

Tesouros	Gratianus	Valentinianus	Theodosius	Maximus	Indeterminado	Total
Cueto	1					1
Balboa					1	1
El Castillo	1				1	1
Las Quintanas	10	3			7	20
Conimbriga E	1					1
Sant Josep	1					1
Garciaz	9	1				10
Ferrarias	3					3
Freiria	1	1			3	4
Torrecaños	18	2		1	15	36
Santa Vitória	83	14	10	12	40	159
Tróia III	6	1	3	1	5	16
Tróia IV	27	3	3	4	6	43
Boca do Rio	2				4	6
Abicada			2		1	3
La Lantejuela	1					1
Z. Accitana	3		1			4
Algarbes	1				2	3

Sítios	Gratianus	Valentinianus	Theodosius	Maximus	Indeterminado	Total
Lugo	1					1
Coca					1	1
Tarraco					2	2
Conimbriga	4				6	10
Museu de Mérida	2	1	2		5	10
Museu de Cáceres		1				1
Z. Valenciana	1		1			2
Portus Ilicitanus					1	1
La Lantejuela	1				1	2
Belo	1				1	2
Total	178	27	22	18	102	346
%	51,45	7,80	6,36	5,20	29,19	100

As altas percentagens que atingem as imitações *Reparatio Reipub* de *Gratianus* introduzem-nos directamente na questão da sua cronologia. Estas imitações tiveram necessariamente que começar a ser cunhadas pouco depois da entrada em circulação dos seus protótipos, em 381, e a sua cunhagem manteve-se com força, pelo menos durante todo o período em que estes foram emitidos sob o governo de *Gratianus*. Em Agosto de 383, *Maximus* usurpa o poder na Britânia e apodera-se da Prefeitura da Gália, mas o seu reconhecimento oficial só será posterior¹⁰². A partir deste momento, os três centros gálicos emitem o Ae2 *Reparatio Reipub* exclusivamente no seu nome até aproximadamente 386 ou meados de 387¹⁰³; no entanto, apenas um reduzido número de exemplares copia a legenda do usurpador. Daqui, pode deduzir-se que a partir de 383 a produção destas imitações se vê consideravelmente reduzida. Mas, por outro lado, torna-se impossível determinar com segurança se a irrupção de *Maximus* pôs fim ao fabrico destas imitações que copiam o nome dos imperadores legítimos ou se, pelo contrário, os falsificadores continuaram a cunhá-las ao mesmo tempo que copiam o *Reparatio* do usurpador.

Assim, a alta proporção de imitações de *Gratianus* e, em muito menor quantidade, de *Valentinianus* II e *Theodosius* explicar-se-ia facilmente por uma forte intensidade falsificadora paralela à da sua moeda oficial, mas também é preciso ter em consideração que este alto índice pode ser o resultado de uma actividade prolongada durante o governo de *Maximus*, se não durante a sua totalidade, pelo menos durante os primeiros anos¹⁰⁴.

O certo é que as imitações identificadas em nome de *Maximus* (5,20%)¹⁰⁵ são muito menos numerosas do que as de *Gratianus* (51,45%), apesar de os volumes de moeda oficial emitidos por ambos serem muito semelhantes e, até, superiores os do primeiro¹⁰⁶. Como foi referido, existe a possibilidade de que as moedas de *Gratianus* continuem a ser copiadas juntamente com as de *Maximus*, mas esta circunstância parece pouco provável porquanto seria lógico que o “novo” Ae2 *Reparatio* com o anverso de *Maximus* atraísse a atenção dos falsificadores, uma vez que tinha entrado nos circuitos. No entanto, no tesouro de Hempinne, dois Ae2 de imitação com o tipo de reverso *Victoria Augg* de *Maximus* reproduzem no anverso a legenda de *Gratianus* (Lallemand, 1967, p. 54, n.ºs 895-896). Se neste caso os falsificadores uniram a um tipo exclusivo de *Maximus* o anverso de *Gratianus*, porque não supor que esta mesma circunstância se tenha dado com os Ae2 *Reparatio*, sobretudo quando *Maximus* mantém o mesmo tipo de reverso que *Gratianus*?

As imitações, como se verá mais adiante, copiam sobretudo a marca de centros emissores gálicos e isto também poderia indicar que as imitações gálicas em nome de *Gratianus* se prolongam durante todo o reinado de *Maximus*. As diferenças de volume entre os *Reparatio* gálicos de ambos os imperadores, a favor do segundo, levam a concluir que as emissões irre-

gulares vêm reduzida a sua produção sob *Maximus* por motivos que se desconhecem; talvez um maior controle de *Maximus*? Menor rentabilidade? As enormes quantidades cunhadas por *Maximus* satisfariam a procura do mercado? É muito provável que estas situações se conjugassem durante o reinado de *Maximus*.

Estas imitações, com uma intensidade decrescente, prolongam-se até praticamente à queda de *Maximus*⁰⁷, já que, no caso de Tróia III, (um exemplar) e de Santa Vitória do Ameixial (dois), associam ao tipo de Ae2 *Reparatio Reipub* a legenda do Ae2 *Victoria Augg* de *Maximus*, que o substitui em 386/387. Um deles apresenta no anverso a *Gratianus* (catálogo de imitações, Tróia III, n.º 4, p. 74, estampa 5), outro a *Maximus*; mas no outro a legenda de anverso não permite identificar o imperador (catálogo de imitações, Santa Vitória do Ameixial, n.º 113, p. 73 e n.º 156, p. 73). O tesouro de Torrecaños apresenta três moedas com as mesmas características; uma delas apresenta *Maximus* no anverso e as outras duas são de imperador indeterminado (catálogo de imitações, n.ºs 23, 36 e 37, p. 70)⁰⁸. Do mesmo modo, no tesouro de Hempinne dois exemplares de imperador indeterminado reproduzem o tipo do Ae2 *Reparatio Reipub* juntamente com a legenda *Victoria Augg* (Lallemand, 1967, p. 59, n.ºs 1039 e 1040).

O *terminus* final para esta emissão irregular vem dado, à partida, pelo fim da cunhagem do Ae2 *Reparatio Reipub*; assim haveria que o situar em cerca de 386/387, juntamente com o final das imitações do Ae2 *Victoria Augg*, embora também pudesse prolongar-se para além destes anos, uma vez que o encerramento da cunhagem do Ae2 não significou a sua desmonetização⁰⁹. Contudo, sem argumentos sólidos, nada autoriza a levar estas emissões irregulares para além do reinado de *Maximus*. No entanto, a imitação n.º 145 de Santa Vitória do Ameixial (catálogo de imitações, p. 73, estampa 5) apresenta no seu anverso parte de uma legenda: D N ONOO[...] que poderia ser uma interpretação de uma moeda de *Honorius*, circunstância que levaria a situar o seu fabrico depois de 393. Mas a má transcrição da legenda poderia ser igualmente uma interpretação da legenda de *Theodosius*, de tal forma que apenas é possível ver neste exemplar um facto isolado sem mais implicações.

Para García Figuerola (1997b, p. 495), é legítima a hipótese de que estas imitações se tornassem mais numerosas na Península nos inícios do século V, uma vez que o Ae2 é novamente emitido por *Maximus Tiranus* em 409-411 (com a legenda de reverso VICTOR-IA AVGG e o tipo próprio do *Reparatio Reipub*) e por *Honorius* em 418 (com a legenda de reverso REPARATIO REIPVBL). Mas, como o próprio autor afirma, esta possibilidade é contrariada por alguns argumentos: o facto de não serem exclusivamente peninsulares, de *Gratianus* ser o imperador mais representado e de o Ae2 *Gloria Romanorum* – “*labarum*” ser escassamente imitado. Mesmo assim, não rejeita a cunhagem de parte das cópias nesta altura. Para nós, no momento, todos os argumentos seguidamente expostos (as marcas das imitações, as ligações de cunho e a sua origem) invalidam tanto a possibilidade de uma cronologia de inícios do século V como uma cunhagem peninsular.

Marcas de centro emissor das imitações Reparatio

Gratianus emitiu essencialmente o Ae2 *Reparatio Reipub* nos seus centros emissores ocidentais e balcânicos, enquanto nos orientais, sob o controle de *Theodosius*, a sua cunhagem se viu limitada a importantes emissões em Antiochia. Os centros emissores de Alexandria, Constantinópolis e de Nicomédia, a julgar pelo escasso número de exemplares conhecidos (um pouco mais numerosos os alexandrinos), quase não cunharam esta nova denominação, ao mesmo tempo que Heraclea e Cyzicus não participavam da cunhagem do Ae2 (Pearce, 1933, p. xviii-xix).

Os *Reparatio Reipub* ocidentais, isto é, as produções gálicas e romanas, têm a primazia sobre o conjunto dos *Reparatio*, não só nos tesouros peninsulares de estrutura Ae2 –

como acontece no tesouro de Hemptinne, único testemunho similar fora da Península – mas também nos achados de circulação e as suas imitações, salvo contadas exceções, copiam sempre as produções dos centros emissores gálicos e itálicos.

Como se observa no Quadro 6c, praticamente metade das imitações levam a marca de centro emissor gálico. Mas ao mesmo tempo que Lugdunum e Arelate manifestam uma alta representação, com, respectivamente, 20,81% (72 exemplares) e 21,39% (74 exemplares) sobre o total, Treveri ocupa entre as imitações um papel marginal, com 0,58% (dois exemplares)¹⁰⁰. Por outro lado, observa-se claramente que as moedas que reproduzem a marca do centro emissor de Roma, de Aquileia e de Siscia, são menos numerosas do que as que se inspiram nos centros emissores gálicos; mas entre aquelas, as imitações de Roma (6,41%) são bastante mais comuns do que as de Aquileia (2,62%) e Siscia (3,79%), que, por seu turno, apresentam percentagens relativamente próximas. Um único exemplar procedente do tesouro de La Lantejuela leva a marca de Thessalonica (catálogo de imitações, La Lantejuela, p.77, n.º 1).

Quadro 6c

Distribuição das imitações *Reparatio Reipub* segundo as marcas de centro emissor que copiam

Tesouros	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq	Sis	Th	?	total
Cueto		1							1
Balboa								1	1
El Castillo								1	1
Las Quintanas		3	8	1				8	20
Conimbriga E			1						1
Sant Josep			1						1
Garciaz		1	6			1		2	10
Ferrarias								3	3
Freiria		2				1		2	4
Torrecaños		6	6	2				22	36
Ameixial	1	36	38	13	7	4		60	159
Tróia III		4	2	2				8	16
Tróia IV	1	11	11	3	1	3		13	43
Boca do Rio		2						4	6
Abicada			1	1				1	3
La Lantejuela							1		1
Z. Accitana		1		1		2			4
Algarbes		1						2	3
Sítios									
Lugo		1							1
Coca								1	1
Tarraco								2	2
Conimbriga		1			1			8	10
Museu de Mérida		1		1		1		7	10
Museu de Cáceres		1							1
Z. Valenciana				2					2
Portus Ilicitanus								1	1
La Lantejuela						1		1	2
Belo								2	2
Total	2	72	74	22	9	13	1	149	346
%	0,58	20,81	21,39	6,36	2,60	3,76	0,29	43,06	100

É necessária uma precisão no caso das imitações de Roma e Aquileia: as marcas de centro emissor - - // SMRQ e - - // SMAQ podem ter sido facilmente confundidas pelo gravador; esta última marca não se encontra praticamente entre os *Reparatio* oficiais.

Três exemplares de Santa Vitória do Ameixial e três de Tróia IV apresentam a marca - - // SMRQ: catálogo de imitações, p. 71, n.º 55-57 de Santa Vitória (- - // SMRQ; - - // [...]RQ; - - // SMR[.]) e catálogo de imitações, p. 75, n.º 15 e 16 de Tróia IV (- - // SMRQ e SHR[.]). A letra “R” é clara, mas poderia ser também uma má interpretação de “A”. Do mesmo modo, na marca lida - - // SMAQ (catálogo de imitações, p. 75, n.º 18 de Tróia IV e catálogo de imitações, p. 72-73, n.º 59, 60 e 143 de Santa Vitória; também Conimbriga, catálogo de imitações, p. 80, n.º 37), a letra “A” poderia ser uma má interpretação de “R”. Optamos por incluir estas peças entre as imitações do centro emissor de Roma e de Aquileia respectivamente. Apenas consideramos entre as indeterminadas dois exemplares cuja leitura não deixa claro que seja “A” ou “R” (catálogo de imitações, p. 72, n.º 66 de Santa Vitória e catálogo de imitações, p. 75, n.º 17 de Tróia IV). A inclusão destes dez exemplares entre as imitações de marca indeterminada manteria as diferenças entre Roma (4,66%) e Aquileia (1,16%), mas afastaria ainda mais, provavelmente de forma irreal, Siscia (3,79%) de Aquileia. A mesma situação dá-se no tesouro de Hemptinne (Lallemant, 1967, imitações n.º 970-972, p. 57, - - // [...]AQ e - - // SMRQ).

Segundo a referência do RIC IX, 30a, b e d (Pearce, 1933, p. 100), a marca - - // SMAQ corresponde à primeira emissão de *Reparatio Reipub* no centro emissor de Aquileia (a segunda emissão leva já a marca - - // SMAQP), sendo moedas bastante raras. Em Santa Vitória do Ameixial, só se encontram três exemplares com esta marca sobre 143; em Conimbriga, entre os nove *Reparatio* de Aquileia, um leva a marca - - // SMAQ (Pereira et al., 1974, n.º 3467, tesouro A); em Hemptinne, só existem oito exemplares de Aquileia e todos da segunda emissão (Lallemant, 1967, p. 50-51, n.º 770-777). Se se considerar que entre as imitações, a marca - - // SMAQ corresponde a Aquileia e não a Roma, a relativa importância desta marca (cinco das nove imitações) perante a escassez dos *Reparatio* oficiais com a mesma marca pode ser um testemunho da rapidez com que estes *Reparatio* começaram a ser imitados, a não ser que se dê o caso de que esta seja uma má transcrição da marca - - // SMAQP da segunda emissão.

Uma parte considerável das peças, 43,06% (149 exemplares) do total, não permite definir com exactidão os centros emissores em que se inspiram, mas, dadas as percentagens que nos oferecem as imitações de atribuição exacta, é muito provável que se ocultem sob esta cifra, sobretudo as imitações que levam a marca de centro emissor gálico. A distribuição que se aprecia nos diferentes achados revela como nos casos de que conhecemos um menor número de exemplares, como por exemplo o suposto tesouro de Cueto, as marcas de centro emissor identificadas são frequentemente gálicas.

Ao catalogarmos os Ae2 *Reparatio Reipub*, verificamos que, no *Reparatio* de cada centro emissor, há uma série de pequenos detalhes diferenciados no tipo, não só do anverso mas também do reverso, que o define como próprio de um determinado centro emissor. Isto permite atribuir, com uma certa margem de erro, os *Reparatio* de exergo ilegível a um determinado centro emissor¹¹¹. Não obstante, este critério iconográfico não é sustentável no caso das suas imitações, uma vez que o carácter aproximativo das mesmas, a falta de perícia dos gravadores e a interpretação de que é objecto o tipo de anverso e reverso atenuam claramente as pequenas diferenças iconográficas. Geralmente, observamos nas imitações de exergo legível tipos que não correspondem iconograficamente ao do centro emissor em que se inspiram, e inclusivamente, muitas vezes, as imitações atribuídas com segurança a Roma, a Aquileia, a Lugdunum, a Arelate e Siscia estão tão próximas relativamente aos seus tipos que só o exergo completamente legível torna possível diferenciá-las¹¹².

Duas peças de Arelate e duas de Aquileia sofreram em simultâneo a influência de moedas de Lugdunum, unindo à marca de centro emissor que copiam a marca de emissão “S” no campo à direita, exclusiva dos *Reparatio* de Lugdunum¹³. Em concreto, trata-se de um exemplar de Garciaz: - S // CON[.] (catálogo de imitações, p. 68, n.º 6); dois exemplares de Santa Vitória do Ameixial: - S // CONP e - S // SMAQ (catálogo de imitações, p. 71, n.º 39 e p. 73 n.º 143) e uma peça do tesouro de Tróia IV, com esta mesma marca, embora não pertença aos mesmos cunhos (catálogo de imitações, p. 75, n.º 18). Este facto leva a considerar como indeterminadas as peças cujo exergo não se lê, embora apresentem a marca de campo S¹⁴.

A influência de Lugdunum no caso de Arelate é compreensível uma vez que se trata de dois centros emissores gauleses; o gravador tinha em mente ou possuía em mão um *Reparatio* de Lugdunum, mas no caso das imitações de Roma ou Aquileia esta influência torna-se mais estranha.

Analisemos em separado as imitações procedentes dos cinco tesouros (Quadro 6d) em que formam um contingente importante, comparando-as com as do tesouro de Hemptinne, com o intuito de comprovar se o seu comportamento corresponde aos padrões estabelecidos anteriormente, quando foram analisadas de forma global.

Quadro 6d

Distribuição das imitações *Reparatio Reipub* por marcas de centro emissor e imperadores nos distintos tesouros

Hemptinne ¹⁵	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq	Sis	?	total	%
Gratianus	2	42	30	2	2	2	31	111	72,08
Valentinianus II		3	2				2	7	4,55
Theodosius		5			1	1	3	10	6,49
Magnus Maximus		3					2	5	3,25
Indeterminado		6	3		1		11	21	13,64
total:	2	59	35	2	4	3	49	154	100
%	1,30	38,31	22,73	1,30	2,60	1,95	31,82	100	

Santa Vitória	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq	Sis	?	total	%
Gratianus		23	21	9	4	3	23	83	52,20
Valentinianus II	1	3	7	1			2	14	8,75
Theodosius			2	2	1	1	4	10	6,25
Magnus Maximus		6	4				2	12	7,50
Indeterminado		4	4	1	2		29	40	25,00
total:	1	36	38	13	7	4	60	159	100
%	0,63	22,64	23,90	8,18	4,40	2,52	37,74	100	

Tróia III	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq	Sis	?	total	%
Gratianus		2	1				3	6	37,50
Valentinianus II							1	1	6,25
Theodosius				1			2	3	18,75
Magnus Maximus		1						1	6,25
Indeterminado		1	1				3	5	31,25
total:		4	2	1			9	16	100
%	-	25,00	12,50	6,25	-	-	56,25	100	

Tróia IV	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq ²	Sis	?	total	%
Gratianus	1	6	5	3	1	2	9	27	62,79
Valentinianus II		1	1			1		3	6,82
Theodosius		1	2					3	6,82
Magnus Maximus		2	2					4	9,30
Indeterminado		1	1				4	6	13,95
total:	1	11	11	3	1	3	13	43	100
%	2,33	25,58	25,58	6,98	2,33	6,98	30,23	100	

Las Quintanas	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq	Sis	?	total	%
Gratianus		2	4	1			3	10	50,00
Valentinianus II			3					3	15,00
Theodosius									–
Magnus Maximus									–
Indeterminado		1	1				5	7	35,00
total:		3	8	1			8	20	100
%	–	15,00	40,00	5,00	–	–	40,00	100	

Na sequência da análise global, e como seria de esperar, *Gratianus* é o imperador mais bem representado não só nos quatro tesouros lusitanos mas também no tesouro de Hemptinne; a divergência entre eles é marcada pela diferente percentagem sobre as imitações de imperador indeterminado. O anómalo comportamento do tesouro de Tróia III desaparece quando agrupamos as imitações dos dois tesouros de Tróia. *Valentinianus II*, *Theodosius* e *Maximus* revelam cifras muito semelhantes em Santa Vitória do Ameixial e em Tróia III-IV; mas, se no primeiro são um pouco mais numerosas as imitações de *Valentinianus II*, no segundo são-no as de *Theodosius*, embora sejam inferiores em Hemptinne onde só as imitações em nome de *Theodosius* se mantêm ao mesmo nível e onde *Maximus* está escassamente representado. O tesouro de Las Quintanas não inclui nenhuma imitação identificada em nome de *Maximus* ou de *Theodosius*.

Uma actividade falsificadora que afectou de forma desigual os *Reparatio* dos distintos imperadores – como se verá, na mesma sequência marcada pelos seus protótipos – e a data de ocultação, cerca de 387, à que corresponde o tesouro de Hemptinne, explicam as diferenças entre este e os tesouros lusitanos.

Tróia III-IV	Tr	Lug	Ar	Ro	Aq	Sis	?	total	%
Gratianus	1	8	6	3	1	2	12	33	55,93
Valentinianus II		1	1			1	1	4	6,78
Theodosius		1	2	1			2	6	10,17
Magnus Maximus		3	2					5	8,47
Indeterminado		2	2				7	11	18,64
total:	1	15	13	4	1	3	22	59	100
%	1,69	25,42	22,03	6,78	1,69	5,08	37,29	100	

De novo, vê-se como as principais marcas imitadas são as de Lugdunum e as de Arelate. Mas, quanto à distribuição das imitações por centros emissores nestes tesouros, ressalta sobretudo a equivalência entre as imitações de ambos os centros emissores, por oposição ao que acontece entre as suas moedas oficiais. Do mesmo modo, a desigualdade que se observa nos anversos imitados no que diz respeito à distribuição

por imperadores está relacionada com estas duas marcas, como reflexo das suas moedas oficiais.

Entre os *Reparatio* oficiais, não só em Las Quintanas mas também em Santa Vitória do Ameixial e em Tróia, as moedas de Arelate duplicam as de Lugdunum, enquanto as imitações que se inspiram em ambos os centros emissores apresentam um número quase igual de exemplares (Santa Vitória: 22,64% e 23,90%, respectivamente), ou as de Lugdunum superam as de Arelate (Tróia III e IV: 25,42% e 22,03%, respectivamente). Só entre os 20 exemplares do tesouro de Las Quintanas, Arelate (40%) se impõe com força sobre Lugdunum (15%). O mesmo acontece no tesouro de Garciaz (10% são imitações de Lugdunum e 60% de Arelate) enquanto em Torrecaños se torna a encontrar uma certa equivalência (15,15% para Lugdunum e 18,18% para Arelate)¹¹⁶. Pelo contrário, em Hemptinne as imitações *Reparatio* com a marca de Lugdunum (38,31%) são um pouco mais numerosas do que as de Arelate (22,73%), circunstância que está em perfeita consonância com as suas peças oficiais: Lugdunum e Arelate oferecem um número quase igual de exemplares se se considerar o conjunto das suas moedas oficiais ou se se excluírem as moedas do usurpador impõe-se uma ligeira primazia de Lugdunum¹¹⁷. A actividade falsificadora afectou por igual os *Reparatio* de ambos os centros emissores.

Entre as imitações que se inspiram nas marcas de Lugdunum e Arelate, *Gratianus* é também o imperador melhor representado. Esta circunstância não é de estranhar já que entre os *Reparatio* oficiais destes dois centros emissores, se exceptuarmos a amoedação em nome de *Maximus*, os de *Gratianus* são os mais numerosos e os de *Valentinianus* II e *Theodosius* são escassos. De resto, os centros emissores produziram o Aez *Reparatio Reipub* essencialmente para *Gratianus*, enquanto a emissão em nome de *Valentinianus* II e de *Theodosius* foi muito limitada, mais em Lugdunum (Bastien, 1987, p. 56-57 e 227-229) do que em Arelate (Pearce, 1933, p. 67).

Representação dos distintos imperadores entre os *Reparatio* (oficiais e de imitação) nos quatro tesouros lusitanos: Las Quintanas, Santa Vitória do Ameixial, Tróia III e IV.

Imitação	Lu / Ar	%	Oficial	Lu / Ar	%
Gratianus	64	76,20	Gratianus	528	88,44
Valentinianus	15	17,86	Valentinianus	59	9,88
Theodosius	5	5,88	Theodosius	10	1,67
Total	84	100	Total	597	100

Assim, face à raridade dos *Reparatio* cunhados por Lugdunum e Arelate para *Valentinianus* II e *Theodosius*, é surpreendente a relativa abundância de imitações com a marca destes dois centros emissores em nome dos dois imperadores:

Lugdunum. Para *Valentinianus* II: cinco oficiais e três imitações em Santa Vitória; duas oficiais e uma imitação em Tróia IV; quatro e três em Hemptinne. Entre as moedas procedentes do Museu de Cáceres encontra-se também uma imitação de Lugdunum em nome de *Valentinianus* II (catálogo de imitações, p. 86, n.º 1). Para *Theodosius*: 0/0 em Santa Vitória; 0/1 em Tróia IV¹¹⁸ e 0/5 em Hemptinne. As imitações parecem ter encontrado menos dificuldades do que as moedas oficiais para entrar no circuito económico.

Arelate. As moedas oficiais emitidas para estes dois imperadores são algo mais comuns este facto repercutindo-se também nas imitações. *Valentinianus* II: 35/7 em Santa Vitória; 7/1 em Tróia IV; 2/3 em Las Quintanas e 20/2 em Hemptinne; *Theodosius*: 2/3 em Santa Vitória; 2/2 em Tróia IV e 0/0 em Hemptinne.

O centro emissor de Roma é o mais bem representado em todos os tesouros lusitanos, sendo neste ponto que o tesouro de Hemptinne se distingue: as produções itálicas são muito mais limitadas¹⁹. No entanto, esta relevância do centro emissor de Roma não tem a mesma resposta entre as suas imitações que são bastante menos abundantes do que as gaulesas: 8,18% em Santa Vitória; 6,78% em Tróia III-IV; 5% em Las Quintanas e só 1,3% em Hemptinne. As imitações inspiradas na marca de Aquileia são menos numerosas (Santa Vitória: 4,40%; Tróia III-IV: 1,69%), mas na relação oficial/imitação entre o centro emissor de Roma e o de Aquileia, esta última supera aquela. Em Santa Vitória, os seus *Reparatio* oficiais, distribuídos por igual entre os três imperadores legítimos, são em número inferior aos de Roma (143 de Aquileia face a 397 de Roma; 36,11%), mas as suas imitações, não se conhecendo nenhuma em nome de *Valentinianus* II, constituem quase metade das de Roma (oito face a 17). Em Hemptinne, com uma baixa percentagem (2,60%), a relação inclina-se a favor das imitações, já que face a oito moedas oficiais de *Aquileia* encontram-se três imitações.

Siscia e Thessalonica são os centros emissores mais a Oriente copiados pelas imitações, mas se de Thessalonica só conhecemos um único exemplar procedente do tesouro de La Lantejuela (catálogo de imitações, p. 77, n.º 1), as imitações com a marca de Siscia estão mais bem representadas: em Santa Vitória representam 2,52% e em Tróia III-IV, 5,08%. A relação oficial/imitação com o centro emissor próximo de Aquileia estabelece-se em regime de paridade: em Santa Vitória, os seus *Reparatio* oficiais representam metade dos de *Aquileia* (74 face 143) e as suas imitações (quatro face a sete) são também quase metade. Pelo contrário, em Hemptinne, que apenas recebe os *Reparatio* balcânicos e as produções orientais, as imitações de Siscia estão mais bem representadas na mesma proporção das suas moedas oficiais (três oficiais e três imitações).

Ligações de cunho

A proximidade entre a emissão das imitações, rapidamente entesouradas conjuntamente com os seus protótipos, e o momento em que foram ocultadas explica, no tesouro de Hemptinne, as numerosas ligações de cunhos que existem não só entre as imitações mas também entre as moedas oficiais. Mais distantes no tempo, os tesouros de Ferrarias, Santa Vitória do Ameixial, Tróia III, Tróia IV e Boca do Rio, revelaram, igualmente, depois de uma análise minuciosa, significativas ligações de cunhos e estilos semelhantes entre as suas imitações.

Em Santa Vitória do Ameixial:

- n.º 8 (*Gratianus*; Lugdunum) e n.ºs 30 e 40 (*Gratianus*; Arelate), anverso e reverso muito semelhantes.
- n.º 20 (*Gratianus*; Lugdunum) anverso e reverso muito próximos da n.º 44 (*Gratianus*; Arelate).
- n.º 38 (*Gratianus*; Arelate) e n.º 127 (*Gratianus*; indeterminado), mesmo cunho de anverso, já com um acentuado grau de desgaste no segundo exemplar. Anverso muito semelhante ao do n.º 37 (*Gratianus*; Arelate) e n.º 130 (Imperador indeterminado; indeterminado), estampa 6.
- n.ºs 55 e 57 (*Gratianus*, Roma), anverso e reverso muito semelhantes.
- n.ºs 59 e 61 (*Gratianus*; Aquileia), reversos muito semelhantes, também com a n.º 107 (*Theodosius*; Aquileia).
- n.ºs 71 e 82 (*Gratianus*; indeterminado), aversos muito semelhantes.
- n.ºs 90 e 91 (*Valentinianus* II; Lugdunum), mesmo cunho de anverso, estampa 6.
- n.º 117 (*Maximus*; Lugdunum) anverso e reverso muito semelhantes aos da n.º 129 (Imperador indeterminado; indeterminado).

Entre Santa Vitória do Ameixial, Tróia III, Tróia IV, Ferrarias e Boca do Rio:

- n.º 12 de Santa Vitória (*Gratianus*; Lugdunum), mesmo cunho de anverso e reverso que a n.º 7 de Tróia IV, estampa 6. Ambas muito próximas da n.º 12 de Tróia III.
- n.º 18 de Santa Vitória (*Gratianus*; Lugdunum), mesmo cunho de anverso que a n.º 12 de Tróia IV (*Gratianus*; Arelate).
- n.ºs 13 e 17 (*Gratianus*; Lugdunum) e n.º 90 (*Valentinianus II*; Lugdunum) de Santa Vitória apresentam um estilo de reverso muito próximo da n.º 39 (*Gratianus*; Arelate) de Tróia IV enquanto os seus aversos não se relacionam.
- n.º 19 de Santa Vitória (*Gratianus*; Lugdunum) reverso muito semelhante com o da n.º 22 (*Gratianus*; indeterminado) de Tróia IV.
- n.º 28 de Santa Vitória, n.º 2 de Tróia III, n.º 1 de Boca do Rio procedem do mesmo cunho de anverso e reverso (*Gratianus*; Lugdunum). No exemplar de Santa Vitória aprecia-se como o cunho de anverso estava já desgastado no momento da cunhagem. Mesmo cunho de reverso que a n.º 14 (Imperador indeterminado; Lugdunum) de Tróia III, estampa 6.
- n.º 31 de Santa Vitória e n.º 13 de Tróia IV (*Gratianus*; Arelate), mesmo cunho de anverso e reverso.
- n.ºs 50 e 51 (*Gratianus*; Roma) mesmo cunho de anverso. Reversos muito semelhantes, podendo ser do mesmo gravador. Um estilo muito próximo apresentam as moedas n.º 68 (*Gratianus*; indeterminado) e n.º 66 (*Gratianus*; Roma ou Aquileia) de Santa Vitória com a n.º 8 (*Theodosius*; indeterminado) de Tróia III e a n.º 18 (*Gratianus*; Roma ou Aquileia) de Tróia IV, estampa 6.
- n.ºs 52 e 53 (*Gratianus*; Roma) mesmo cunho de anverso e reverso. As duas moedas são muito semelhantes em estilo às anteriores e com a n.º 58 (*Gratianus*; Roma?), a n.º 105 (*Theodosius*; Roma) e a n.º 150 (Imperador indeterminado; indeterminado), todas de Santa Vitória, estampa 7.
- n.º 78 de Santa Vitória e n.º 24 de Tróia IV (*Gratianus*; indeterminado), mesmo cunho de anverso e reverso, estampa 7.
- n.º 79 (*Gratianus*; indeterminado) de Santa Vitória, anverso e reverso muito semelhantes aos da n.º 6 de Tróia IV (*Gratianus*; Lugdunum).
- n.º 91 de Santa Vitória (*Valentinianus II*; Lugdunum), mesmo cunho de anverso e reverso que a n.º 29 de Tróia IV.
- n.º 100 (*Valentinianus II*; Roma) de Santa Vitória, mesmo cunho de reverso que a n.º 7 (*Theodosius*; Roma) de Tróia III, estampa 7.
- n.º 122 de Santa Vitória (*Maximus*; Arelate), anverso e reverso muito semelhantes à n.º 37 (*Maximus*; Arelate) de Tróia IV.
- n.º 157 de Santa Vitória (Imperador indeterminado; indeterminado), mesmo cunho de anverso que a n.º 44 (Imperador indeterminado; indeterminado) de Tróia IV.
- n.º 155 (Imperador indeterminado; indeterminado) de Santa Vitória, muito semelhante à n.º 12 (Imperador indeterminado; indeterminado) de Tróia III, estampa 7.
- n.º 128 de Santa Vitória (*Gratianus* ou *Maximus*; indeterminado), mesmo cunho de anverso e reverso que a n.º 3 de Ferrarias, estampa 7.

Entre Santa Vitória do Ameixial e Las Quintanas¹²⁰:

- n.ºs 50 e 51 (*Gratianus*, Roma) de Santa Vitória, mesmo cunho de anverso e reverso que a n.º 604 (Imperador indeterminado; Roma) de Las Quintanas.

Entre Santa Vitória do Ameixial e La Lantejuela:

- n.º 3 de La Lantejuela (*Gratianus*; Siscia) está muito próximo dos n.ºs 64 e 65 (*Gratianus*; Siscia) de Santa Vitória. Por sua vez, ambas as moedas estão relacionadas com o conjunto de Roma.

Entre Santa Vitória e a Zona Valenciana:

- n.º 21 (*Gratianus*; Roma) da zona Valenciana, muito semelhante com os n.ºs 50 e 51 (*Gratianus*; Roma) de Santa Vitória.

As marcas de centro emissor que copiam as imitações conjuntamente com as ligações de cunho constatadas permitem a colocação de interrogação sobre a sua procedência.

Procedência das imitações

É aliciante pensar numa origem hispana para estas imitações; a abundância do Ae2 *Reparatio Reipub* e das suas imitações na Lusitânia poderia apontar para uma(s) oficina(s) situada(s) nesta área; porque não, uma nas proximidades de Santa Vitória do Ameixial? A mobilidade dos indivíduos e os contactos comerciais justificariam as ligações de cunho registadas nesta zona mais ou menos restrita. Não é possível provar o relacionamento desta parte da Península com o sul de Andaluzia ou a costa Levantina. Mas esta concentração na Lusitânia não é suficiente porque, pelo contrário, outros argumentos validam uma origem extra peninsular, principalmente gálica e, talvez, também itálica.

Por um lado, o predomínio do centro emissor de Roma entre os *Reparatio* oficiais é evidente. Se prescindirmos dos *Reparatio* gálicos de *Maximus*, os seus produtos, não só para *Gratianus* mas também para *Valentinianus* II e *Theodosius*, são sempre os mais abundantes; uma suposta oficina peninsular localizada nalgum ponto da Lusitânia ou da Península, fabricando cópias de *Reparatio*, deveria ter produzido cópias do centro emissor de Roma num número importante.

Por outro lado, uma origem gálica da maior parte das imitações é corroborada pelo predomínio dos centros emissores de Lugdunum e de Arelate, em detrimento dos outros. Neles regista-se uma relativa paridade, mas entre os *Reparatio* oficiais gálicos, Arelate é o centro emissor mais bem representado, o que, desde logo, obsta a uma origem peninsular. Se a produção fosse peninsular o número de imitações deste centro emissor seria substancialmente maior¹²¹. Além de que esta distribuição de imitações gálicas tem um reflexo no tesouro de Hemptinne, no norte da Gália, onde, não só existe uma relativa paridade entre a moeda de imitação destes dois centros emissores (38,31% e 22,73% respectivamente) mas também entre a moeda oficial (37,99% e 37,13%, respectivamente). Embora não se conseguisse constatar nenhuma ligação de cunho entre o tesouro de Hemptinne e os tesouros lusitanos, apesar da infinidade de estilos que apresentam as imitações, verifica-se grande similitude entre estas¹²².

Excluída a origem hispânica das imitações *Reparatio*, torna-se evidente a localização do fabrico de um grande número delas nalgum ponto da Gália. As imitações com ligações de cunhos e com semelhanças de estilo – nas quais por vezes é possível reconhecer uma mesma mão – procedem sem dúvida de uma mesma oficina, mas perante a multiplicidade de estilos que apresentam, como já assinalou Lallemand (1967, p. 32), é impossível determinar o número de oficinas que cunharam estas imitações, se procedem de uma ou de numerosas oficinas locais. No entanto, sobre a sua localização é lógico supor que estas oficinas irregulares estivessem situadas numa relativa proximidade dos centros emissores oficiais cujas moedas imitam.

As ligações de cunho entre as imitações dos tesouros de Ferrarias, Santa Vitória do Ameixial, Tróia III e IV, Boca do Rio, Las Quintanas, mas também entre estas e algumas do sul da Bética e da zona valenciana revelam a sua pertença a um mesmo circuito. Este tem de estar próximo do lugar onde as moedas foram fabricadas e infiltradas, e daí, ou chegaram rapidamente e de forma simultânea às costas peninsulares, ou se mantiveram ali numa circulação limitada; neste caso a sua chegada pode ter sido em diferentes tempos, através de intercâmbios comerciais. Mas em ambos os casos, o nexos de união entre uma ou várias destas áreas e o circuito do qual procedem as suas ligações de cunho é definido pelas suas fontes de aprovisionamento. Por isto, no caso das imitações gálicas, o envio das mesmas para a Lusitânia e as ligações de cunho constatadas entre as imitações com estas marcas nos tesouros lusitanos¹²³ permitem pensar numa(s) oficina(s) regionais localizadas nas proximidades dos dois centros emissores gálicos que a abastecem, Lugdunum e Arelate. Se a oficina fosse localizada no centro ou no norte da Gália, a dispersão destas imitações na circulação tornaria mais difícil a existência das ligações de cunho constatadas. A surpreendente quantidade que atingem as imitações com a marca destes dois centros emissores em nome de *Valentinianus* II e *Theodosius*, dada a rarefacção com que as suas moedas oficiais foram cunhadas, tal como mostram os tesouros¹²⁴, indica que os falsificadores deviam conhecê-las, indiciando, assim, uma localização nas imediações destes dois centros emissores. O tesouro de Hemptinne confirma esta localização. Esta localidade está situada na área de influência do centro emissor de Treveri, mas se a sua composição já denota um aprovisionamento tímido dos *Reparatio* deste centro emissor (45/816, 16,48% sobre o total dos *Reparatio* gálicos, dos quais 91 exemplares para *Maximus*), as imitações inspiradas nas suas cunhagens são quase inexistentes (dois exemplares sobre 154, 1,30%). A(s) oficina(s) que as emitiram devem situar-se, deste modo, numa região bastante afastada de Hemptinne e de Treveri.

É praticamente impossível definir se as imitações com marcas itálicas (Roma e Aquileia) ou balcânicas (Siscia e Thessalonica) procedem da(s) oficina(s) locais gálicas ou, pelo contrário, de oficinas localizadas nas proximidades destes centros emissores. No caso das 22 imitações com a marca de centro emissor de Roma, dez formam um conjunto muito homogêneo com ligações de cunhos e estilos semelhantes que não se encontram em nenhuma das peças com a marca de centro emissor gaulês, mas sim nalguns exemplares com a marca de Siscia e Aquileia¹²⁵. Isto induz a pensar na existência de alguma oficina localizada nas proximidades de Roma, embora alguns destes exemplares pudessem ter uma origem gálica¹²⁶.

Sobre as oficinas irregulares

Como já foi referido anteriormente ao tratar outros períodos de imitação, muito pouco ou praticamente nada é o que sabemos sobre as oficinas em que estas imitações eram fabricadas. É muito difícil discernir o número de oficinas que existiram, a sua localização exacta, as suas características, assim como os responsáveis da dita obra. O processo de fabrico da moeda exige uma determinada organização e especialização, pelo que, podemos pressupor que, por um lado, os indivíduos que trabalharam nestas oficinas tinham que ter, pelo menos, um certo domínio técnico sobre o trabalho do metal (fundição, preparação das ligas...), sobre o fabrico e cunhagem propriamente dita (gravação dos cunhos...) e, por outro, deviam ter também conhecimentos das novas moedas postas em circulação, dos novos tipos, do seu peso e do seu módulo padrão.

É muito provável que *monetarii* dos centros emissores imperiais estivessem relacionados com estas oficinas irregulares e, até, que se utilizassem nelas reversos extraídos dos centros emissores oficiais. O testemunho desta relação, embora seja muito distante da emissão do Ae2 *Reparatio Reipub*, pode ser encontrado em duas leis promulgadas pouco depois da

reforma de 318 por *Constantinus I*, uma em Roma, datada de 20 de Novembro de 321 (*C. Th.* IX, 21, 2: “*Quoniam nonnulli monetarii adulterinam monetam clandestinis sceleribus exercent*”...¹²⁷) e outra de 4 de Maio de 329 (*C. Th.* IX, 21, 4: “*Pridem Santatutum fuit, ut, si ignorante quoque domino in fundo eius vel domo figuratus clam nummus cuderetur, sedem flagitii suo fiscus domínio vindicaret*...”¹²⁸”), que punem severamente os autores de uma intensa actividade falsificadora, monetários que, conjuntamente com os seus “cúmplices”, produzem falsificações a grande escala fora dos centros emissores¹²⁹. Também os membros de palácio de *Constantius II* eram por vezes acusados de enriquecer indirectamente através da falsificação: “Il y avait un moyen encore plus lucratif. En laissant opérer librement les faussaires dans leurs repaires où ils osaient s’adonner à leur commerce, ils obtenaient de la bonne monnaie en échange de la mauvaise” (Libanius, *Discours* 18, 138, *apud* Depeyrot, 1992, p. 93).

O escritor anónimo do texto *De rebus bellicis* (provavelmente escrito antes da reforma de 368) atribui aos próprios *monetarii* (Capítulo III, *De fraude et correctione monetae*), de acordo com especuladores privados, a responsabilidade do fabrico de moeda má e propõe uma medida drástica: confinar todos os trabalhadores dos centros emissores a uma única ilha para afastá-los assim de qualquer contacto social (Gracco Rugini, 1987, p. 194).

Uma prova manifesta nas moedas da presença, por exemplo, de um *scalptor* numa oficina irregular seria a associação de um anverso ou reverso que em nada se afastasse dos oficiais com um reverso ou anverso de imitação, a não ser que nas próprias oficinas clandestinas existisse a preocupação de relacionar cunhos de anverso e reverso de qualidades semelhantes, em que seria impossível distinguir os seus produtos. Este facto, à partida, não parece possível, embora seja certo que, nos quatro grupos que distinguimos de imitações *Reparatio Reipub* em função da qualidade estilística dos tipos¹³⁰, parece ter existido tal preocupação, uma vez que, por exemplo, geralmente a um anverso tosco se une um reverso de idêntico estilo.

Por outro lado, nenhum dos exemplares *Reparatio Reipub* que classificámos se manifesta abertamente neste sentido. Três moedas, n.º 90 e 91 de Santa Vitória do Ameixial (catálogo de imitações, p. 72), ambas ligadas pelo mesmo cunho de anverso, e n.º 29 de Tróia IV (catálogo de imitações, p. 75), com o mesmo cunho de anverso e reverso que a n.º 91 de Santa Vitória, revelam um anverso que aparentemente poderia pertencer a um cunho oficial, podendo a gravação do busto perfeitamente ter sido obra de um *scalptor*; mas, conjuntamente com os seis exemplares *Reparatio Reipub* cunhados em Lugdunum para *Valentinianus II* que existem no tesouro de Santa Vitória do Ameixial, as diferenças tornam-se evidentes. Os reversos são de cunhos diferentes, mas se o da n.º 90 se poderia confundir com um cunho oficial, o da n.º 91 é sem dúvida uma imitação (uma legenda errada: REPHRIITO REI[...], e uns tipos algo grotescos e desproporcionados não deixam margem para dúvidas, estampa 6).

Bastien (1985a, p. 159), sobretudo a partir das imitações da moeda de *Magnentius*, deduziu da qualidade dos reversos de algumas imitações a utilização clandestina de cunhos oficiais de reverso nos centros emissores irregulares – não conhece um cunho oficial de anverso associado a um cunho de reverso de imitação, já que aqueles seriam guardados à chave depois de terminar o trabalho, enquanto os cunhos de reverso permaneceriam na oficina – e da qualidade de alguns anversos, a existência de gravadores oficiais nestas mesmas oficinas. As imitações *Reparatio Reipub* que conhecemos não mostram nenhum exemplo claro destas situações. Talvez na moeda n.º 43 de Santa Vitória do Ameixial (catálogo de imitações, p. 71) possa ser visto um reverso oficial (estampa 5).

Numa mesma oficina irregular, copiam-se indistintamente peças inspiradas em moedas oficiais de vários centros emissores. Imitações com a marca do centro emissor de Arelate sofreram a influência de Lugdunum¹³¹. Às vezes, um mesmo anverso liga duas imitações com marca de centro emissor diferente, sempre gálico¹³², e estilos semelhantes relacionam imitações

de Arelate com Lugdunum¹³³. Em duas ocasiões, constatámos um acentuado desgaste dos cunhos que são utilizados até ao seu limite: todavia, num *Reparatio Reipub* de Lugdunum pertencente ao tesouro de Boca do Rio (catálogo de imitações, p. 76, n.º 1), os cunhos estavam novos no momento da cunhagem; mas no exemplar procedente dos mesmos cunhos de anverso e reverso do tesouro de Santa Vitória do Ameixial (catálogo de imitações, p. 71, n.º 28), o seu desgaste é já evidente, mais no anverso do que no reverso; o exemplar de Tróia III (catálogo de imitações, p. 75, n.º 14) mantém o mesmo cunho de reverso, mas o cunho de anverso foi trocado (estampa 6). Um mesmo cunho de reverso foi utilizado para dois cunhos de anverso distintos que reproduzem diferentes imperadores: a moeda n.º 100 de Santa Vitória do Ameixial em nome de *Valentinianus* II com a marca do centro emissor de Roma (catálogo de imitações, p. 72) apresenta o mesmo cunho de reverso que a moeda n.º 7 de Tróia III (catálogo de imitações, p. 75), mas esta representa *Theodosius* no anverso.

Aspectos metroológicos

A metrologia das imitações *Reparatio* coloca-as muito próximas dos seus protótipos embora acusam importantes variações de peso, tal como entre os *Reparatio* oficiais. Os 159 exemplares de Santa Vitória do Ameixial dão um peso médio de 4,01 g que se situa muito próximo da sua mediana com 3,97 g; mas com um alto desvio padrão, de 0,77 %. Os pesos oscilam entre os 2 g (catálogo de imitações, p. 73, n.º 126) e os 7,32 g (catálogo de imitações, p. 72, n.º 94), mas 67% destes exemplares situam-se no intervalo entre 3,25 g e 5,25 g. O peso médio destas imitações implica, portanto, um desvio médio de 15,04% sobre o peso médio de 4,72 g que oferecem os 1628 *Reparatio* oficiais de Santa Vitória (o desvio é muito mais alto em relação ao peso teórico de 5,45 g: 26,42 %) cujos pesos oscilam também entre um peso mínimo de 2 g e um peso máximo de 7,69 g e onde 42 exemplares têm um peso inferior a 3,33 g¹³⁴.

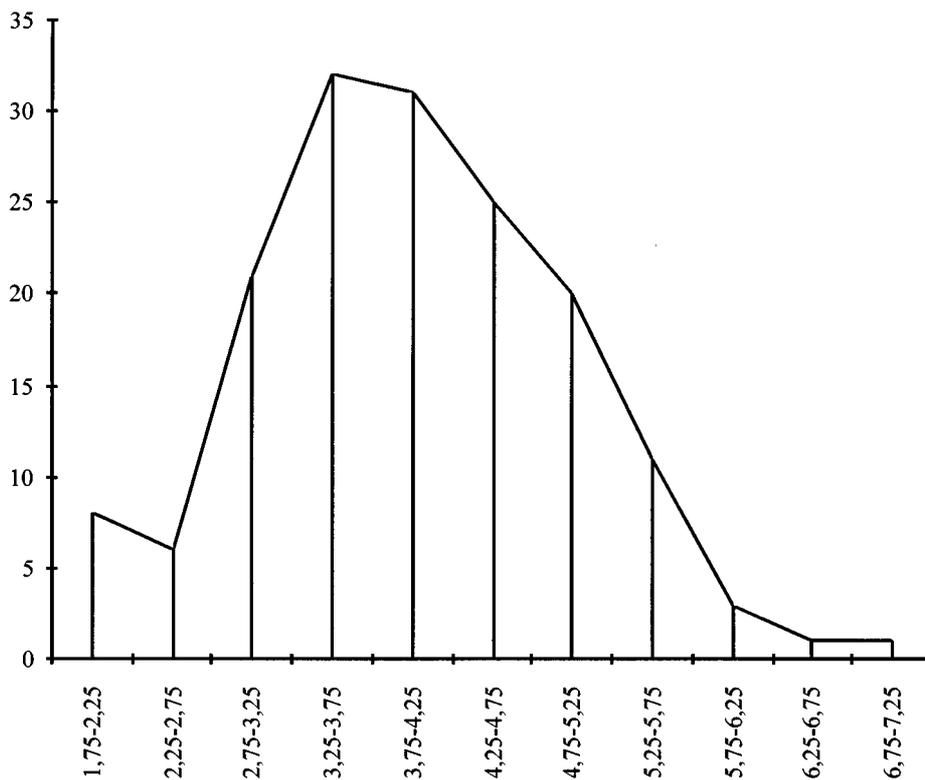


Gráfico de distribuição de pesos das imitações *Reparatio Reipub* do tesouro de Santa Vitória do Ameixial.

O módulo coloca-se entre 18 e 25 mm, embora a maior parte dos exemplares (aproximadamente 68%) meça entre 20 e 22 mm. O diâmetro médio situa-se em 21,43 mm face aos 22,74 mm de média dos *Reparatio Reipub* oficiais.

Entre as restantes imitações *Reparatio*, 110 exemplares dos quais temos o seu peso (média de 3,76 g) e módulo (entre 17 e 23 mm) mantêm-se próximos do Ae2; de 67 exemplares, apenas contamos com o seu módulo, entre 18 e 22 mm.

Nos tesouros, o peso e diâmetro médio das imitações permite vislumbrar uma associação entre as cópias “boas” e os seus protótipos¹³⁵, mas também foram fabricadas peças de peso e módulo muito inferiores ao do Ae2 que a selecção inerente aos tesouros de estrutura Ae2 deve ter excluído, embora estas pareçam ser escassas. Apenas três exemplares apresentam um módulo e um peso (dois neste caso) muito inferior ao do Ae2: entre as moedas procedentes do Portus Ilicitanus, inclui-se uma imitação *Reparatio* (catálogo de imitações, p. 82, n.º 2) de anverso ilegível, 1,78 g e 13 mm; dos dois exemplares de Barcino, um é um *minimus* com 9 mm e 0,20 g (Marot, 1987, p. 225 e 229, gráficos) e dos dois exemplares de Belo, um (catálogo de imitações, p. 83, n.º 42) tem um módulo de 15 mm, mas um peso elevado, 2,04 g¹³⁶. No tesouro de Galiana incluem-se três peças *Reparatio* com módulo de Ae3 (16 e 18 mm) e peso de Ae4 (0,82; 1,01; 1,78 g), que poderiam ser também imitações¹³⁷.

Carácter

O argumento de estilo deficiente que apresentam estas imitações revela-se como a principal característica denunciadora do seu carácter irregular, embora as deficiências de estilo variem muito de uns exemplares para outros. Entre os quatro grupos que distinguimos, no que diz respeito às imitações *Reparatio Reipub*, segundo manifestas diferenças estilísticas (imitação tosca, intermédia, boa e fronteira), as dos dois últimos grupos – são as menos numerosas – substituem, sem dúvida, os *Reparatio* oficiais nas mãos dos utentes. Só um exame muito atento permitiria ao utente descobrir a sua irregularidade. Mas a maior parte destas imitações, isto é, as incluídas dentro dos dois primeiros grupos, à partida, não enganariam ninguém com as suas legendas erróneas e tipos decadentes. Só que, se elas conseguem enganar os estudiosos actuais, também poderiam ter passado despercebidas na sua época, sem serem consideradas “irregulares”. Todas elas, em geral, se mantêm em peso e em módulo muito próximas do conjunto dos *Reparatio* oficiais.

Uma vez que, desde os *valentiniani*, a moeda de bronze praticamente deixa de ter prata na sua liga, desaparece a diferença entre a composição metálica das imitações e as moedas oficiais. A análise metalográfica realizada sobre duas imitações *Reparatio Reipub* revela uma composição metálica análoga à do *Reparatio* oficial, com uma liga composta essencialmente de cobre e chumbo e em que a prata está ausente (Bastien, 1987, p. 153 e 110-112; Abad Varela, 1993, p. 1018).

Os lucros da oficina irregular já não podem estar numa liga de pior qualidade do que a da moeda oficial; não obstante, com uma diferença de peso de aproximadamente 26% entre as imitações e o talhe teórico de 1/60 da libra aceite para este Ae2, podemos concluir com Lallemand (1967, p. 33), a respeito de Hemptinne que “cette caractéristique représente, évidemment, le bénéfice de l’atelier local et, sans doute, l’une des ses raisons d’être”¹³⁸. A ânsia do lucro surge como um dos fins, senão o principal, que animou a produção de imitações que facilmente podem competir em peso e em módulo com as suas moedas oficiais, desempenhando o mesmo papel nas transacções comerciais. O estilo deficiente das imitações deve ocupar um lugar muito secundário face à aceitação, ou não, destas moedas pela população. De facto, este argumento não invalidou que fossem entesouradas, juntamente com os Ae2, tanto *Reparatio Reipub* como *Gloria Romanorum* –“*labarum*”. Segundo este

argumento, não se trata de moeda de necessidade mas da obra de falsificadores. As cópias de módulo e peso muito inferiores que foram fabricadas e que neste caso o entesouramento deixou de fora, não se associam com o Ae2, mas com o Ae3 e até com o Ae4, como provam os três *Reparatio*, sejam imitações ou moedas oficiais, entesourados no tesouro de Galiana, com uma estrutura de Ae3-Ae4.

3.2.2.3. 381-395/403

Em 386/387, *Maximus* substitui o reverso do Ae2, trocando o tipo e a legenda do *Reparatio Reipub* por um novo reverso com o tipo que representa o Imperador em pé sustentando uma Vitória e um estandarte acompanhado da legenda VICTORIA AVGG³⁹. Esta nova série, cujos exemplares são raros na Península, é emitida apenas em Arelate e Lugdunum. Apenas dois tesouros lusitanos, Santa Vitória do Ameixial e Tróia IV, incluem na sua composição alguns exemplares de *Victoria Augg*. Tal como testemunha o tesouro de Hemptinne, esta emissão é imitada praticamente desde o momento em que entra em circulação, não só em nome de *Maximus*, mas também em nome de *Gratianus*⁴⁰.

Quadro 8

Distribuição do Ae2 *Victoria Augg*, oficial e imitação.

		Lu	Ar	?	Total	%
Hemptinne	Of.	31	10		41	80,39
	Im.	9		1	10	19,60
Santa Vitória	Of.	3	2		5	50
	Im.	2		3	5	50
Tróia IV	Of.	2	1		3	100
	Im.	–	–	–	–	–

Tanto a curta duração da emissão – este Ae2 deixa de ser cunhado, presumivelmente, em finais de 386 ou inícios de 387 – como o volume limitado da mesma justificam que estas moedas tenham chegado à Península em pequenas quantidades. O tesouro de Santa Vitória do Ameixial inclui cinco *Victoria Augg* e cinco imitações da mesma (catálogo de imitações, p. 74, n.º 165-169, estampa 7); o tesouro de Tróia IV inclui três exemplares regulares, mas nenhuma imitação. Todas as imitações levam a marca do centro emissor de Lugdunum, à semelhança do que acontece no tesouro de Hemptinne, e nenhuma tem a marca de Arelate. Os falsificadores, sem abandonarem a imitação do tipo precedente (alguns exemplares associam à legenda *Victoria Augg* o tipo do *Reparatio Reipub*), continuaram a actividade imitando o novo tipo criado por *Maximus*, cuja falsificação não lhe terá sobrevivido⁴¹.

Apesar de continuar a imitar o *Reparatio* ao mesmo tempo que se copia o novo tipo introduzido por *Maximus*, e não obstante o número de imitações de *Victoria Augg* com que contamos ser muito reduzido, o peso médio das cinco imitações de Santa Vitória é de 3,40 g sendo inferior à média das imitações de *Reparatio* (4,01 g), enquanto a média dos cinco exemplares oficiais é bastante mais elevada (5,10 g). O tesouro de Hemptinne mostra as mesmas tendências, tendo as imitações *Victoria Augg* uma média de 3,32 g e as oficiais, de 4,84 g (Lallemand, 1967, p. 46-59). Esta divergência de peso entre as imitações de *Victoria Augg* e as imitações de *Reparatio Reipub* poderia corresponder a uma provável escassez de metal datável – de acordo com a explicação de Boon para os *minimi* e *minimissimi*, salvaguardadas as devidas diferenças – da fase final do episódio de falsificação do Ae2.

Nos inícios de 383, *Theodosius* afasta-se das directrizes de *Gratianus*, substituindo nos seus centros emissores orientais o Ae2 *Reparatio* por um novo reverso com a legenda

GLORIA ROMANORVM e os tipos da “galera” e do “cativo”. Mais tarde, este será trocado pelo reverso VIRTVS EXERCITI, até 387¹⁴². Estes novos tipos de Ae2 orientais atingem timidamente a Península durante ou após o período em que esta está sob o controle do usurpador *Maximus*. Apesar disso, em nenhum dos tesouros de estrutura Ae2 referidos ao tratar das imitações de *Reparatio Reipub* e que marginalmente contêm estes Ae2, nem nos sítios registados, foram identificadas imitações destes tipos. Mas, dadas as características destas moedas, é verosímil que o fenómeno da falsificação, agora com uma origem oriental, afectasse também estes Ae2. Tanto a dificuldade que encontraram os originais para chegar à Península como uma actividade a escala reduzida podem explicar a ausência das suas cópias nestes tesouros; estas não são, todavia, completamente desconhecidas: um exemplar do tesouro de Monforte (Alicante) é claramente uma imitação de *Gloria Romanorum* – “galera” que reproduz *Gratianus* no anverso e tem um peso de 4,75 g e um módulo de 20 mm (Arroyo Ilera, 1985b, p. 151, n.º 92)¹⁴³.

Pouco depois da elevação de *Honorius* a imperador, a 19 de Janeiro de 393, assiste-se a um renascimento do Ae2, materializado num novo reverso com a legenda GLORIA ROMANORVM acompanhada do imperador de pé segurando um globo e um *labarum*. Mas, desta vez, o Ae2 é cunhado exclusivamente nos centros emissores orientais, de Heracleia a Alexandria. Esta é a última emissão de Ae2 pertencente ao século IV que atingirá a metade sul peninsular de forma relevante¹⁴⁴.

Os tesouros de estrutura Ae2 *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum* são um claro exemplo da chegada massiva destas cunhagens orientais às costas do sul da Península, não só mediterrânea mas também atlântica, em virtude de contactos comerciais com o Mediterrâneo oriental. Estes Ae2 são muito raros na metade norte da Península (os tesouros de estrutura Ae3-Ae4 apenas os incluem muito marginalmente, veja-se catálogo tesouros, *supra*, p. 31-41), assim como na Gália e na Britânia.

Trata-se de um novo Ae2 que também não se vai libertar do fenómeno da imitação, mas este, segundo a nossa informação, teve uma projecção muito limitada. De todos os tesouros de estrutura Ae2 conhecidos na Península referidos a respeito do caso do Ae2 *Reparatio Reipub*, só os tesouros de Las Quintanas, Torrecaños, Garciaz, Ferrarias, Freiria, Santa Vitória do Ameixial, Tróia III e Tróia IV contêm estas imitações, embora com uma representação totalmente marginal (Quadro 8a). À excepção de Barcino – quatro exemplares sobre um total de 29 (13,80%) (Marot, 1987, p. 222) – não se conhecem estas imitações entre os achados de circulação referidos¹⁴⁵. Por outro lado, entre os poucos exemplares conhecidos, alguns não deixam de ser problemáticos.

Quadro 8a

Distribuição do Ae2 *Gloria Romanorum* – “labarum” (oficial e de imitação) nos tesouros que contêm imitações.

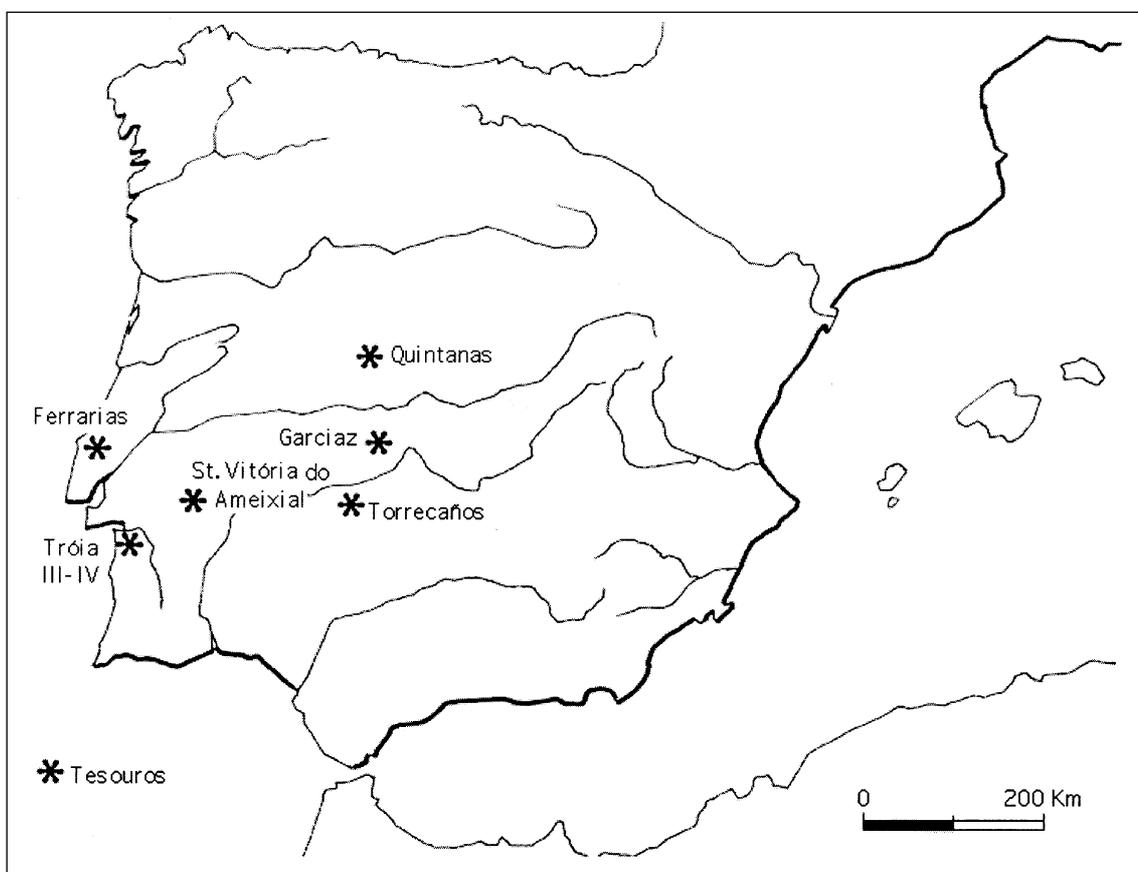
Tesouros	Oficial	Imitação	Total	%
Quintanas	242	3	245	1,22
Garciaz	760	1	761	0,13
Ferrarias	40	1	41	2,44
Freiria	24	1	25	4,00
Torrecaños	603	7	610	1,15
Santa Vitória	1502	6	1508	0,40
Tróia III	239	1	240	0,42
Tróia IV	701	4	705	0,57
Total	2767	16	2783	0,58

O tesouro de Las Quintanas inclui três imitações (catálogo de imitações, p. 68, n.ºs 21-23), mas das três, duas (n.ºs 22 e 23) não são acompanhadas de fotografia, manifestando García Figuerola (1995, p. 77) alguma hesitação entre imitação e retoque de cunhos. A n.º 21 é sem dúvida uma imitação: o anverso é de péssima qualidade, enquanto o reverso revela um tipo e uma legenda excelentes (são os próprios do centro emissor de Antiochia), mas estes unem-se a uma marca de centro emissor errada: - - // ATNA no lugar de - - // ANTA. A n.º 23 apresenta em nome de *Honorius* a marca de centro emissor - - // CONΓ, mas, como se verá, é uma marca duvidosa para ser incluída dentro das moedas oficiais.

O tesouro de Garciaz tem uma imitação (catálogo de imitações, p. 64, n.º 11) em nome de *Honorius* e com a marca CONΓ.

No tesouro das Ferrarias o único exemplar (catálogo de imitações, p. 69, n.º 4, estampa 8) é claramente uma imitação.

O tesouro de Freiria inclui um único exemplar imitação (catálogo de imitações, p. 69, n.º 6), em nome de *Arcadius* e também com a marca de centro emissor - - // COHΓ.



MAPA 7 – Localização das imitações Ae2 *Gloria Romanorum* - "labarum" (393-395).

O tesouro de Torrecaños inclui sete imitações (catálogo de imitações, p. 70, n.ºs 38-44). O n.º 38 não parece imitação, segundo a fotografia da publicação (García Figuerola, 1998, p. 503, n.º 76). O mesmo acontece com o n.º 39, que apresenta *Theodosius* no anverso e no reverso ostenta uma legenda errada (GLORIAI ROMANORVM); no entanto, trata-se, sem dúvida, de um erro na gravação da legenda (os *Gloria Romanorum* cunhados pelo centro emissor de Alexandria mostram características iconográficas próprias que revelam traços

um pouco mais toscos nas letras das legendas e na gravação dos tipos). Nesta mesma situação se encontra a moeda n.º 42. O n.º 40 é uma moeda cunhada em nome de *Arcadius* com a marca COHΓ. O n.º 41 leva a mesma marca, mas em nome de *Honorius*.

O tesouro de Santa Vitória do Ameixial apresenta seis exemplares (catálogo de imitações, p. 74, n.ºs 170-175, estampa 8), dos quais cinco são claramente imitações. O n.º 170 é em nome de *Arcadius* e leva também a marca de centro emissor - - // COHΓ.

No tesouro de Tróia III, o único exemplar que se pode considerar como imitação (catálogo de imitações, p. 75, n.º 17, estampa 8) une tipos medíocres e letras irregulares à marca de centro emissor - - // COHΓ e um erro na legenda do reverso: GLORIA ROMANORV. O imperador reproduzido é *Arcadius*.

O tesouro de Tróia IV inclui quatro exemplares (catálogo de imitações, p. 76, n.ºs 45-48, estampa 8), dos quais só o n.º 46 é claramente uma imitação. O n.º 45 é uma moeda de *Arcadius*, cunhada em Heraclea, cujos tipos são excelentes mas as respectivas legendas deixam dúvida sobre o seu carácter oficial: D N RNCACAIV-VS P F HVG, embora possa tratar-se de uma recunhagem sobre um Ae2 *Virtus Exerciti* de 385-387, já que no reverso ficaram restos de um antigo estandarte. O mesmo acontece com a n.º 48, que poderia ser uma moeda recunhada sobre outro *Gloria Romanorum* de *Honorius* em cujo reverso ficaram restos da legenda de anverso, e no anverso, restos da legenda de reverso, mas não ficaram restos dos tipos [ROMH[.]ONORIVS P F HVG / GLORIA ROM[.]ONORI]; parece, no entanto, mais o resultado de cunhos com legendas defeituosas numa oficina clandestina¹⁴⁶. O exemplar n.º 47 mantém uns tipos bons, mas as legendas apresentam erros e, de novo, a marca de centro emissor: - - // [.]OHΓ em nome de *Arcadius*.

Os exemplares n.º 5 de Freiria, n.º 40 de Torrecaños, n.º 170 de Santa Vitória do Ameixial, n.º 17 de Tróia III e n.º 47 de Tróia IV têm em comum uma mesma marca: - - //COHΓ e o imperador que reproduzem, *Arcadius*¹⁴⁷. Se exceptuarmos o exemplar de Tróia III, em que os tipos são medíocres e as legendas boas (só são legíveis muito parcialmente), nos restantes exemplares, os tipos apresentam boa qualidade, ao contrário das legendas, com letras irregulares, por vezes invertidas, sobretudo o «A», e erros nas mesmas. Não existem ligações de cunhos entre estas moedas mas sim uma semelhança de estilo. Por outro lado, a marca - - // CONΓ corresponde à terceira oficina de Constantinópolis reservada para *Arcadius* sendo própria dos *Gloria Romanorum* – “galera” de 383-385. O centro emissor de Constantinópolis cunha os *Gloria Romanorum* – “labarum” com a marca - - // CONSA. A marca - - // CONΓ, é desconhecida no LRBC II para estes Ae2; não obstante, Pearce (1933, p. 236, n.º 88c) inclui esta marca entre os Ae2 de Constantinópolis em nome de *Honorius*, a partir de exemplares da colecção do British Museum. Os cinco exemplares que foram referenciados têm claramente a marca - - // COHΓ e não - - // CONΓ.

Outra imitação de Santa Vitória (catálogo de imitações, p. 74, n.º 175, estampa 8) está relacionada com os exemplares anteriores. O anverso reproduz *Arcadius* e procede do mesmo cunho de anverso que a moeda n.º 47 de Tróia IV (a moeda n.º 40 de Torrecaños mostra um anverso muito próximo, podendo mesmo existir uma ligação de cunho), o que não deixa dúvidas sobre o carácter imitação destes exemplares com a marca de centro emissor - - // COHΓ, havendo a possibilidade de que os exemplares identificados por Pearce em nome de *Honorius* sejam também imitações, tal como os exemplares de Las Quintanas, Garciaz e Torrecaños.

É o exemplar n.º 175 de Santa Vitória do Ameixial que sobressai entre as imitações, revelando ao mesmo tempo uma manifesta confusão do falsificador. Tem todas as características físicas do *miliarense*: um *flan* de 24 mm, um peso de 3,55 g e um aspecto brilhante que

é dado pela débil película de prata que cobre uma alma de cobre, mas a marca - - // CONOI apresenta a influência do ouro (- - // CONOB)¹⁴⁸. Por outro lado, o tipo do reverso, o *Gloria Romanorum* – “*labarum*”, não é próprio do *miliarensis*, mas do Ae2. A moeda foi cunhada com o mesmo cunho de anverso que uma imitação de Ae2. Da mesma forma, pequenos vestígios no campo do reverso revelam uma cunhagem anterior que não é possível identificar. Uma mesma procedência para estas imitações não oferece dúvidas.

O *miliarensis* foi emitido em Constantinópolis com a legenda GLORIA ROMANORVM e duas variantes no tipo que Pearce data entre 388 e 392. Se considerarmos como real o seu grau de raridade (Pearce, 1933, n.ºs 84 e 85), a escassez destas moedas justifica que, num momento posterior à cunhagem efectiva do *miliarensis*, o falsificador atribuisse o tipo do Ae2 a uma imitação de *miliarensis*.

Estas imitações têm um peso muito próximo do seu protótipo e um módulo igual: os 24 exemplares de que temos o peso dão uma média de 4,24 g, situando-se o seu módulo entre 18 e 21 mm¹⁴⁹.

A introdução do Ae2 *Gloria Romanorum* – “*labarum*” é a data *post quem* que marca o início das suas cunhagens irregulares, não ultrapassando estas o ano de 395, uma vez que a data da desmonetização do Ae2 (C. Th., IX. 23. 2) significaria também o final das suas imitações¹⁵⁰.

Os exemplares identificados pelos tipos ou pela marca de centro emissor inspiram-se em moedas de Nicomedia ou Constantinópolis, o que leva a admitir uma(s) oficina(s) irregular(es) nas proximidades destes dois centros, cujos produtos, tal como acontecia anteriormente com os Ae2 *Reparatio*, chegam à Península infiltrados no circuito e acompanhados pelas moedas oficiais.

A imitação do Ae2 *Reparatio Reipub* é um fenómeno exclusivamente ocidental, uma vez que nenhuma das imitações copia os *Reparatio* orientais, enquanto a imitação do Ae2 *Gloria Romanorum* surge como um fenómeno exclusivamente oriental e muito mais marginal. Perante a questão da diferença de volume entre as imitações das duas séries, não há qualquer resposta satisfatória. Para Depeyrot (1987, p. 89), a baixa produção do Ae2 *Reparatio* nos centros emissores do Norte explicaria em parte o sucesso da imitação *Reparatio*, mas não existe qualquer evidência que permita localizar o fabrico destas imitações no norte da Gália. Por outro lado, a baixa produtividade de Ae2 em Treveri, entre 381 e 387, provocaria o envio das produções de Lugdunum e de Arelate para estas regiões. Estas produções foram dirigidas também para a Península, tendo uma tal situação, perante a procura de que seriam objecto, podido gerar insuficiências no abastecimento dessas zonas que propiciassem a actividade dos falsificadores. Do mesmo modo, o envio das produções orientais para a Península deveria ter favorecido a actividade falsificadora sobre o Ae2 *Gloria Romanorum*, mas, aparentemente, não foi assim. Porventura, o escasso tempo que circularam estes Ae2 possa estar na base do carácter marginal das suas imitações, uma vez que os falsificadores quase não tiveram tempo de as copiar.

Paralelamente à emissão das séries ocidentais e orientais de Ae2, entre 381 e 403, os centros emissores imperiais cunham também o Ae3 e o Ae4 com uma multiplicidade de reversos. Mas os Ae4 cunhados entre 388 e 403 pelos centros balcânicos, itálicos e orientais com o reverso da *Salus Reipublicae* (Vitória caminhando à esquerda e arrastando um cativo, com trofeu às costas) e os Ae4 com o reverso *Victoria Auggg* (Vitória caminhando à esquerda) emitidos pelos centros gálicos são os mais numerosos na Britânia, na Gália e na metade norte Peninsular, tal como comprovam as séries de achados de todas estas emissões.

Conhecem-se poucas imitações com os tipos do Ae3 e do Ae4 do período 381-388 (Bastien, 1987, p. 148-149). Na Península, entre os achados avulsos procedentes da zona valenciana, seis exemplares são imitações dos *Vota* em nome de *Gratianus*, *Theodosius* e *Arcadius* e estão inspiradas em marcas de centros emissores gálicos, balcânicos e orientais (catálogo imitações, p. 85-86, n.ºs 23-30). O tesouro de Torre é outro dos poucos sítios em que aquelas ocorrem; aqui encontra-se um *Vota* em nome de *Gratianus* com a marca de Arelate (um exemplar sobre 78 exemplares Ae4 do período 381-388, ou seja, 1,28%, catálogo imitações, p. 66, n.º 115). O tesouro de Galiana inclui uma imitação com o reverso *Victoria Aug[gg]* e o tipo das duas Vitórias afrontadas com a marca de Lugdunum, quando este tipo é exclusivo dos centros emissores de Roma, Aquileia e Thessalonica entre 383 e 388 (catálogo imitações, p. 62, n.º 14).

As duas últimas séries de Ae4 do século IV são imitadas mais frequentemente, embora estejam muito longe de atingir a profusão das pequenas peças de meados do século. No tesouro de Lierre (Lallemand, 1968, p. 24), de 1468 exemplares *Victoria Auggg*, 25 são imitações (1,70%) e de 985 *Salus Reipublicae*, 10 são imitações (1%). No tesouro de Bolonha (Delmaire, 1983b, p. 179-185), de 749 exemplares da primeira série, 23 são imitações (2,94%) e de 329 exemplares da segunda série, três são imitações (0,91%). Também se conhecem na Britânia (Boon, 1988², p. 145).

Na Península, estas imitações apenas foram identificadas nos tesouros de Torre e Galiana e no material de Barcino (Marot, 1987, p. 222): uma *Victoria Augg* de 1,15 g e 10 mm sobre um total de cinco exemplares e no material da zona valenciana: duas *Victoria Auggg* e seis *Salus Reipublicae* entre os achados avulsos (catálogo de imitações, p. 86, n.ºs 31-40), mas isto não significa que não sejam mais abundantes do que à primeira vista deixam transparecer¹⁵¹.

Quadro 9

Distribuição da emissão *Victoria Auggg*

Tesouros	Oficial	Imitação	Total	%
Torre	40	7	47	14,89

Quadro 9a

Distribuição da emissão *Salus Reipublicae*

Tesouros	Oficial	Imitação	Total	%
Torre	46	4	50	8,00
Galiana	58	2	60	3,33

Os dois tesouros de Galiana e Torre e os restantes de estrutura semelhante revelam perfeitamente as características da circulação monetária nos finais do século IV e mesmo durante o século V, no que diz respeito à metade norte peninsular. Os tesouros de Bolonha e de Lierre mostram, no norte da Gália (tal como os tesouros britânicos¹⁵²), uma circulação dominada pelas duas últimas séries de Ae4 em que as restantes emissões do século IV são só pontuais. Pelo contrário, os tesouros do Norte peninsular revelam um abastecimento mais lento desde a época valentiniana e, tal como definiu Cepeda (1995, p. 42), uma “circulação obsoleta” baseada nas emissões constantinianas de 330-348 e nos Ae3 *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado”, enquanto as *Victoria Auggg* e *Salus Reipublicae* estão apenas timidamente representadas. No tesouro de Torre constituem 5,11%; em Galiana, são um pouco mais numerosas, 18,72%.

Contudo, e apesar do fraco aprovisionamento, as imitações não deixaram de chegar à Península. No caso da *Victoria Auggg*, emitida unicamente pelos centros emissores gaule-

ses, as suas imitações devem ser também gálicas (em nenhum dos exemplares de Torre se lê a marca que copiam); no caso da *Salus Reipublicae*, emitida pelos centros emissores itálicos, balcânicos e orientais, a sua origem pode ser gálica ou não: os dois exemplares de Galiana unem o tipo da *Salus* à marca de Arelate (catálogo de imitações, p. 62, n.^{os} 15-16) e dos quatro exemplares de Torre, dois levam a marca de Constantinopolis (catálogo de imitações, p. 66, n.^{os} 117-118). Os seis exemplares da zona valenciana levam marcas romanas, balcânicas e orientais.

O talhe proposto para este Ae4 é de 1/252 da libra (1,29 g segundo a libra de 327,45 g). As imitações conhecidas adaptam-se perfeitamente a este talhe com médias de 1,24 g para a *Salus* e um módulo entre 11 e 14 mm; e 1,14 g para a *Victoria*, com um módulo entre 11 e 13 mm. No tesouro de Bolonha, encontram-se também imitações com pesos muito inferiores, de até 0,50 g, mas este não se diferencia do que podem ter os próprios Ae4 teodosianos.

Sobre a cronologia destas imitações, retemos a datação aproximada proposta por Delmaire (1983a, p. 145): entre 390 e os inícios do século V.

É possível pronunciar-mo-nos sobre o carácter destas imitações? As percentagens de Torre e Galiana são significativas, mas a percentagem dos tesouros de Bolonha e de Lierre, onde as duas séries de achados são muito mais numerosas, não permitem pensar numa amoeção de necessidade. A resposta, é, por agora, difícil. Os dados são escassos e a distinção entre estas moedas e os protótipos é muito aleatória. Seria necessário um estudo de conjunto que permitisse estabelecer, para os finais do século IV, o peso destas imitações na circulação.

- 1 Por exemplo, no caso dos *Reparatio Reipub* do tesouro de Santa Vitória do Ameixial, não só algumas imitações atingem pesos baixos (24,53 % situam-se entre os 2 e 3,32 g), mas também as moedas oficiais abrangem esses mesmos mínimos (2,76% situam-se entre os 2 e 3,35 g). Uma situação semelhante acontece com o módulo: os *Reparatio* oficiais distribuem-se entre os 19 e 26 mm, enquanto as suas imitações situam-se entre 18 e 25 mm.
- 2 A esta dificuldade, também se referiu Delmaire (1983b, p. 140). Baseando-nos nas imitações *Reparatio Reipub*, já que é com este material que temos trabalhado mais directamente, realizámos um estudo estilístico das diferentes classes de imitações que se podem encontrar segundo os dois critérios antes referidos. *Grosso modo*, este estudo pode ser extensivo aos restantes tipos de imitações e, ao mesmo tempo, exemplifica as dificuldades a respeito da catalogação das mesmas. É apresentado em anexo a fim de não interromper o desenvolvimento da exposição.
- 3 As imitações dos *nummi* anteriores a 318 parecem ter sido escassas e geralmente fabricadas por molde (cfr. Boon, 1988², p. 136-137). Para a Península conhece-se uma única imitação procedente do tesouro de Monte Mozinho I (catálogo de imitações, Monte Mozinho I, n.º 1, p. 59) em nome de *Maxentius*, com o tipo de reverso CONSERV VRB SVAE e com a marca de Roma.
- 4 Cfr. supra, sistema monetário, p. 16.
- 5 La Olmeda: 1,13% (Campo, 1990, cálculo a partir do Quadro 8, p. 24); Clunia: 1,73% (Gurt 1985, p. 328-343); Conimbriga: 2,48% (Pereira et al., 1974, cálculo a partir do Quadro p. 250-251); São Cucufate: 12,68% (Bost, 1990, cálculo a partir do Quadro 10, p. 221); Belo: 6,16% (Depeyrot, 1987, cálculo a partir do Quadro 41, p. 80). As percentagens são apresentadas sobre o total de exemplares do século IV, sem ter em consideração as imitações e os exemplares inclassificáveis.
- 6 Vejam-se as considerações a respeito deste tesouro, supra catálogo de tesouros, p. 27.
- 7 Tesouro de Monte Mozinho II: percentagem sobre o total geral de moedas.

	Oficial	Imitação	Total
N.º exemplares	116	15	131
%	88,55	11,45	100

- 8 Vejam-se as considerações a respeito deste tesouro, *supra* catálogo de tesouros, p. 26-27.
- 9 Percentagem de imitações sobre o total de cada reverso.
- 10 Cfr., por exemplo, o tesouro de Bikic-Do (arredor de Sid, Voivodina): trata-se de um tesouro constituído por 10 590 *nummi* que começa essencialmente com numerário de 318 (apenas uns poucos exemplares são anteriores a esta data) e encerra nas proximidades de 335, com apenas nove exemplares do período 324-335. O seu corpo central é formado pelas emissões do período 318-324, incluindo 30 imitações *Victoriae Laetae, Vota* e *Virtus Exerciti* (Brenot, 1978, p. 7-98 e especialmente, p. 17). O mesmo horizonte cronológico apresenta o tesouro de Monte Mozinho II.
- 11 As análises efectuadas sobre oito imitações com tipos de reverso do período 318-324 revelam uma proporção de prata nas ligas destas moedas (média 1,7%) bastante inferior à das moedas oficiais (3,3%) (Barrandon e Brenot, 1978, p. 128-129).
- 12 Sobre estas emissões, veja-se *supra*, sistema monetário, p. 17.
- 13 Nestas áreas, as imitações aparentam ser bastante insignificantes. Em Itália, quando aparecem, o seu número parece ser mínimo, cfr. Volk (1983, n.º catálogo 69, nenhuma imitação para este período sobre 25 exemplares, só uma imitação do período 353-358, *Fel Temp Reparatio* "cavaleiro derrubado"); também Orlandoni (1991, p. 615-622). Na zona do Ilírico, são apenas recenseadas imitações nos 71 tesouros do século IV, a maioria achados na Pannonia, compilados por I. Mirnik (1981, p. 76-84). Nas províncias africanas o panorama é similar, as imitações não constam dos tesouros constantinianos africanos, cfr. Salama e Callu (1990, p. 91-116, *corpus* de tesouros africanos). Para estas áreas pode igualmente ver-se o *corpus* de tesouros constantinianos realizado por Callu (1981, p. 11-61).
- 14 À excepção do tesouro de Sant Miquel (Barcino), todos os outros são os denominados tesouros de estrutura Ae3-Ae4 com um horizonte numismático nos princípios do século V. Veja-se *supra*, catálogo de tesouros, p. 31-41.
- 15 Incluem-se neste Quadro apenas os sítios que proporcionaram imitações. Em termos comparativos, consideramos também oportuno incluir aqui, como nos Quadros respectivos dos períodos seguintes, os dados de importantes sítios que contam com séries numismáticas completas nos quais as imitações se encontram ausentes. Mesmo assim, introduzem-se os tesouros do século IV que contêm imitações deste período.
- 16 Infelizmente, não existe uma publicação exaustiva do material numismático de Tarraco: os achados da necrópole não proporcionaram imitações e a síntese sobre a circulação monetária de Tarraco publicada por Carreté i Nadal (1994, p. 235-242) começa no ano 346.
- 17 Tesouro do qual se publicaram quatro lotes. Só são considerados para este estudo os dois lotes que continham imitações. Veja-se *supra*, catálogo de tesouros, p. 38. Encontra-se em processo de estudo outro lote deste mesmo tesouro em que também estão representadas as imitações.
- 18 O material denominado "Norte do Douro", compreende 3569 exemplares que se encontram no Gabinete Municipal de Porto e são o resultado da mistura de vários tesouros e achados avulsos regionais impossíveis de individualizar (Pereira e Bost, 1979, p. 87-94).
- 19 Existem também quatro imitações desde período em Idanha-a-Velha, identificadas por Faria (1991-1992, p. 144), mas, a nosso ver, observando as fotografias, são moedas oficiais. O mesmo acontece com as três imitações do período 353-358 e a imitação de 388-403 (Faria, 1991-1992, p. 145 e 149).
- 20 Esta percentagem poderia ser mais elevada. Os próprios autores da publicação sobre as moedas de Conimbriga escrevem "...il est difficile d'opter pour l'une ou l'autre des solutions, car les monnaies orientales, toutes officielles en principe, montrent aussi de graves altérations. Aussi le nombre des imitations peut avoir été plus élevé, sans atteindre toutefois un chiffre considérable..." (Pereira et al., 1974, p. 266).
- 21 O 7,69% do tesouro de Balboa é meramente aparente, devendo-se, sem dúvida, ao pequeno lote considerado. Vejam-se as apreciações a respeito deste tesouro, *supra* catálogo de tesouros, p. 33-34. Mesmo assim, as altas percentagens dos tesouros de Torralba de Ribota e Valdenebro dever-se-ão ao pequeno número de moedas que integram cada período.
- 22 Incluí os centros emissores de Aquileia, Siscia, Thessalonica, Heraclea, Constantinópolis, Nicomedia e Alexandria.
- 23 Para o cálculo excluíram-se os exemplares com marca de centro emissor ilegível e as imitações.
- 24 Esta imitação apresenta um reverso que não permite diferenciar se se trata de um ou de dois estandartes.
- 25 Não é possível incluir os onze exemplares de Barcino, já que entre a informação de que dispomos não se indica a distribuição por centros emissores, embora se conheça os tipos de reverso: dois exemplares *Vrbs Roma*, cinco do tipo *Constantinopolis* e quatro *Gloria Exercitus*, 1 estandarte (Marot, 1987, p. 222). Também não é possível incluir os dois exemplares procedentes da zona do Maresme, uma vez que na publicação apenas se indica a distribuição das moedas segundo os períodos (Gurt, 1979, p. 77-78).
- 26 Não foi possível incluir neste Quadro os 26 exemplares do material denominado "Norte do Douro" porque as características da sua publicação não permite a sua distribuição por centros emissores.
- 27 "The inference is that, long after their prototypes were first struck, probably 150 years later, Constantinian copies were still being made and circulated in Britain. On the Continent they can be traced to c. 500, being superseded only by the coinages, mainly in gold, of the barbarian kingdoms which succeeded the Roman Empire in the West" (Hill, 1950, p. 237).
- 28 A suspensão da cunhagem entre o período 341-346 não é aceite unanimemente. Veja-se *supra*, sistema monetário, p. 17.
- 29 Marca de centro emissor que apenas pode ser do período 330-337 ou posterior a 354.
- 30 Uma imitação *Gloria Exercitus* – "um estandarte", do tesouro de Galiana (catálogo de imitações Galiana, n.º 2, p. 62) apresenta uma legenda de anverso: [...AD-IVS...] que poderia ser uma interpretação da legenda de anverso de *Arcadius* e levaria, desta forma, a sua fabricação a um momento posterior a 383, mas infelizmente não existe fotografia deste exemplar na publicação.
- 31 Mais recentemente, Callu (1986, p. 196), ao aceitar com novos argumentos a tese inglesa, escreveu: "La fermeture totale et prolongée de l'appareil productif des nummi est sans précédent au Bas-Empire: cette mesure drastique a été prise pour purger un marché de l'Aes submergé par une inflation à la fois réelle et fiduciaire; le programme ainsi affiché a fait sentir son action sur la masse disponible, car une quantité notable des imitations au type des Gloria Exercitus doit dater de ce lustre d'interruption".
- 32 No caso de Barcino, é surpreendente a diferente homogeneidade de espécies monetárias que apresentam os estratos tardios: em estratigrafias de finais do século V d.C., as moedas que circulam são as emissões anteriores a 350 e as imitações que se encontram per-

tencem, quase exclusivamente, a esta mesma tipologia, enquanto nos estratos do século VI d.C. as imitações reproduzem modelos tipológicos posteriores a 353 seguindo a tipologia das moedas que circulam neste estrato. Apesar destes modelos diferenciados de circulação, pensamos que é mais provável uma sobrevivência de emissões irregulares conjuntamente com os seus “originais” do que um fabrico nesses momentos, como propõe Marot (1987, p. 214-221).

- 33 Sobre esta modificação, veja-se *supra*, sistema monetário, p. 18.
- 34 O exemplar n.º 3 de São Cucufate (catálogo de imitações, p. 81) é um Aez *Fel Temp Reparatio* – “galera”, em nome de *Constantius II* e cunhado no centro emissor de Aquileia; trata-se de um exemplar desconhecido do RIC VIII e do LRBC II [D N CONS[.]N-TIVS P F AVG/A - FEL TEMP REPARATIO; - - // AQT]. O autor (Bost, 1990, p. 205) considera-o uma moeda oficial; não obstante, observando a fotografia e perante o estilo dos tipos e a irregularidade das letras das legendas (além de faltar a letra A do campo do reverso, própria da emissão da galera com a letra A atrás do busto do anverso à que pertence esta moeda, RIC VIII, 324/117; embora aqui com a marca A - // AQT* e em nome de *Constans*), é, para nós, sem dúvida, uma moeda de imitação.
- 35 Representação das emissões do período 348-353 em diferentes sítios arqueológicos. A percentagem foi calculada sobre o total de moedas do século IV, excluindo as imitações e os exemplares inclassificáveis.

	348-353	Total	%
La Olmeda	1	441	0,22
Grau Vell	5	134	3,73
Belo	31	762	4,06
Conimbriga	81	4793	1,68

- 36 Tesouro do foro de Tarragona composto por oito Aez do período 348-350 e 32 Aez do período 350-353 (emissões de *Magnentius*). Oculto cerca de 353.
- 37 Aez do período 348-353 sobre o total de exemplares de cada tesouro

	348-353	Total	%
Tróia II	250	1522	16,43
Troino	4294	10625	40,41

- 38 Vejam-se as apreciações a respeito destes dois tesouros, *supra* catálogo de tesouros, p. 29-31.
- 39 Os autores de Conimbriga colocam a formação deste depósito em 465-468 com as incursões suevas que assolaram a cidade, cfr. *supra*, catálogo de tesouros, p. 43.
- 40 No suposto tesouro de Palencia (veja-se *supra*, catálogo de tesouros, p. 34-35), encontra-se também uma imitação “galera” do centro emissor de Aquileia e em nome de *Constantius* (catálogo de imitações, Palência, n.º 2, p. 61).
- 41 Tal como se constata para outras partes do Império, onde as cópias do tipo da “galera”, primeiro, e as do “cavaleiro, FH2”, depois, são as mais numerosas; as imitações do tipo da “cabana” são menos frequentes, como as do Ae3; não obstante, também circulavam na Gália, na Britânia, nas Províncias Danubianas e no Egipto. A informação sobre imitações a respeito do Norte de África e Oriente é muito pouca, embora pareça verosímil que nestas áreas fossem escassas (Bastien, 1985a, p. 152-153 e 165, 1985b, p. 139).
- 42 As próprias moedas oficiais são bastante raras, veja-se *supra*, Quadro 3a.
- 43 Sobre o valor destas denominações, veja-se *supra*, sistema monetário, p. 18, n. 9.
- 44 Para Delmaire (1983a, p. 343) a cunhagem de bronzes pesados depois de 346 provocou uma onda de imitações “à caractèrè spéculatif, concernet les monnaies lourdes à forte valeur, et on peut les qualifier de faux monnayage (*Fel Temp* à la galère, aes 2 de Magnence)”. Brickstock (1987, p. 41) considera as imitações da “galera” como falsificações que foram produzidas para benefício pessoal.
- 45 Vejam-se de novo as apreciações a respeito destes tesouros, *supra* p. 29-31. Tróia II: 245 Aez deste período, FH3 e FH4, e nenhuma imitação (128 exemplares revistos através de fotografias); Troino: 3637 Aez e nenhuma imitação.
- 46 Como aduziu Bastien (1985b, p. 139), é necessário considerar que algumas das imitações do *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” com módulo Ae3, que se incluem no período 353-358 seguindo as emissões oficiais com este módulo e o tipo do “cavaleiro derrubado” que só começam depois de 353, terão sido também cópias do Ae2 deste período.
- 47 Achados de circulação e depósitos monetários.
- 48 Apenas foram consideradas as emissões que têm imitações.
- 49 Sobre as emissões de *Magnentius*, veja-se *supra* sistema monetário, p. 8.
- 50 Os autores (Pereira et al., 1974, p. 186) incluem dentro da moeda de *Magnentius* as duas imitações *Fel Temp Reparatio* – “galera” do período precedente; assim, o total que consta na p. 186 é de 93 exemplares, e não de 91.
- 51 Não se indica na publicação o número exacto de imitações.
- 52 Dos 12 exemplares de *Magnentius* (Mañanes, 1982, p. 266-268), Cepeda só considera como imitações dois; no entanto é necessário acrescentar a elas mais outras duas que entram claramente nesta categoria (catálogo imitações *supra*, Astorga, p. 84).
- 53 Catálogo de imitações *supra*, Zona Valenciana, n.º 15-16, p. 85.
- 54 Catálogo de imitações *supra*, Sevilha, p. 87, n.º 4.
- 55 Os 13 exemplares dos tesouros A e E de Conimbriga estão também contabilizados no total geral das moedas de Conimbriga antes referido.
- 56 Se só são considerados os achados procedentes da necrópole, o índice é de 22,22%.
- 57 Vejam-se as considerações a respeito deste tesouro, *supra*, p. 29-30. As imitações apenas foram identificadas pela autora do estudo; no caso das moedas do período que nos ocupa, 28 dos 33 exemplares estão reproduzidos por fotografias. Dos 23 exemplares considerados como imitações, quatro oferecem-nos dúvidas sobre o seu carácter irregular; achamos, no entanto, que se trata antes de imi-

tações que de moedas oficiais. Mesmo assim, considerando estes quatro exemplares como moeda oficial, a percentagem de imitações mantém-se muito elevada: 57, 55%.

- 58 Vejam-se as ressalvas feitas a respeito deste tesouro, *supra*, p. 30-31. Dando como válido o índice de Tróia II, as imitações do tesouro do Troino têm de ser muito mais abundantes do que as referidas pelo autor. As numerosas moedas com irregularidades na marca do centro emissor ou na legenda que constam do catálogo e que foram consideradas pelo autor como moedas oficiais apontam claramente neste sentido.
- 59 Nesta distribuição por fases das imitações foi considerado o total das moedas, incluído o tesouro do Troino. Só não foram tidas em conta as imitações de Barcino e uma imitação de Tarraco por não permitirem a diferenciação.
- 60 Em Conimbriga só três exemplares pertencem à fase 6 e um, à fase 7. No tesouro de Tróia II, só um exemplar pertence à fase 7, nenhum à 6. Em Troino, 219 exemplares pertencem à fase 6 e 83 à 7, sobre um total de 2002.
- 61 Quer dizer, aqueles exemplares dos quais temos a leitura do exergo (total 1 do Quadro 4a, com a excepção de Barcino e Tarraco: 40 exemplares e total 1 do Quadro 4b: 85 exemplares).
- 62 Distribuição das emissões oficiais do usurpador por centros emissores. Pelo já referido anteriormente, não se considerou o tesouro de Troino, nem os achados de Tarraco e Barcino.

	Am	Tr	Lu	Ar	Ro	Aq	?	Total
n.º exemplares	3	16	40	48	21	4	24	146
%	2,05	10,96	27,40	32,88	14,38	2,74	16,44	100

- 63 No depósito de Cabriana: um exemplar de Treveri, quatro de Lugdunum e quatro de Arelate (as duas imitações levam a marca de Treveri e Lugdunum); no tesouro de Santa Vitória do Ameixial: cinco de Lugdunum, três de Treveri, quatro de Arelate, dois de Roma e um de centro emissor indeterminado (as duas imitações com exergo legível são de Ambianum e Lugdunum); em Conimbriga: dois de Ambianum, três de Treveri, sete de Lugdunum, 13 de Arelate, seis de Roma, dois de Aquileia e seis de centro emissor indeterminado.
- 64 Partilhamos assim o raciocínio de Cepeda (1991, p. 378).
- 65 Cfr. o corpus de tesouros de *Magnentius* em Bastien (1964, p. 115-136; 19832, p. 287-304).
- 66 O talhe teórico da *maiorina* foi inicialmente a 1/60 da libra (5,45 g) para passar depois a 1/72 da libra. O Ae3 teria segundo Kent (1981) um módulo entre 15 e 16 mm e um peso entre 2 e 2,50 g. Sobre esta emissão, cfr. *supra*, sistema monetário, p. 18, n. 10.
- 67 Geralmente existe uma correlação entre o peso e módulo; não obstante às vezes ser difícil atribuir o exemplar ao Ae2 ou ao Ae3; ou seja, pelo seu peso pode ser uma imitação de semi-*maiorina* embora pelo seu módulo possa ser de *maiorina* ou a inversa. Assim, um exemplar de Astorga tem 17 mm e 3,04 g e um exemplar de Conimbriga, 20 mm e 1,81 gr.
- 68 Peso médio sobre os únicos nove exemplares (sete do tesouro de Torre, um de Galiana e um de Balboa) dos quais temos o seu peso.
- 69 Os pesos e módulos deste grupo oscilam entre 0,93 g / 15 mm de um exemplar de La Olmeda e 1,92 g / 17 mm de um exemplar de Conimbriga.
- 70 Por exemplo, na Britânia: o tesouro de Heslington inclui 46 imitações de 348-350, 374 cópias de *Magnentius* e 1114 cópias de 353-358 sobre um total de 2800 exemplares (Carson e Kent, 1971, p. 207-225); o tesouro de Oldcroft inclui 44 cópias de 348-350, 255 de *Magnentius* e 1218 cópias de 353-358 (93 recunhagens) sobre um total de 3258 exemplares (Rhodes, 1974, p. 65-74). Na Gália: entre as moedas de Saint Bertrand, 132 imitações para o período 353-358 sobre um total de 348 (Bost, no prelo, p. 117, Quadro 21).
- 71 Subsiste sempre a dúvida de se as altas percentagens dalgumas zonas face aos baixos índices que se registam noutros sítios correspondem à representação real das emissões irregulares, ou pelo contrario, se os índices respondem a diferentes critérios na identificação das mesmas. Por outro lado, a diferença quantitativa entre as distintas séries de achados pode igualmente estar na base desta disparidade de resultados.
- 72 Dos sítios registados apenas se desconhecem as imitações no Portus Ilicitanus.
- 73 Percentagem que pode não corresponder à realidade. Vejam-se uma vez mais as considerações a respeito dos tesouros de Tróia II e Troino (*supra*, p. 29-31). No caso de Tróia II, dos 1176 exemplares, 468 foram revistos através de fotografias.
- 74 Conimbriga A: tesouro com um horizonte cronológico na segunda metade do século V; Conimbriga C: tesouro com um horizonte cronológico possível nas proximidades de 360 ou na segunda metade de século V (cfr. *supra*, catálogo de tesouros, p. 40-41 e 28-29).
- 75 O carácter sintético das publicações de Maresme, de Tarraco e de Menorca e os dados de que dispomos para Barcino (359 moedas oficiais e 50 imitações) não permitem a distribuição dos exemplares segundo o centro emissor.
- 76 A publicação do material denominado Norte do Douro não permite a distribuição por centros emissores das 737 moedas oficiais e das 25 imitações.
- 77 Carreté i Nadal (1994, p. 241) defendeu o fabrico local destas imitações em âmbitos urbanos com maior necessidade de numerário a partir da percentagem de imitações que Tarraco apresenta e perante a ausência das mesmas em sítios como La Olmeda, Clunia e Maresme. A referida ausência não se verifica e, por outro lado, a situação litoral de Tarraco, próxima de Arelate e Lugdunum e o predomínio entre as imitações da marca destes dois centro emissores, em detrimento de Roma, não corroboram a dita hipótese que de momento é necessário abandonar.
- 78 Veja-se o debate cronológico sobre as emissões irregulares de 330-348 (opiniões de Callu e Garnier, Cabarrot e Nony, Delmaire), *supra*, p. 101-102.
- 79 Uma visão ampla sobre a polémica originada, desde finais do século passado, pela cronologia destas moedas, encontra-se em Bricks-tock (1987, p. 7-26).
- 80 Barcino, com um alto número de imitações sobre o numerário do período (39,13%), poderia indicar a existência de uma oficina irregular nesta zona, mas nesse caso o número de achados deveria ser mais numeroso. 18 exemplares imitação e 28 oficiais, não permitem uma afirmação neste sentido. Além de mais, a circulação destas emissões pertence a estratos do século VI (veja-se *supra*, p. 105, n. 32).
- 81 Como já tinha notado Depuyot (1987, p. 86), o aprovisionamento romano torna-se mais significativo, sobretudo, desde o período 336-341: "Dès alors, il semble que les productions romaines jouèrent un rôle de remplacement alors que les produits gaulois fai-

saient défaut. Cette possibilité de faire appel aux séries romaines explique grande partie que la Péninsule Ibérique échappe aux grandes vagues d'imitations de ces années”.

- 82 Total de moeda oficial e de imitação sobre o conjunto de sítios e tesouros que proporcionaram imitações (a partir dos Quadros 2 e 5). No segundo período não se considerou o tesouro de Troino, já que a baixa percentagem de imitações não deve corresponder à realidade (com este tesouro, a percentagem de imitações desce a 2,66%).
- 83 Só conhecemos o módulo de um deles (catálogo de imitações, p. 58, n.º 51, 9 mm, estampa 4); dos outros dois, temos a indicação de Maria Luisa Nunes “módulo muito reduzido” (n.º de catálogo 50 e 52). Arroyo Ilera (1980, p. 96; 1985a, p. 240-241), surpreendentemente, situou sistematicamente os *minimi Fel Temp Reparatio*, assim como os das emissões de 330-341, nos finais de século IV e inícios de século V. Em Conimbriga estão presentes igualmente três imitações *minimi*, com os reversos identificáveis, um *Gloria Exercitus*, uma *Victoriae dd Auggg nn* e um *Fel Temp Reparatio* – “cavaleiro derrubado” (catálogo de imitações, *supra*, p. 80, n.º 8, 9 e 35), dando os seus publicadores uma cronologia ampla, meados de século IV, inícios de século V (Pereira et al., 1974, p. 165).
- 84 Sobre a criação da “siliqua” veja-se *supra*, sistema monetário, p. 19.
- 85 Sobre imitações de moeda de prata, cfr. Boon (1988², p. 143-144); Bastien (1985b, p. 146-149, 1987, p. 149-151).
- 86 Do catálogo da publicação das moedas de Conimbriga constam 27 *Spes Reipublice* (n.º 3046-3072) sob a rubrica de “imitations”, não obstante as mesmas não serem referidas como tais nem no inventário geral nem no estudo do período (Pereira et al., 1974, p. 280-282, Quadro p. 186). Os exemplares foram revistos e não se trata efectivamente de imitações, mas apenas de um erro do catálogo. Pode-se apreciar nas fotografias que o n.º 3047, o único exemplar reproduzido deste grupo (Pereira et al., 1974, estampa 38), não é imitação.
- 87 Dois exemplares tanto poderiam ser imitações como moedas oficiais. Neste caso, o número de imitações passaria para 155. A autora inclui-as entre as cunhagens não oficiais (Lallemand, 1967, p. 59).
- 88 Abad Varela (1993, p. 1017-1031) recompilou os exemplares publicados até ao momento como imitação de Ae2 *Reparatio Reipub*: 10 exemplares no total.
- 89 Sobre estes tesouros e a sua composição, veja-se *supra*, catálogo tesouros, p. 44-48.
- 90 Trata-se de pequenos lotes, inéditos: Cerca (30 Ae2), Lapa da Galinha (19 Ae2) e Abrantes (11 Ae2), os três depositados no MNA em Lisboa; Monte Molião (47 Ae2) encontra-se depositado no Museu Regional de Lagos.
- 91 Conimbriga A é um tesouro de estrutura mista Ae2 e Ae3/Ae4, que compreende 23 Ae2 *Reparatio* sobre 325 exemplares (7,07%); Conimbriga E é um tesouro de estrutura Ae2, que compreende 6 Ae2 sobre 24 exemplares (25%).
- 92 Sobre este tesouro veja-se *supra*, catálogo de tesouros, p. 43. A imitação aprecia-se perfeitamente na fotografia da publicação (Pereira et al., 1974, estampa XL, n.º 3447). Alertados por esta circunstância, conferimos directamente os Ae2 *Reparatio Reipub* das “Novas Escavações” da publicação das moedas Conimbriga, depositados no Museu Monográfico de Conimbriga e comprovámos a existência de imitações de Ae2 *Reparatio*, sobretudo entre os exemplares procedentes de achados de circulação, de imperador e centro emissor inatribuíveis (veja-se *supra*, catálogo de imitações Conimbriga, p. 80, n.º 36-45). Entre os exemplares do tesouro de Conimbriga A não se encontram imitações.
- 93 Existe ainda um pequeno lote de um tesouro maior procedente de Colloto, Asturias, oculto no interior da ponte romana deste sítio (Rodríguez Otero, 1994, p. 236-249). Trata-se de sete Ae2, entre os quais se encontram dois Ae2 *Reparatio Reipub*. Pelas moedas conhecidas, este seria o único testemunho de um tesouro de estrutura Ae2 conhecido para o norte da Península (a este respeito, também Cepeda, 1995, p. 42), embora, tendo em consideração o lugar em que foram ocultadas as moedas, este pudesse ser um tesouro itinerante, formado noutra parte da Península. Há também outro pequeno conjunto procedente de Peñas de los Gitanos, Granada (Ferrer Palma e Rodríguez Oliva, 1978, p. 327-342), integrado por sete Ae2, entre os quais dois Ae2 *Reparatio Reipub*.
- 94 Mesmo assim, as cifras de imitações *Reparatio Reipub* apresentadas por García Figuerola para o tesouro de Garciaz parecem-nos escassas, sobretudo se as compararmos com o índice dado pelos tesouros de Torrecaños e Santa Vitória do Ameixial. Estes três tesouros encontram-se muito próximos não só quanto à sua composição mas também do ponto de vista geográfico.
- 95 Notas ao Quadro: percentagem de imitações sobre o total do *Reparatio*. *A publicação do tesouro de Balboa (Isla Bolaño, 1982, p. 29-32) não inclui moedas *Reparatio Reipub*, mas García Figuerola (1997b, p. 501) apresenta uma imitação *Reparatio* (de imperador e centro emissor indeterminado, marca: - - // ISC; 2,16 g, 18 mm) que não inserimos no nosso catálogo. A percentagem de imitações nos tesouros de La Lantejuela e Zona Accitana pode ser mais elevada. No caso do tesouro de Garciaz, é duvidosa a escassa proporção que apresenta. Se não incluirmos os exemplares oficiais e de imitação deste tesouro, a percentagem do total de imitações no âmbito dos tesouros passa para 6,79%.
- 96 Consideramos estes dois tesouros para estabelecer o limite superior e inferior das percentagens porque são os que têm um maior número de exemplares.
- 97 Ao total de imitações é preciso acrescentar mais dez do Museu de Mérida e um exemplar do Museu de Cáceres (veja-se *supra*, catálogo de imitações, p. 86). Não incluímos estas imitações no Quadro por considerarmos que viciariam a informação, já que se tratam apenas de imitações. Com estes exemplares, a percentagem de imitações torna-se excessivamente alta (7,96%). Ainda existem mais três imitações procedentes de Sotalvo (Ávila) em nome de *Gratianus*, *Valentinianus* II e *Theodosius*, mas o autor não dá nenhuma indicação mais precisa (Abad Varela, 1995, p. 213).
- 98 Este índice poderia ser mais alto: em Conimbriga, entre os 121 Ae2 *Reparatio* oficiais incluem-se 11 exemplares que poderiam ser também imitações; mas o grau de desgaste que sofrem não permite afirmá-lo. Se fossem considerados como imitações, o índice geral de imitações passaria para 8,41%.
- 99 Perante os dados conhecidos sobre estas imitações *Reparatio Reipub* para a Grã-Bretanha, a Gália e as Províncias Danubianas, afirma “...le pourcentage d’imitations ne peut être que modeste” (Bastien, 1987, p. 148).
- 100 García Figuerola (1997b, p. 489-490), ao estudar as imitações dos tesouros de Garciaz, Torrecaños e Las Quintanas, julga que estas apresentam um “porcentaje exiguo (2,28%) que habla por sí solo del escaso papel que representó este tipo de piezas en la circulación”. Mas, a nosso ver, o autor comete um erro ao incluir conjuntamente as imitações *Reparatio Reipub* e as do Ae2 *Gloria Romanorum* – “*labarum*” calculando as percentagens sobre o total de ambas as séries de moedas, quando se trata de duas séries diferentes que respondem a dois momentos cronológicos distintos e a uma problemática diferente.

- 101 Não foi possível incluir os dois exemplares de Barcino porque os dados de que dispomos não o permitem.
- 102 Sobre a usurpação de *Maximus*, cfr. Palanque (1965, p. 255-267); também Vera (1975, p. 267-301).
- 103 Sobre o termo do Ae2 *Reparatio*, veja-se *supra*, sistema monetário, p. 20, n. 13.
- 104 Esta é também a opinião de Lallemand (1967, p. 14) para quem a sua produção "... semble avoir été plus abondante soit pendant le règne de Gratien soit au début du règne de *Magnus Maximus*, à un moment où les monnaies au nom de l'usurpateur ne figuraient pas encore en majorité dans la circulation monétaire". Para García Figuerola (1997b, p. 490) o fenómeno da imitação do Ae2 *Reparatio Reipub* seria paralelo à sua introdução, dado que *Gratianus* é o imperador mais bem representado entre as imitações dos tesouros de Torrecaños, Garciaz e Las Quintanas. A ausência nestes tesouros de imitações em nome de *Maximus* e a escassez de exemplares conhecidos fora da Península (14 no total) levam-no a concluir que o fenómeno vai para além de 383, "aunque todos los indicios parecen apuntar a que el gran momento de las imitaciones es anterior a esta fecha" (García Figuerola, 1997b, p. 491).
- 105 Este número poderia ser mais elevado, uma vez que entre as imitações de imperador indeterminado se encontram 17 exemplares cuja legenda de anverso: [...]NVS tanto pode pertencer a *Gratianus* como a *Magnus Maximus*. Se fosse este o caso, as imitações em nome de *Maximus* passariam de 18 para 35 exemplares (10,11%), mas isto não altera as conclusões gerais.
- 106 Por exemplo, no tesouro de Santa Vitória do Ameixial, 39,93% (650 exemplares) dos Ae2 *Reparatio Reipub* pertencem a *Gratianus* enquanto 30,53% (495 exemplares) pertencem a *Maximus*. As diferenças entre ambos invertem-se se só contemplarmos os Ae2 *Reparatio* emitidos pelos centros emissores gálicos: em 793 exemplares, 37,57% (298 exemplares) pertencem a *Gratianus* e 62,43% (495 exemplares) a *Maximus*.
- 107 Lallemand (1967, p. 13) admite implicitamente o fim da cunhagem destas imitações nos inícios do reinado de *Maximus*, porque assim se explicaria melhor a repartição das imitações (Hemptinne só inclui cinco *Reparatio* em nome de *Maximus*), embora considere que algumas, poucas, datem do final do reinado do usurpador.
- 108 García Figuerola (1997a, p. 148-151) considera a possibilidade de ter existido um protótipo a partir do qual se realizaram estas cópias. Este seria uma moeda de transição, como ensaio, entre o tipo do *Reparatio* e as peças posteriores da *Victoria Augg*. Apesar disto, aceita que se trate de peças não oficiais cunhadas no final do reinado de *Magnus Maximus*, como hipótese mais lógica, uma vez que foram cunhadas imitações em nome de *Maximus*. Para nós, todos estes exemplares são sem dúvida imitações, resultado de uma confusão manifesta nas oficinas clandestinas.
- 109 Sobre as imitações de Ae2 *Victoria Augg* e o fim da cunhagem de ambos os gupos, veja-se *infra*, p. 149 e n. 141.
- 110 A baixa amostra de Treveri não é surpreendente; a sua representação é a mesma entre os Ae2 *Reparatio* oficiais: no tesouro de Tróia III, representam 2,65% (6/226); em Santa Vitória do Ameixial, 4,17% (68/1628).
- 111 Não é este o lugar apropriado para nos estendermos num estudo deste tipo, mas já Lallemand (1967, p. 22-24) notou igualmente estas peculiaridades.
- 112 Apesar de tudo, Arelate e, em menor medida, Aquileia, seriam os únicos centros emissores que permitiriam, nos casos mais claros, uma atribuição iconográfica. Conscientes do risco deste critério, optámos por incluir estas moedas entre as imitações com marca de centro emissor indeterminado indicando no catálogo, como orientação, esta atribuição. Se se considerarem as peças atribuídas a Arelate, a distribuição das imitações aproxima-se mais dos traços que apresentam os *Reparatio* gauleses nestes tesouros (Arelate passa de 74 a 95 exemplares: 27,69%), nos quais Arelate é o centro emissor dominante (veja-se *infra*, p. 140-141).
- 113 Em Hemptinne, três exemplares com a marca de centro emissor de Arelate sofreram esta mesma influência (Lallemand, 1967, p. 57, n.º 964 a 966). A leitura das legendas não evidencia nenhuma ligação de cunho com os exemplares de Santa Vitória do Ameixial nem com o exemplar de Tróia IV.
- 114 Trata-se de dois exemplares no tesouro de Ferrarias (catálogo de imitações, p. 69, n.º 2 e 3) e dois em Santa Vitória do Ameixial (catálogo de imitações, p. 72 e 73, n.º 83 e 127). O número 83 procede de facto do mesmo cunho de anverso que o n.º 38 (catálogo de imitações, p. 71) com a marca - // CONP. Nas restantes peças com a marca de emissão "S", o exergo lê-se total ou parcialmente. É preciso considerar também três peças com a marca "S" e outra com a marca "C" procedentes do tesouro de Torrecaños (catálogo de imitações, p. 70, n.º 14, 15, 24 e 25 que García Figuerola (1997b, p. 496 e 501, n.º 9-10, 51-52) inclui entre as imitações de Lugdunum, mas devem ser incluídas entres as de centro emissor indeterminado.
- 115 Quadro a partir de Lallemand (1967, p. 12). Excluímos do cômputo as imitações com o reverso *Victoria Augg* (três exemplares em nome de *Gratianus* e sete em nome de *Maximus*) que a autora considera conjuntamente com os *Reparatio*.
- 116 A identificação destas imitações deve-se a García Figuerola (1997b, p. 496-504). A alta proporção que atingem as imitações de Arelate nos tesouros de Las Quintanas e Garciaz contrasta fortemente com os dados procedentes dos tesouros de Santa Vitória do Ameixial e Tróia III-IV. É muito provável que na base destas diferenças esteja um critério de identificação diferente. Perante aqueles dados, o autor considera que "las marcas de Arlés son las más imitadas. Es probable que el fenómeno sea común para toda la Península..." (García Figuerola, 1997b, p. 491). Mas esta hipótese deve ser abandonada.
- 117 Lugdunum: 131 exemplares (57,46%); Arelate: 97 exemplares (42,54%) sem as moedas de *Maximus*; com *Maximus*, Lugdunum: 275 exemplares (48,94%); Arelate: 287 exemplares (51,06%) (Lallemand, 1967, p. 9).
- 118 Trata-se de uma imitação com marca duvidosa (cfr. catálogo de imitações, p. 76, n.º 32).
- 119 Representação do centro emissor de Roma sobre o total do *Reparatio Reipub* do período 381-383.

	Roma	Total	%
Quintanas	47	159	29,55
Santa Vitória	397	1127	35,22
Tróia III	66	173	38,15
Tróia IV	202	552	36,59
Hemptinne	55	816	6,74

- 120 O número do exemplar de Las Quintanas corresponde ao número da fotografia da publicação já que, no catálogo da mesma, o n.º 604 pertence a um Ae2 *Gloria Romanorum*. Pensamos que deve ser o n.º 603 do catálogo (20 do nosso catálogo, p. 68), embora este seja de centro emissor indeterminado (García Figuerola, 1995, p. 120). Esta moeda aparece já em García Figuerola (1997b, p. 501, n.º 55) como de imperador indeterminado e Roma.
- 121 A origem gálica destas imitações é defendida também por García Figuerola (1997b, p. 495), com base no predomínio das marcas de Arelate e Lugdunum em detrimento de Roma e na escassez de cópias orientais. De facto, a não existência de cópias de Antiochia ou Alexandria é outro claro argumento para uma origem gálica das imitações, embora as moedas oficiais destes dois centros emissores sejam pouco numerosas.
- 122 A imitação n.º 39 de Santa Vitória do Ameixial apresenta um anverso muito próximo da n.º 888 de Hemptinne (Lallemand, 1967, p. 53), podendo proceder do mesmo cunho.
- 123 Veja-se *supra*, ligações de cunho, p. 142-144. Por exemplo, do mesmo cunho de anverso (*Gratianus*) e de reverso (Lugdunum) procede um exemplar de Santa Vitória, de Tróia III e de Boca do Rio; e do mesmo cunho de reverso que estes, um exemplar de Tróia III, estampa 6.
- 124 Veja-se *supra*, p. 141.
- 125 Veja-se *supra*, p. 142-143 e estampa 6, de Santa Vitória n.º 50 a estampa 7, Santa Vitória n.º 105.
- 126 Uma imitação de Tróia IV sofreu a influência de Lugdunum, catálogo de imitações p. 75, n.º 18: - S // SMRQ ou AQ, estampa 7.
- 127 “Uma vez que alguns *monetarii* se ocupam de falsificação de moeda — *adulterina moneta* — por processos clandestinos, todos reconheçam a necessidade que lhes incumbe de investigar os homens deste calibre, para que uma vez investigados possam ser capturados e entregues aos tribunais, para revelarem logo os cúmplices do facto, através de castigos, e assim virem a ser sentenciados com as adequadas punições. Aos acusadores permitimos também a sua imunidade cuja medida, em virtude de ser diferente o património, será determinada por nós caso a caso. Concedemos também a cidadania romana aos escravos que denunciarem este crime, com a medida de que os seus senhores recebam do fisco uma indemnização... Se se provar que o dono de uma propriedade rústica ou urbana é cúmplice convirá deportá-lo para uma ilha, devendo confiscar-se imediatamente todos os seus bens, mas se o crime foi cometido sem o seu conhecimento deve perder a posse da propriedade rústica ou a casa — *possessio vel domus* — em que este crime foi cometido...”. (A tradução do texto latino é do padre José Eduardo Reis Coutinho)
- 128 “Outrora estabeleceu-se como lei que, se fosse cunhada moeda falsa com conhecimento de qualquer senhor no seu *fundus* ou na sua casa, o fisco reclamaria para o seu domínio a sede do crime. Agora acha-se por bem fazer distinção para que se o proprietário reside na imediata vizinhança, a sua incúria ou negligência seja punida e aplicado o preceito acima referido, se, pelo contrário, ele tiver estado ausente por longo tempo daquela casa ou propriedade não sofra nenhum dano...”. (A tradução do texto latino é do padre José Eduardo Reis Coutinho)
- 129 Sobre a interpretação destas leis: Grierson (1956, p. 254-255); King (1977, p. 158), que também vê nelas a sugestão de que trabalhadores dos centros emissores oficiais cometem ofensas de falsificação, aparentemente fora dos centros emissores oficiais. Para Bastien (1985a, p. 160), a lei de 321 é uma clara evidência de que “the clandestin activity of official engravers ... at the time imitations of nummi were issued following the reform of 318...”, rejeitando a opinião de autores como Babelon (1901, p. 871-872) e Callu (1972, p. 271-273), que encontram nesta lei a prova de que os monetários que trabalham em casa para os centros emissores oficiais também se dedicam à falsificação, já que se torna difícil acreditar que uma administração zelosa deixasse os cunhos fora de controle.
- 130 Veja-se anexo, *infra*, p. 182-183.
- 131 Veja-se *supra*, p. 139. Estampa 5, n.º 39.
- 132 Na moeda n.º 18 de Santa Vitória do Ameixial (catálogo de imitações, p. 71), e na moeda n.º 12 de Tróia IV (catálogo de imitações, p. 75), um mesmo anverso de *Gratianus* une um reverso de Lugdunum e outro de Arelate. No tesouro de Hemptinne duas imitações, n.ºs 883 e 884, estão ligadas pelo mesmo cunho de anverso, mas a primeira leva um reverso com a marca do centro emissor de Lugdunum e a segunda, com a de Treveri. Outras duas imitações, n.ºs 885 e 886, procedem do mesmo cunho de anverso, mas a n.º 886 copia uma moeda de Lugdunum, enquanto a n.º 885 o faz de Treveri, já que, embora de exergo ilegível, procede do mesmo cunho de reverso que a moeda n.º 884 (Lallemand, 1967, p. 31 e 53).
- 133 Veja-se, por exemplo, *supra*, p. 142-143, n.º 8 e n.ºs 30 e 40.
- 134 O talhe teórico aceite pelos investigadores para o *Reparatio Reipub* é de 1/60 da libra, isto é, um peso teórico de 5,45 g segundo a libra de 327,45 g. Estas importantes variações de peso explicam-se porque a cunhagem se efectua à libra, ou seja, a um número determinado de *flans* por libra, sem atender ao cuidado de que cada peça se ajustasse ao seu peso teórico correspondente. A cunhagem realizava-se assim com uma ampla margem de tolerância.
- 135 Em todos os tesouros, os exemplares de peso mais débil apresentam um módulo de Ae2.
- 136 Entre os achados de circulação encontram-se peças de bom módulo e peso e como nos tesouros, com excepção dos três casos referidos acima, as imitações de peso bastante inferior ao Ae2 conservam um módulo próximo deste.
- 137 No estudo de Galiana (Rodríguez, 1992, p. 64) não se dá indicação nenhuma a este respeito. Os exemplares 618 e 619 estão “incompletos” e o n.º 620 “fragmentado”; contudo, a diferença de peso parece significativa. O terceiro exemplar apresenta a marca : - - // [...]SCS, inexistente.
- 138 O peso médio das imitações de Hemptinne é algo inferior (3,75 g) às de Santa Vitória enquanto as peças oficiais têm uma média algo superior (4,89 g). O desvio entre o peso das imitações e dos *Reparatio* oficiais é de 23,31% que passa a 31,19% sobre o peso teórico de 5,45 g (Lallemand, 1967, p. 33).
- 139 Sobre esta emissão e a sua cronologia, veja-se *supra*, sistema monetário, p. 21, n. 14.
- 140 A ocultação deste tesouro situa-se em cerca de 387. Sobre os exemplares *Victoria Augg* em nome de *Gratianus*, veja-se *supra*, p. 135.
- 141 O fim da cunhagem do Ae2 no Ocidente e no Oriente (embora aqui seja retomada em 393), não pressupõe a desmonetização efectiva do Ae2, mesmo que tenha ocorrido tal tentativa, como mostra a associação nos tesouros deste Ae2 com o Ae2 oriental de 393.

- Por isso, a descontinuidade da cunhagem do Ae2 ocidental não deve significar o final das suas imitações, mas o escasso número de Ae2 *Victoria Augg* que chega à Península permite pensar num final efectivo destas imitações conjuntamente com os seus protótipos e também das imitações *Reparatio Reipub*.
- 142 Sobre estas emissões, veja-se *supra*, sistema monetário, p. 21.
 - 143 Trata-se de um tesouro de 101 Aes que inclui moedas alto-imperiais e, sobretudo, moedas baixo-imperiais. Circunstâncias confusas na descoberta deste achado relacionam-no com 15 moedas gregas, uma moeda bizantina e 20 moedas árabes. Assim, a cronologia destes materiais estende-se entre o século IV a.C. e o século XII d.C. Este facto levou-nos a não incluir este tesouro no catálogo dos tesouros que contêm imitações. Entre as moedas predominam os centros emissores orientais, o que indica uma possível formação oriental do mesmo. O único Ae2 oriental do período 383-387 é a imitação antes referida (Arroyo Ilera, 1985b, p. 139-156).
 - 144 Sobre a circulação destas cunhagens, veja-se Callu (1978c, p. 99-119) e também Depeyrot (1987, p. 89-90).
 - 145 Sobre estes tesouros veja-se o catálogo de tesouros, *supra*, p. 41-50 e a análise a respeito do *Reparatio*. Os sítios considerados nesta análise não apresentam imitações, mas é possível que, nestes achados, algumas imitações tenham sido incluídas entre as moedas oficiais. Não obstante, extrapolando a informação conhecida, o fenómeno não pode ter atingido a amplitude do *Reparatio*. Por exemplo, foram revistos os Ae2 *Gloria Romanorum* – “*labarum*” da publicação de Conimbriga e constatámos que não existiam imitações.
 - 146 As duas partes das legendas de anverso e reverso defeituosas correspondem-se, mesmo na gravação ou punção das letras.
 - 147 O exemplar de Las Quintanas poderia pertencer a este mesmo grupo, mas infelizmente não se apresenta fotografia.
 - 148 A moeda n.º 44 de Torrecañes (catálogo de imitações, p. 70) apresenta um anverso e reverso muito semelhantes (poderia existir ligação de cunho). Inclusivamente, a marca que a moeda leva, CONOI, poderia ser igualmente CONOF.
 - 149 O talhe teórico aceite pelos investigadores para este Ae2 é de 1/60 da libra (5,45 g), enquanto o módulo desce em relação aos Ae2 precedentes e situa-se geralmente entre 18 e 21 mm.
 - 150 Barcino proporcionou também quatro imitações com esta tipologia de reverso sobre um total de 28 exemplares (13,7%), mas o seu peso (entre 1,1 e 1,9 g) e o seu módulo (entre 9 e 15 mm), afastam-se consideravelmente dos padrões metrológicos do Ae2. São as únicas imitações conhecidas com estas características e é difícil estabelecer a sua origem e cronologia, já que apareceram em estratos do século VII numa circulação dominada pelos próprios Ae2 *Reparatio Reipub* e *Gloria Romanorum*. Neste caso, o seu fabrico pode corresponder a momentos muito posteriores e responder a uma necessidade de numerário fraccionário como indica Teresa Marot (1987, p. 217 e imitações, p. 222, 226 e 228, gráficos).
 - 151 A dificuldade em diferenciar a moeda oficial da moeda de imitação torna-se mais evidente com estas emissões, pelas próprias características deste Ae4. Veja-se *supra*, introdução, p. 90-91.
 - 152 Veja-se, por exemplo, o quadro de alguns tesouros “teodosianos” em Delmaire (1983b, p. 134).